
Bonfiglioli

Vite senza fine

SONHOS, PESSOAS, INOVAÇÃO



Vite senza fine
SONHOS, PESSOAS, INOVAÇÃO

O SIGNIFICADO POR TRÁS DO TÍTULO: Vite Senza Fine

Embora o título desta monografia tenha sido mantido em seu italiano original, sua essência é universal. “Vite senza fine” é um poderoso jogo de palavras que encapsula a própria alma da Bonfiglioli.

No mundo da mecânica, uma vite senza fine é um parafuso sem-fim — o componente engenhoso que marcou nossas origens e impulsionou nosso crescimento global.

Mas, em italiano, a expressão carrega um segundo significado, mais profundo: “vidas sem fim”. Ela evoca as gerações de mulheres e homens cuja paixão, engenhosidade e dedicação estão entrelaçadas à própria história desta empresa. Representa os laços inquebráveis entre as nossas pessoas e o legado que construímos juntos — uma jornada sem fim, em direção a horizontes ainda inexplorados.

Vite senza fine é mais do que um produto; é a nossa promessa. É a tecnologia que move o mundo e o espírito humano que lhe dá propósito.

Índice

	Introdução	4
	Prefácio	8
01	O milagre industrial de Bolonha	10
02	Clementino Bonfiglioli, o Pioneiro	24
03	Anos de amor pela fábrica	50
04	As mulheres e os homens que construíram a empresa	68
05	A evolução da comunicação	82
06	Acostumados a vencer nos negócios e no esporte	98
07	Soluções a serviço das pessoas	110
08	Das caixas de engrenagens aos sistemas: o caminho para um sonho	122
09	Do local ao global e ao glocal	142
10	Responsabilidade Social	164
11	Inovação, a força motriz do crescimento e da evolução	178
12	Nossa visão para um futuro sustentável	192
13	Ser Bonfiglioli	204
	Uma história que continua	218



Introdução

A PRESIDENTE
SONIA BONFIGLIOLI

Querido papai,

Muitos anos se passaram desde que você nos deixou, mas, em meu coração, o tempo nada fez para apagar a sua presença. Estes últimos dezesseis anos sem você foram um desafio constante, seguindo o caminho que você traçou e que agora se desenrola em um mundo cada vez mais complexo e imprevisível. Houve muitos momentos difíceis e, quando os enfrentei em silêncio, procurei por você, pedindo a ajuda que sempre me deu. Todos os dias, quando entro na empresa, ainda ouço seus passos decididos, sua voz firme e apaixonada, e vejo o seu olhar sorridente, sempre cheio de confiança. Gosto de passar a mão sobre a mesa que um dia foi sua e onde agora trabalho, neste escritório que ainda é tão bonito, que a Mamãe quis criar para você e que você costumava dizer, em tom de brincadeira, que era luxuoso demais.

Minha lembrança mais antiga da Bonfiglioli como empresa vem de muito longe: você segurava minha mão enquanto eu subia as escadas que levavam ao seu escritório, degraus grandes demais para uma menina tão pequena. Depois, descíamos juntos e você abria a pesada porta que protegia o seu tesouro: sua oficina, seu reino. Aquele era o seu mundo e, aos olhos de uma criança, já era um lugar mágico, tão fascinante quanto a caverna encantada de Merlin, o Mago. Foi ali, ao seu lado, que nasceu o meu amor pela fábrica, arrebatada pelo brilho especial dos seus olhos sempre que você caminhava entre suas máquinas, cumprimentando todos pelo nome.







Para mim, você era o cavaleiro que partia em um cavalo alado, levando-o para lugares mágicos e trazendo-o sempre de volta com uma pequena boneca para mim — vestida com o traje típico do país que havia visitado — e um presente igualmente característico para meu irmão Luciano. Porque o mundo era a sua outra grande paixão. Embora você falasse mal o alemão - uma língua que aprendeu durante os anos de guerra - e nem uma palavra de inglês, sempre conseguiu se fazer entender. Ainda me lembro da minha primeira viagem de avião com você, em uma Caravelle com bancos de madeira, rumo a Barcelona, onde ficava a primeira fábrica da empresa fora da Itália. Muitas outras viagens se seguiram, à medida que enfrentávamos novos desafios juntos e transformávamos sonhos compartilhados em novas realidades.

Você criou algo extraordinário: não apenas uma empresa que leva o nosso nome, mas uma verdadeira família, formada por colegas, ideias e sonhos. É essa mesma visão que me guia hoje, sabendo que você está sempre ao meu lado. Gostaria que pudesse ver o quanto crescemos, que pudesse conversar com as pessoas que hoje caminham ao meu lado, algumas das quais o conheceram, enquanto outras teriam adorado ter essa oportunidade.

Continuo sua obra com orgulho e paixão, porque tenho a felicidade — assim como você — de amar este trabalho e, acima de tudo, de amar a Bonfiglioli. Cada decisão, cada passo adiante, cada obstáculo que superamos carrega consigo um pouco daquilo que você me ensinou: o valor do comprometimento, o respeito por aqueles que trabalham ao nosso lado e a capacidade de olhar além do presente para construir o futuro. Nem sempre é fácil, mas sinto você perto de mim em cada escolha corajosa, em cada ação que coloca as pessoas e a dignidade do trabalho diário de nossa gente no centro de tudo. As novas gerações — meus filhos e os de Luciano — estão se preparando para enfrentar os desafios do próprio amanhã, com a força dos valores que você primeiro compartilhou conosco.

Papai, o amor que sinto por você é imenso, talvez ainda maior agora do que quando eu era menina. Penso em você com gratidão e saudade, mas também com a ternura de alguém que sabe que ela é filha de um grande homem. Levo você comigo em cada desafio, em cada conquista e em cada noite em que olho para o céu e me pergunto se você também está olhando para mim.

Gostaria de poder lhe dizer apenas uma coisa, se ao menos você pudesse me ouvir mais uma vez: obrigado. Por tudo o que você me deixou, por quem você foi e por quem continua sendo — em mim e naquilo que somos hoje, como Bonfiglioli.

Com amor infinito,
Sua filha, Sonia.



Prefácio

Escrever a história de Clementino Bonfiglioli e de sua empresa foi um grande privilégio, pois me permitiu mergulhar na vida de um homem extraordinário.

Fiz isso com cuidado e respeito. Estudei documentos, entrevistei aqueles que caminharam ao seu lado na busca de um sonho e examinei fotografias amareladas pelo tempo. Cada olhar, cada palavra contribuiu para a escrita deste livro.

Quando escrevo meus romances e peças de teatro, procuro sempre cativar os leitores e o público, convidando-os a embarcar em uma viagem pela imaginação. Meu objetivo com esta monografia é o mesmo.

Viajar pelos sonhos do jovem Clementino, percorrer o olhar repleto de emoção daqueles que o conheceram e testemunhar a transformação de uma pequena oficina mecânica em um grupo industrial global.

PELO AUTOR, MICHELE ATTANASIO



Será uma viagem no tempo, um olhar para o passado antes de colocar os pés no caminho que conduz ao futuro. Ao escrever estas palavras, sinto uma profunda gratidão por todos aqueles que me apoiaram na realização deste livro.

Meus agradecimentos a Sonia, que desejou com tanta paixão que esta obra se tornasse realidade. Ela tem sido minha luz-guia, e sou grato por ter me permitido conhecer a verdadeira história de sua família.

Agradeço também a toda a equipe que me apoiou ao longo destes últimos meses e a todas as pessoas que forneceram documentos e conselhos inestimáveis. Sua paixão só é superada por sua competência.

Foram eles que catalogaram setenta anos da história da Bonfiglioli e do próprio Clementino Bonfiglioli, realizando esse trabalho essencial. As fotos que poderá encontrar nas páginas a seguir conseguem transformar minhas palavras em imagens evocativas e emocionantes.

Agradeço às mulheres e aos homens da Bonfiglioli, que me fizeram sentir em casa, e agradeço também a você, leitor, pelo tempo que dedicará a esta monografia. Abra sua mente, acomode-se e prepare-se: a viagem começa agora.



O milagre industrial de Bolonha

CONHECIMENTO,
INICIATIVA E EDUCAÇÃO



Bononia Docet Mater Studiorum, 1663

Para compreender o sucesso industrial de Bolonha, precisamos fazer uma viagem ao passado, pois somente ao revisitar a história da cidade e examinar, com olhar curioso, os acontecimentos que se desenrolaram ao longo do tempo podemos obter um quadro completo.

Uma história que se estende por pelo menos nove séculos, durante os quais três elementos distintos — unidos por um fio inquebrável — moldaram a cidade de Bolonha e consolidaram sua reputação mundial como um centro de conhecimento, iniciativa e educação.

A viagem começa nas profundezas da Idade Média, no século XI.

Naquela época, a educação era confiada em sua maior parte a instituições eclesiásticas, que orientavam os estudantes para as Escrituras e para temas ligados à Igreja, resultando em currículos limitados, pouco propícios à exploração de outros campos do saber, com o objetivo de guiá-los para uma vida clerical. Os princípios ensinados entravam em conflito com as ideias dos jovens estudantes, que sentiam a necessidade de explorar as questões políticas e sociais que, ao longo dos séculos, levariam ao surgimento da era dos ***comuni*** (as cidades-estado da Itália medieval). Esses jovens pertenciam a famílias abastadas e logo passaram a procurar mestres capazes de transmitir conhecimentos, formando o que viria a ser conhecido como a classe dominante. Tratava-se de um movimento impulsionado por uma geração determinada a lançar o olhar para um novo mundo, e essas transformações acabariam por marcar para sempre a história da educação.

Bolonha, 1088 d.C.: este é o ano em que foi fundada a primeira universidade do mundo ocidental. Essa data foi arbitrariamente estabelecida em 1888, na sequência um estudo realizado por um grupo de intelectuais e bibliotecários coordenados por Corrado Ricci e financiado por Giosuè Carducci, o grande poeta e primeiro italiano a receber o Prêmio Nobel, em 1906.

A *Universitas Scholarum* estava organizada em corpos estudantis que garantiam a correta abordagem educativa, definindo os programas de estudo e pagando aos professores do seu próprio bolso. Inicialmente, o foco recaía sobre as disciplinas jurídicas, mas, com o passar do tempo, a variedade de matérias foi ampliada e programas de ensino cada vez mais estruturados passaram a ser desenvolvidos.

Essa nova fronteira cultural não estava isenta de desafios: os estudantes que se mudavam para Bolonha vindos de outras cidades, ainda que fossem ricos, não beneficiavam de qualquer proteção legal, uma vez que eram considerados estrangeiros. Em seu auxílio surgiu a *Authentica Habita*, um decreto imperial promulgado

por Frederico Barbarossa em meados do século XII, que introduziu mecanismos de proteção para estudantes que se encontravam longe de casa. Essencialmente, este era um sistema legislativo paralelo aplicado aos estudantes, professores e aos *nunzi* (enviados oficiais), que trabalhavam dentro da organização universitária, desempenhando funções semelhantes às dos atuais funcionários administrativos. Entre as disposições mais importantes estava a possibilidade de serem julgados por seus próprios mestres ou pelo bispo de sua cidade de origem, em vez de por juízes locais, direito que, na prática, os colocava em condição semelhante à dos membros do clero.

A oferta de cursos foi ampliada e, com ela, cresceu também o prestígio da futura Alma Mater. Houve, no entanto, muitos períodos sombrios e marcados por conflitos: com a ascensão política dos *comuni*, que desafiaram tanto o poder papal quanto o imperial, iniciou-se uma fase caracterizada pela interferência de figuras ligadas ao mundo político que, por diferentes razões, procuravam influenciar processos decisórios que até então eram de exclusiva responsabilidade dos estudantes.

A longa trajetória da Universidade acompanhou as transformações que marcaram as diferentes épocas da vida política, econômica e social de Bolonha, conferindo à cidade o prestígio que justamente conquistou. Por seus extensos corredores e salas de aula repletas de livros passaram e estudaram estudiosos e cientistas de renome mundial, alguns dos quais fizeram história: Luigi Galvani, Marcello Malpighi, Nicolau Copérnico, Francesco Petrarca, Leon Battista Alberti, Giovanni Pascoli e muitos outros. As mulheres também estiveram presentes, embora sua ascensão dentro da Universidade — assim como na sociedade — tenha sido dificultada por leis e costumes que limitavam, ao menos em parte, seu progresso. Laura Bassi, uma grande cientista e a primeira mulher da história a obter uma cátedra universitária, em 1732, foi impedida de lecionar no Archiginnasio, "*causa sexus*" (por causa de seu sexo). No entanto, foi autorizada a manter em sua casa um laboratório bem equipado, onde podia ministrar aulas particulares, e também lhe foi permitido ensinar publicamente nas salas de aula do Instituto de Ciências de Bolonha.

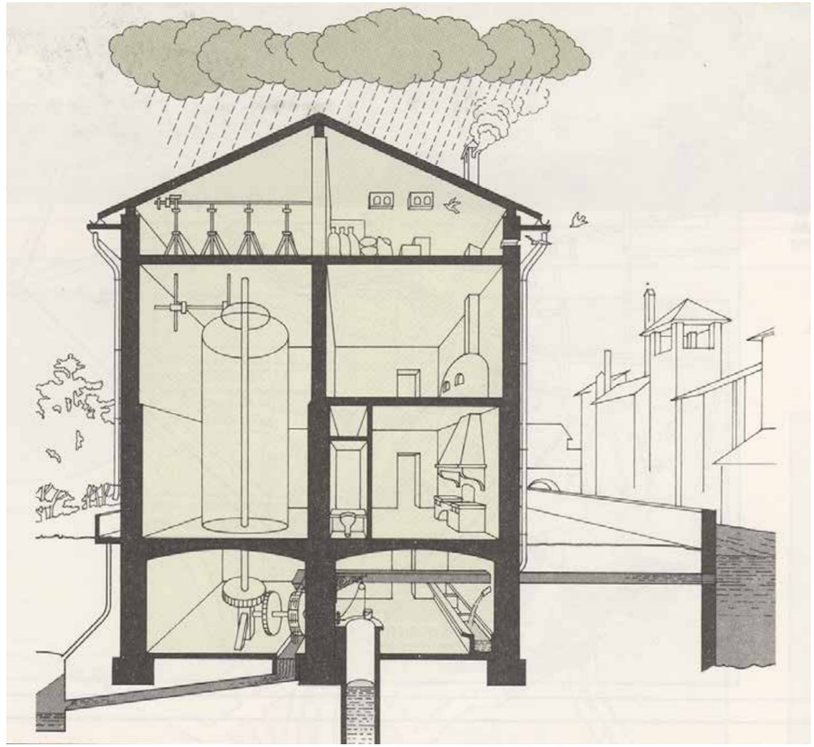
Outra figura histórica de relevo foi Maria Dalle Donne, que assumiu a direção da Escola de Obstetrícia a partir de 1804. Ela também teve de enfrentar discriminações em razão de seu gênero e passou toda a vida lutando pelo direito de lecionar seus cursos. Outro exemplo da excelência acadêmica da Alma Mater foi Angiola Sbaiz, nascida no Friuli, que se formou em Direito em Bolonha, em 1931. Ela esteve entre as fundadoras do Soroptimist Club, em 1949, e foi uma advogada de extraordinária competência e profundidade intelectual. Em 1978, assumiu a presidência da Ordem dos Advogados de Bolonha, tornando-se a primeira mulher na Itália a ocupar esse cargo.

A capacidade de iniciativa dos homens e mulheres que nasceram em Bolonha, ou que ali se estabeleceram para estudar ou trabalhar, deu origem a uma verdadeira



ALMA MATER STUDIORUM
UNIVERSITÀ DI BOLOGNA

Reprodução de uma página de um manuscrito iluminado preservado pela Biblioteca Universitária de Bolonha ©Universidade de Bolonha



Secção transversal do Moinho Pedini, situado na Via Azzogardino no séc. XVIII, reconstituição gráfica de Arrigo Donini

revolução industrial muitos séculos antes dos acontecimentos ocorridos na Inglaterra do século XIX.

A partir do século XII, houve um aumento acentuado da população da cidade, impulsionado pelo crescente prestígio da Universidade, e começaram a surgir inúmeras atividades para dar resposta às necessidades cada vez maiores da população. Os bolonheses compreenderam que, para atender a essas necessidades, era preciso aproveitar a força da água. Mas havia um problema: Bolonha é atravessada por apenas um curso de água, o córrego Aposa.

Para aumentar o fluxo de água, entre 1176 e 1191 foram construídas duas comportas para desviar o curso do rio Savena e do rio Reno em direção à cidade. Essa inovação permitiu aumentar o número de moinhos de água utilizados para alimentar moinhos de azeite e moinhos de cereais, ou para produzir papel.

Os negócios dos artesãos de Bolonha cresceram significativamente, até que perceberam ter alcançado os limites impostos pelo sistema de comportas: já não era possível aumentar mais a vazão de água. Mais uma vez, prevaleceram a capacidade de iniciativa e a engenhosidade dos bolonheses: impossibilitados de obter mais água, encontraram uma maneira de fazer melhor uso daquela que já possuíam. Assim, começaram a construir moinhos acionados por rodas d'água de alimentação superior: sistemas concebidos para transmitir movimento por meio da queda da água a partir de um nível mais elevado. Dessa forma, além da energia fornecida pela água, passaram também a aproveitar a energia gerada pelo peso das rodas superiores à medida que giravam.

Com a difusão das rodas d'água de alimentação superior, a produção cresceu em diversos setores: curtumes, moinhos de grãos e, acima de tudo, fiações de seda.



A antiga Bolonha da água e da seda: modelo em escala 1:2 da máquina de fiar seda ao estilo de Bolonha, Museo del Patrimonio Industriale

Durante quatro séculos, Bolonha foi a capital indiscutível da produção de seda, graças também ao desenvolvimento de outra invenção: o *filatoio alla bolognese* (máquina de fiar seda à moda de Bolonha). Desenvolvida por artesãos provenientes de Lucca, que chegaram a Bolonha para escapar da instabilidade política e militar de sua cidade entre os séculos XIII e XIV, a máquina foi aperfeiçoada pelos artesãos bolonheses, que garantiram o seu sucesso definitivo. Essa máquina distribuía-se por vários níveis e era acionada pelas rodas de água instaladas nos porões das casas. Esta nova tecnologia permitiu produzir seda de qualidade superior e aumentar significativamente a produção, possibilitando exportações para toda a Europa. Muitas residências foram transformadas em fiações e todos os membros da família passaram a participar na produção da seda. Ao longo dos quatrocentos anos seguintes, o sistema produtivo de Bolonha demonstrou extraordinária capacidade empreendedora, tanto no desenvolvimento de novas tecnologias quanto na implementação de iniciativas destinadas a impulsionar o comércio e conquistar novos mercados.

Mas o conhecimento e a iniciativa, por si só, não bastavam para alcançar o sucesso empresarial. Dois grandes pensadores de Bolonha, dois estudiosos, estavam convencidos disso: Giovanni Aldini, cientista e sobrinho de Luigi Galvani, e Luigi Valeriani, um dos mais importantes economistas de sua época. Ambos eram figuras proeminentes nos círculos acadêmicos de Bolonha e compartilhavam a convicção de que, para sustentar e desenvolver as atividades empreendedoras, era igualmente necessário oferecer formação prática aos jovens. Aldini e Valeriani foram verdadeiros visionários: em seus testamentos, deixaram recursos destinados à criação de uma escola para formar as futuras gerações. O principal objetivo era fornecer às novas empresas trabalhadores qualificados que, por meio de cursos práticos, adquirissem a capacidade de projetar componentes mecânicos e fabricá-los utilizando as rudimentares máquinas-ferramenta da época. Desde então, os institutos Aldini-Valeriani formaram milhares de jovens, alguns dos quais, colocando em prática o que aprenderam durante seus anos de estudo, ajudaram a escrever a história da indústria bolonhesa.

Isso se torna particularmente evidente quando observamos a segunda metade do século XX. Foi um período difícil: a Segunda Guerra Mundial havia deixado profundas cicatrizes em toda a Itália, trazendo destruição, pobreza e profundas divisões sociais resultantes de anos de conflitos políticos e culturais. Apesar de tudo, tornou-se possível voltar a pensar no futuro: De Milão a Roma e Nápoles, das maiores cidades aos mais pequenos povoados de montanha, um povo inteiro podia, pela primeira vez em muitos anos, voltar seu olhar para a luz do renascimento. Havia uma nação para reconstruir. Os protagonistas dessa transformação foram aqueles que viveram os anos da guerra durante a adolescência: mulheres e homens nascidos por volta da década de 1930, jovens demais para serem enviados para a frente de batalha, mas que viram suas vidas mudar para sempre, passando em poucos meses da despreocupação da juventude para a luta pela sobrevivência. Esses jovens seriam a força motriz da nova Itália, que dava os primeiros passos na transição de um país rural para uma nação industrial. Ideias, energia e firme determinação de fazer a mudança acontecer:





Fotos de *Aldini Valeriani, storia di una grande scuola bolognese*





esses eram os ingredientes da receita para um futuro promissor. Foi uma época de novas descobertas, grandes acontecimentos históricos e projetos realizados com paixão e engenhosidade, destinados a transformar a vida de muitas pessoas.

Em 1952, a cientista Rosalind Franklin, trabalhando em um laboratório de Londres, obteve a prova documental de que o ADN era composto por uma dupla hélice entrelaçada. A Fotografia 51 marcou o início da biologia moderna.

Na Itália, em 1954, Giulio Natta desenvolveu o polipropileno.

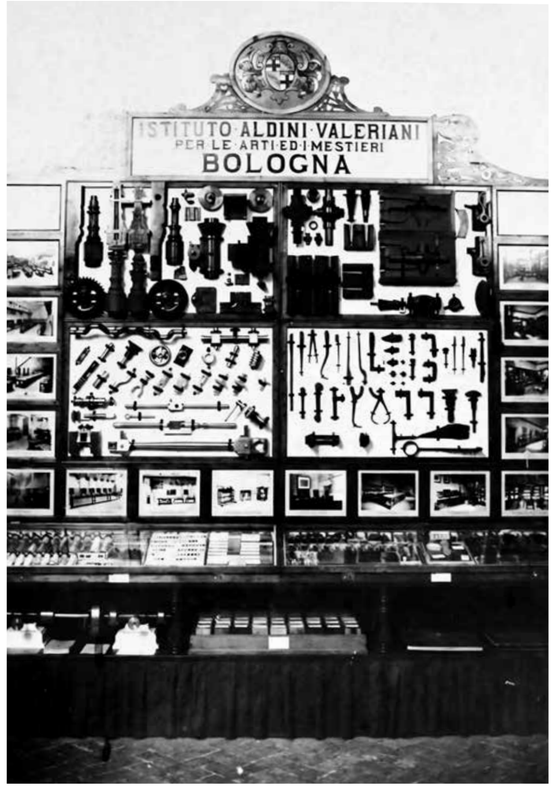
Em 2 de junho de 1953, ocorreu a coroação de Elizabeth II.

Em 3 de janeiro de 1954, a RAI iniciou suas transmissões televisivas.

Em 1957 e 1958, Federico Fellini conquistou o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro com La Strada e Noites de Cabíria.

Em 7 de dezembro de 1958, foi inaugurado o primeiro trecho da rodovia A1, ligando Milão a Parma.

Esse fervor também chegou a Bolonha: ao final da Segunda Guerra Mundial, a capital da Emília era um amontoado de escombros, com edifícios devastados e ruas destruídas. A cidade havia sofrido ataques aéreos particularmente violentos devido à sua posição estratégica: o centro ferroviário de Bolonha era o ponto de passagem de todas as ligações entre o norte e o sul da Itália e, por isso, tornou-se um alvo a ser destruído.



Escola Industrial – Instituto Aldini Valeriani, atualmente a Aula Magna de Santa Lucia







Protótipos de máquinas automáticas da década de 1960



Na década de 1950, foi colocado em prática um ambicioso plano de reconstrução que devolveria Bolonha aos seus habitantes. Foi nesse contexto histórico que surgiram novas atividades e pequenas empresas que transformariam para sempre o panorama econômico da cidade, e muito mais do que apenas isso.

A região de Bolonha, devastada pela guerra, preparava-se para florescer novamente, impulsionada pelos sonhos e pelo talento de uma geração que ansiava por um futuro diferente. Essas mulheres e esses homens ainda não sabiam, mas estavam prestes a escrever a história da indústria italiana. Hoje, a Motor Valley, a Packaging Valley e o setor de engenharia mecânica de Bolonha são reconhecidos mundialmente como centros de excelência, ainda que muitos desses sucessos tenham tido origem em pequenas empresas familiares, movidas pela intuição e por um forte desejo de deixar sua marca.

Assim como os artesãos do século XV revolucionaram o trabalho nas oficinas de produção de seda, os do século XX, por meio de suas ideias, lançaram as bases para o surgimento de um dos mais importantes distritos industriais do mundo.

Nas páginas deste livro, você conhecerá a história de um homem e de sua empresa. Um sonho que nasceu em uma pequena oficina em meados do século XX e que se transformou em realidade graças à visão de futuro e ao trabalho incansável.

Prepare-se para uma viagem extraordinária: aperte os cintos, vamos começar!





Clementino Bonfiglioli, o Pioneiro

BOLONHA,
20 DE OUTUBRO DE 1928 – 6 DE JULHO DE 2010

Era 1956. Tudo começou com grandes ideias, muitos sacrifícios e um monte de notas promissórias.

A palavra *capo* (que pode ser traduzida de diversas formas como *chefe*, líder ou *patrão*) deriva do latim *"caput"* e é amplamente utilizada em nossa sociedade com diferentes significados: geográficos, anatômicos e profissionais.

Mas, em uma pequena cidade a poucos quilômetros de Bolonha, dentro de uma das mais importantes empresas da Itália e líder global em seu segmento, essa palavra assume um significado especial, quase romântico.

Especial porque, na Bonfiglioli Riduttori, *il Capo* era a forma pela qual os funcionários — dos trabalhadores do armazém aos executivos de mais alto nível — se dirigiam a Clementino Bonfiglioli, fundador da empresa. Com o passar do tempo, a expressão tornou-se uma espécie de mantra, transmitido de geração em geração.

Clementino Bonfiglioli era um homem de estatura discreta, cabelos brancos e olhos tão azuis quanto o mar. Ainda assim, bastavam poucas palavras trocadas com ele para perceber que se estava diante de um gigante da indústria italiana.

Quando falamos de pioneiros e de homens que construíram o próprio destino, Clementino Bonfiglioli se destaca como um verdadeiro ícone, e sua vida é um exemplo do que significa acreditar nos próprios sonhos e transformá-los em realidade.



Ele nasceu em Bolonha, em 20 de outubro de 1928, no alvorecer de duas décadas que deixariam para trás destruição, morte e desespero. A infância deveria ser um período feliz, o início promissor da vida, mas o destino tinha outros planos para Clementino Bonfiglioli.

Herdou o nome da mãe, Clementina, que morreu durante o parto. Seu pai, Pietro, confiou-o à família Baroni — parentes do lado materno — e partiu para a África em busca de fortuna, como tantos outros fizeram naquela época. Quando, anos mais tarde, retornou à Itália, Clementino já era um jovem, alto e forte, criado nos campos de Lippo di Calderara, a pequena localidade que, algumas décadas depois, se tornaria o lar de sua empresa. Mas o destino ainda não tinha dito a última palavra sobre ele: Pietro Bonfiglioli morreu em um dos últimos bombardeios que devastaram Bolonha, deixando Clementino sozinho para enfrentar a vita.

A família Baroni o incentivou a prosseguir os estudos. Esse jovem — a quem a vida já tinha feito pagar um preço elevado — revelou-se extremamente talentoso e, em 1946, formou-se como técnico industrial na escola Aldini-Valeriani.

Foi naquelas salas de aula e corredores que muitos dos empresários que moldaram a história da indústria de Bolonha — hoje reconhecida mundialmente — receberam sua formação. Cattabriga, Corazza, Marchesini e o próprio Bonfiglioli são apenas alguns dos capitães da indústria que iniciaram seus estudos no instituto, trazendo prestígio à indústria bolonhesa por meio de seus projetos e produtos.



Livro didático dos tempos da Aldini Valeriani, pertencente à biblioteca de Clementino Bonfiglioli





1950, os anos na Sampingranaggi

Naqueles anos, os profissionais técnicos eram altamente procurados, e não demorou para que o jovem Clementino encontrasse emprego na Sampingranaggi como desenhista. Jovem talentoso, trabalhou no departamento técnico e na área de testes, entrando pela primeira vez em contato com o universo das engrenagens — um mundo no qual viria a se tornar uma das principais referências em escala global.

E, de fato, a Sampingranaggi acabaria desempenhando um papel importante na história de toda a família Bonfiglioli. Sonia, a filha mais velha de Clementino, viria a adquirir a empresa muitos anos depois, tornando-a parte do Grupo Bonfiglioli e unindo, assim, o passado e o futuro de sua família.

Além de suas competências técnicas, o jovem Clementino possuía uma vocação empreendedora inata, que o levou a deixar a Sampingranaggi e fundar sua própria empresa com apenas 23 anos de idade.

Em 1951, juntamente com dois sócios, fundou a BRV, uma empresa dedicada à produção de engrenagens para os setores de motocicletas e agrícola. No entanto, logo percebeu que trabalhar apenas como subcontratado significava ter o crescimento da empresa constantemente condicionado às oscilações dos mercados de seus clientes. Por isso, decidiu separar-se dos sócios e seguir um caminho diferente.



A ideia que mudaria sua vida já começava a tomar forma em sua mente.

Em 27 de agosto de 1956, na Câmara de Comércio de Bolonha, a "CMB Costruzioni Meccaniche Bonfiglioli" foi oficialmente registrada na Via Calvart, nº 34. Embora ainda não soubesse, Clementino, então com pouco mais de trinta anos, estava fazendo história na indústria de Bolonha e da Itália.



Um jovem Clementino com sua irmã Anna

Sala de desenho técnico do Instituto Técnico Aldini Valeriani



Os primeiros tempos estavam longe de ser fáceis. Embora produzisse engrenagens para alguns clientes, o que lhe garantia uma fonte estável de renda, Clementino ainda precisava investir somas consideráveis para desenvolver suas próprias ideias.

Em uma entrevista concedida muitos anos depois, quando a Bonfiglioli Riduttori já havia se transformado em uma multinacional, perguntaram-lhe: "Como nasceu a Bonfiglioli?" Ele respondeu: "Com muitos sonhos e um monte de notas promissórias."

E era verdade: em 1956, suas dívidas somavam dezoito milhões — uma quantia muito elevada para a época. Mas o plano de Clementino Bonfiglioli era sólido, e isso lhe permitiu desenvolver a empresa exatamente como havia planejado.



A primeira oficina na Via Calvart, a primeira tabela de preços e um dos primeiros acessórios da Bonfiglioli: um porta-documentos para o documento de registro do trator.















Dai mò Tino...

Em 1958, Clementino casou-se com Luisa Lusardi, uma mulher alguns anos mais jovem do que ele, que viria a ser não apenas sua companheira ao longo de toda a vida, mas também a pessoa mais próxima em sua trajetória empreendedora. Mulher de personalidade forte e franca, ela assumiu por muitos anos a gestão administrativa da empresa, exercendo uma influência positiva sobre o desenvolvimento da Bonfiglioli e fazendo valer sua opinião nas decisões mais importantes da companhia. Os funcionários mais antigos ainda se lembram vividamente de quando Luisa se dirigia ao marido usando uma expressão típica do dialeto bolonhês — "Dai mò Tino" ("Vamos lá, Tino") — quando queria pôr fim às discussões.

A ideia brilhante de Clementino nasceu de sua experiência no setor de engrenagens. Ele percebeu que elas poderiam ser utilizadas de maneira diferente da abordagem tradicional: ao criar invólucro de metal externo mais leve e versátil para abrigar a unidade, seria possível reduzir a velocidade de qualquer máquina e adaptá-la para um desempenho ideal.

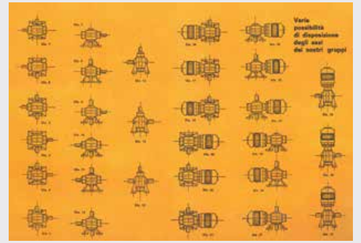
Foi assim que nasceram os primeiros motorredutores de alumínio da Emília-Romanha, competindo no mercado com as poucas empresas italianas e estrangeiras — especialmente alemãs e inglesas — que até então dominavam o setor. Naquela época, a maioria dos motorredutores era fabricada em ferro fundido, sendo volumosa e pesada. A Govoni e a Fava, ambas sediadas em Cento, na região de Ferrara, estiveram entre os primeiros clientes da empresa, especializadas respectivamente na produção de equipamentos de movimentação mecânica e secadores para massas.



A série VF: a caixa de engrenagens sem-fim.
A primeira série de caixas de engrenagens da história da Bonfiglioli



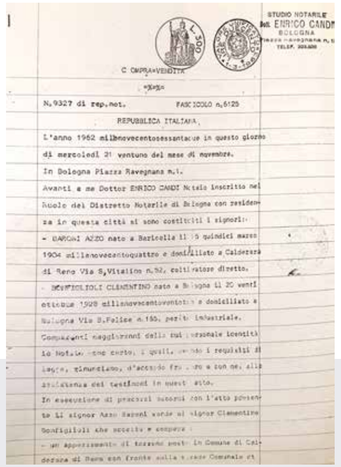




Após abrir um escritório comercial na Via Saffi, Clementino Bonfiglioli percebeu que precisava ampliar a capacidade produtiva da empresa para atender à crescente demanda por motorredutores destinados a máquinas industriais. Assim, em 1962, deu um passo decisivo em sua trajetória empresarial — um passo que mudaria para sempre a história de sua empresa.

Os parentes que o haviam criado eram agricultores e possuíam terras em Lippo di Calderara di Reno. Clementino decidiu adquirir uma parte dessas terras — onde brincara quando criança — para construir a nova fábrica, instalação que permaneceria como sede da empresa até 2020.





STUDIO NOTARILE
Dott. ENRICO CANDI
BOLOGNA

C. COMPRAVENDITA

N.9327 di rep.not. FASCICOLO n.6125

REPUBBLICA ITALIANA

L'anno 1962 millenovecentosessantadue in questo giorno di mercoledì 21 ventuno del mese di novembre.

In Bologna Piazza Ravegnana n.1.

Avanti a me Dottor ENRICO CANDI Notaio inscritto nel Ruolo del Distretto Notarile di Bologna con residenza in questa città ai sono costituiti i signori:

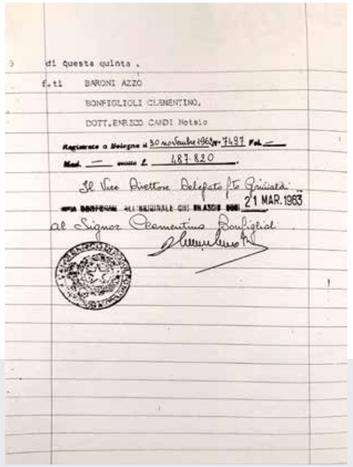
- BARONI AZZO nato a Barcelle il 15 quindici marzo 1904 millenovecentoquattro e domiciliato a Calderara di Reno Via S.Vitalino n.52, coltivatore diretto.

- BONFIGLIOLI CLEMENTINO nato a Bologna il 20 venti ottobre 1928 millenovecentoventotto e domiciliato a Bologna Via S.Felice n.155, perito industriale.

Comparenti maggiorenni dello cui personale identità io Notaio sono certo, i quali, avendo i requisiti di legge, rinunciano, d'accordo fra loro e con me, alla assistenza dei testimoni in questo atto.

In esecuzione di precedenti accordi con l'atto presente Il signor Azzo Baroni vende al signor Clementino Bonfiglioli che accetta e compera

- un appezzamento di terreno posto in Comune di Calderara di Reno con fronte sulla strada Comunale di



di questa quinta .

f.ti BARONI AZZO

BONFIGLIOLI CLEMENTINO.

DOTT.ENRICO CANDI Notaio

Registrato a Bologna il 30 novembre 1962 n. 3497 Fol.

Mod. — vol. L. 187.820.

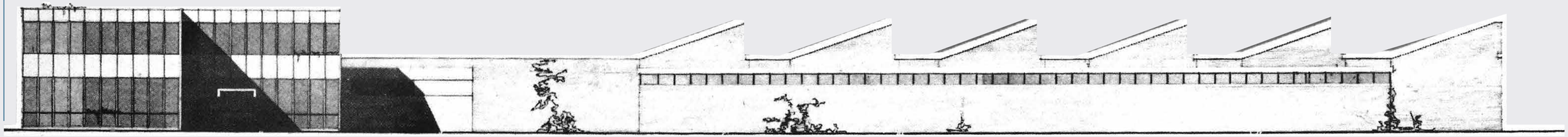
Il Vice Direttore Delegato Ufficiale

21 MAR. 1963

al Signor Clementino Bonfiglioli

Escritura de compra do terreno em Lippo di Calderara

Projeto da primeira fábrica em Lippo di Calderara

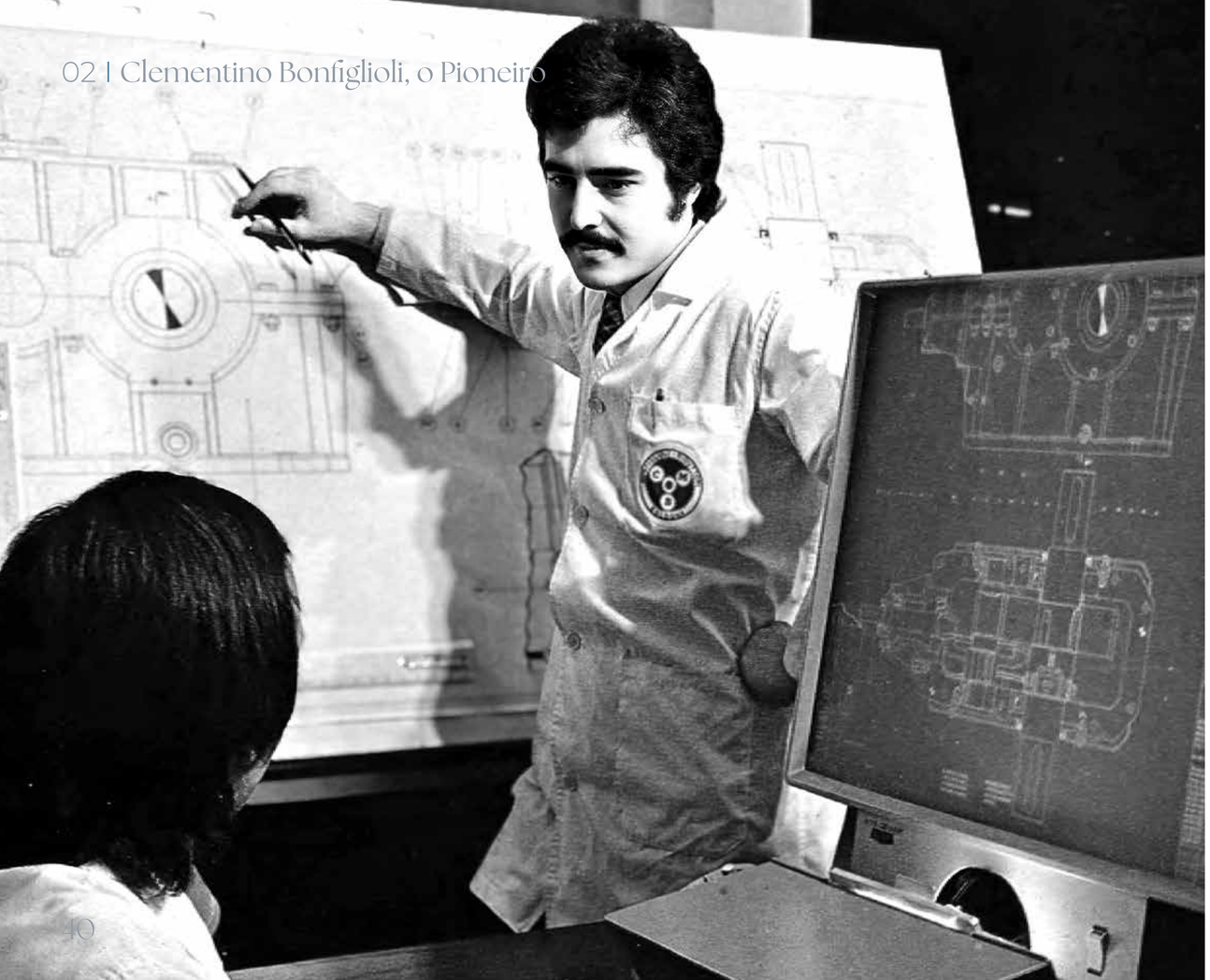






A fábrica de Lippo di Calderara





1963 foi um ano especial para Clementino Bonfiglioli: não só a nova fábrica onde ele iria desenvolver e expandir o seu negócio estava tomando forma, como também nasceu a sua filha Sonia. O ano seguinte trouxe ainda mais emoção: em 7 de junho, o time de futebol de Bolonha, capitaneado por Giacomo Bulgarelli, derrotou a Internazionale em um playoff para o campeonato, levando a cidade e seus torcedores ao êxtase.

Clementino Bonfiglioli jamais perdia uma partida dos Rossoblù no estádio Dall'Ara, vibrando ou sofrendo com a equipe em seu assento nas arquibancadas. Sempre existiu um forte vínculo entre a Bonfiglioli e o esporte: não apenas o futebol, mas também o basquete, o futebol americano e o ciclismo — mas voltaremos a esse tema mais adiante.

Paixão em vermelho e azul: Clementino com os jogadores do Bologna FC Beppe Signori, Roberto Baggio e Gianluca Pagliuca







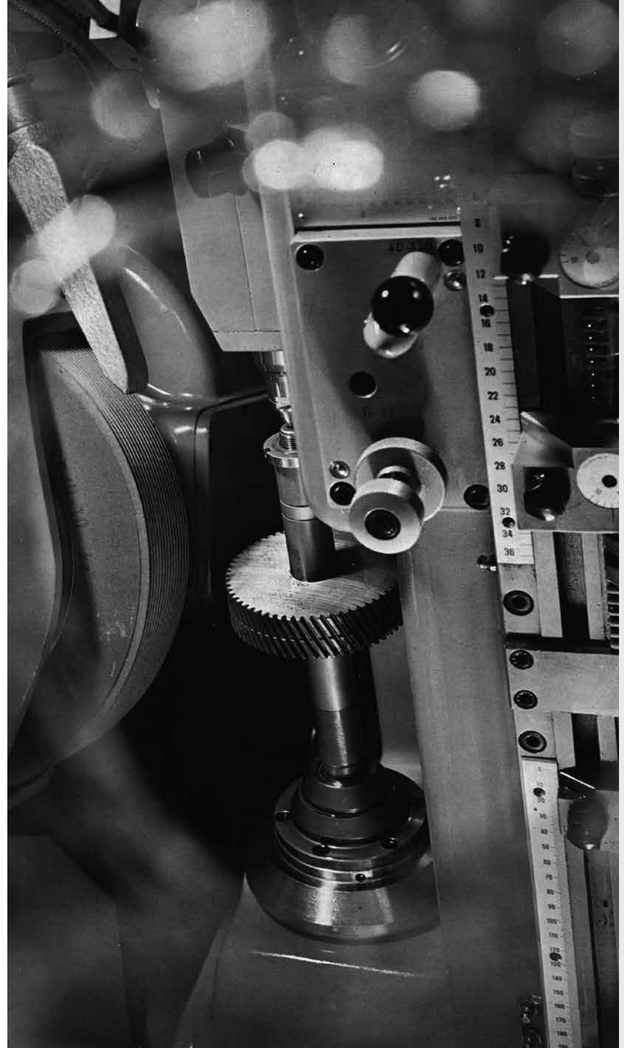
Em 1966 nasceu Luciano, o segundo filho. Clementino e sua esposa Luisa sonhavam com uma família numerosa, mas os médicos tinham outra opinião: tendo em conta as gravidezes complicadas que ela tinha tido anteriormente, uma nova gravidez representaria um risco excessivo.

Naqueles anos, a região hoje conhecida como Packaging Valley estava efetivamente tomando forma, e a Bonfiglioli posicionava-se ao lado das empresas mais importantes do setor.

Em 1968 foi fundada na Espanha a Tecnotrans S.A., com o objetivo de comercializar equipamentos industriais, e, em 17 de julho daquele mesmo ano, foi assinado um acordo de representação com a Costruzioni Meccaniche Bonfiglioli e dois outros parceiros, Francisco Bassas e Gerardo Peña. Esse acordo permitiu a produção de motorredutores na Espanha, já que o regime franquista não autorizava sua importação.

Em 1969, a marca Bonfiglioli Riduttori apareceu pela primeira vez em um catálogo, tornando-se a partir de então a principal linha de negócios da empresa.

Na década de 1970, a Bonfiglioli iniciou um processo de crescimento estratégico, lançando as bases da multinacional que é hoje. Novos negócios e aquisições estratégicas permitiram a Clementino Bonfiglioli compensar a impossibilidade de expandir a unidade de Lippo, limitada pelos projetos de ampliação do aeroporto que mais tarde receberia o nome de Guglielmo Marconi.



Em 1971, teve início em Bolonha a produção de variadores com a L.B. Trasmissioni Meccaniche. Em 1974 foi inaugurada a Lucmar, em San Lazzaro, responsável durante vários anos pela pintura e usinagem mecânica das carcaças externas dos motorredutores. Vendas e distribuição também estavam entre as prioridades da Bonfiglioli: para fortalecer sua presença nos mercados, além de ampliar a gama de produtos, a empresa desenvolveu uma rede de filiais de distribuição.

O ano de 1977 marcou outra virada importante: Clementino, que naquele momento ponderava expandir-se para a região de Rovigo, adquiriu a Italsai, empresa de participação estatal sediada em Forlì, que atravessava dificuldades financeiras, mas possuía capacidade produtiva imediata: desde a sua fundação em 1973, a companhia fabricava caixas de engrenagens planetárias para máquinas de terraplenagem. Clementino transformou-a em uma das estrelas mais brilhantes de sua galáxia empresarial.

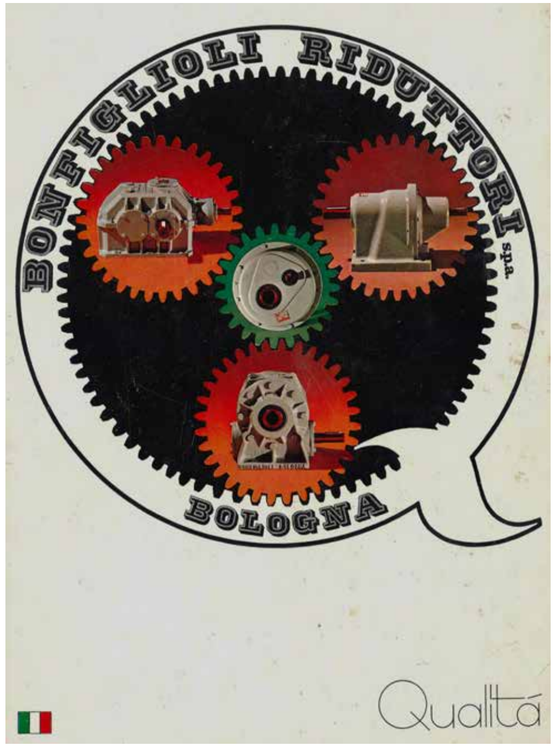
A empresa passou a se chamar Trasmital, e investimentos significativos foram realizados para adaptar seus processos produtivos às exigências do mercado. Com a incorporação das caixas de engrenagens planetárias para máquinas terraplenagem, o portfólio foi ampliado, dando aos clientes a oportunidade de escolher entre centenas de configurações.



Trasmital, Forlì



Tecnotrans, Barcelona



Catálogo de 1978

Naquele época, Clementino Bonfiglioli já era um dos empresários mais influentes da Emília-Romanha. Ainda assim, seu olhar permanecia sempre voltado para o futuro, para o desenvolvimento de suas empresas e para o crescimento de sua participação de mercado. Isso significava preparar o terreno para os avanços futuros, considerando também o espaço necessário para torná-los possíveis. Por essa razão, em 1979 transferiu a empresa LB, posteriormente rebatizada como B3, para a Via Bazzane, em Calderara. Esse acontecimento possui grande importância na história da Bonfiglioli, pois, quarenta anos depois, ao lado dessa fábrica histórica, seria construído o EVO: uma instalação de nova geração que hoje abriga a

B3 na Via Bazzane, Calderara, em 1979



Hoje, a fábrica EVO na Via Cav. Clementino Bonfiglioli 1



produção, a usinagem mecânica e a sede da multinacional.

Futuro, futuro, futuro: olhar para os anos que à frente, e não para os que ficaram para trás, era um dos segredos do sucesso de Clementino e de suas ideias visionárias. Adotou a mesma abordagem quando seus dois filhos, Sonia e Luciano, ingressaram na empresa no início da década de 1990, colocando-os diretamente nos departamentos de produção. Não houve privilégios especiais: ambos começaram trabalhando na montagem e nas operações de armazém. Antes de assumir a liderança da empresa, precisavam ser capazes de identificar os produtos, compreender os processos e, acima de tudo, conhecer as pessoas. Isso, mais do que qualquer outra coisa, era essencial: conhecer as pessoas.

De acordo com todos os funcionários, uma das maiores qualidades de Clementino Bonfiglioli era sua capacidade de criar vínculos com seus colaboradores. Era comum vê-lo percorrer as fábricas — especialmente a de Lippo — e parar para conversar com um operador aqui, outro ali, pedindo informações sobre a produção ou procurando entender por que determinada linha produtiva havia sido transferida. Com aqueles que conhecia melhor, também perguntava sobre a família e os filhos.

Com seu passo rápido e olhar atento a cada detalhe, passava de uma linha de produção a outra. Era evidente que se sentia verdadeiramente em casa na oficina. Não resistia a ir pessoalmente ver aquilo que, meio em tom de brincadeira, chamava de seu terceiro filho.



Mas havia outro lado de Clementino — em seu comportamento e na relação com os funcionários que trabalhavam ao seu lado e o conheciam bem — que revelava, de fato, a sua autenticidade. Era uma espécie de aviso que dava ao interlocutor, um sinal que deixava clara a importância daquela conversa. Simples, mas eficaz. Sempre que começava a falar no dialeto bolonhês, todos sabiam que havia um problema. Ele não era um homem que levantava a voz, mas quando *Il Capo* passava do italiano para o dialeto, a mensagem era cristalina. Seus colegas entendiam que o problema precisava ser resolvido imediatamente: deveria ser-lhe atribuída a máxima prioridade.



À direita:
Família Bonfiglioli: a filha Sonia, a esposa Luisa, o filho Luciano e Clementino.
À esquerda:
Clementino Bonfiglioli na cerimônia de entrega do título de Cavaliere del Lavoro (Ordem de Mérito pelo Trabalho), em 2006.



Foi um homem e um empresário que viu sua empresa transformar-se ao longo do tempo, abraçando novos desafios e enfrentando de frente crises como a de 2009. Naquele ano decisivo, os pedidos da Bonfiglioli caíram 40%. Mesmo assim, *il Capo* ouviu atentamente seus colegas mais próximos, entre eles sua filha Sonia, que propôs uma mudança revolucionária: adotar a metodologia lean processing, que havia alcançado enorme sucesso no Japão, para otimizar a produção e melhorar o desempenho da empresa.

Para a empresa, representou nada menos que uma revolução, com todos os riscos e incertezas econômicas que qualquer grande transformação empresarial inevitavelmente traz consigo. Ainda assim, Clementino Bonfiglioli aceitou a proposta de imediato, confiante de que era a decisão correta. E estava certo: em 2010, apesar das inúmeras dificuldades, a Bonfiglioli finalmente começou a ver a luz no fim do túnel.

Clementino apoiou aquilo que viria a ser o renascimento de sua criação como um verdadeiro líder, e esse seria o seu presente de despedida. Em 6 de julho de 2010, após cerca de vinte dias de agonia, faleceu de um aneurisma.

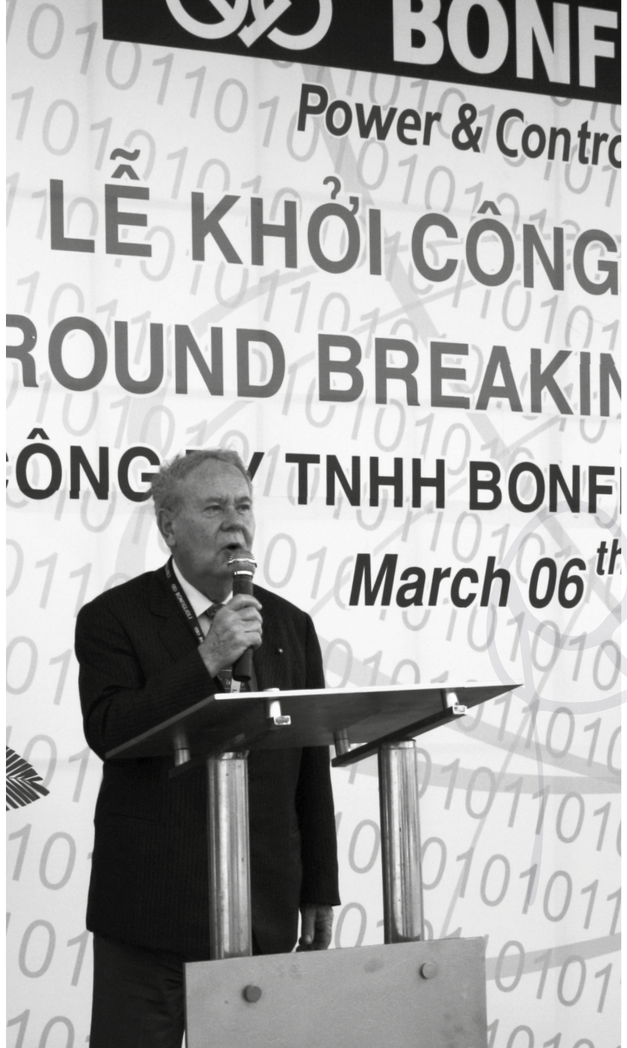
Sua filha Sonia assumiu o comando da empresa. Muitos receios, muitas dúvidas, mas uma certeza: seu pai, Clementino, teria desejado para ela e para a Bonfiglioli um futuro brilhante.

O resto é história.









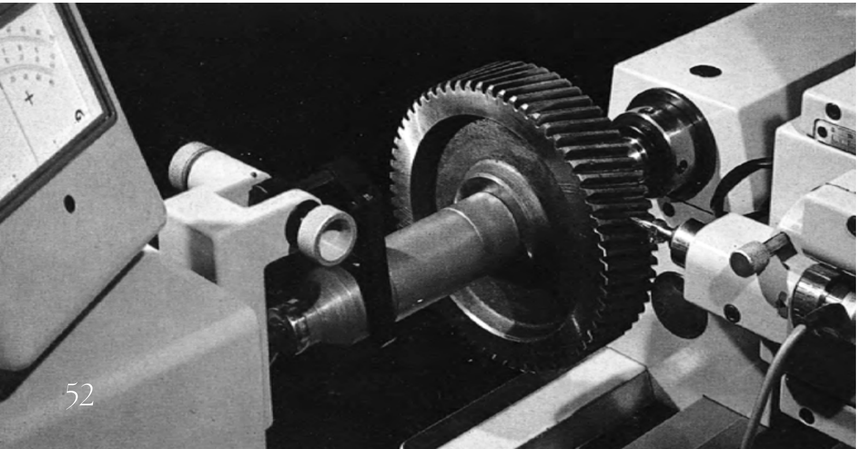
Em frente a toda a velocidade!



Anos de amor pela fábrica

PAIXÃO E NEGÓCIOS,
DE BOLONHA PARA O MUNDO





Controle de produção na fábrica de Lippo di Calderara nas décadas de 1970 e 1980

Controle múltiplo de 100% das engrenagens sem-fim antes da montagem em linha (inspetor Tesa-Micro Jet)

A Via Calvart e a Avenida Osvaldo Fregonezi estão separadas por cerca de 9.600 quilômetros.

Uma diferença de quatro horas separa a rua onde a Bonfiglioli foi fundada da fábrica mais distante da empresa, localizada em São Paulo, no Brasil.

Dois mundos muito diferentes: Bolonha, com suas torres medievais e trezentos mil habitantes; São Paulo, com seus arranha-céus e uma população de onze milhões de pessoas espalhadas por uma vasta área.

O desenvolvimento industrial da Itália no pós-guerra foi construído, em grande parte, pelo esforço de mulheres e homens que viviam em simbiose com suas fábricas. Muitas vezes, suas trajetórias eram semelhantes: ainda jovens, conseguiam emprego em uma oficina para aprender as bases do ofício e, mais tarde, os mais empreendedores fundavam seus próprios pequenos negócios industriais. A maioria não tinha capital financeiro, mas compensava essa limitação com sacrifício e uma enorme vontade de trabalhar. Apenas algumas dessas empresas, no entanto, conseguiram resistir ao teste do tempo. E, entre esses empreendedores, apenas um pequeno grupo de visionários foi capaz de mudar a história.

Em 22 de dezembro de 1954, Clementino Bonfiglioli lançou um negócio de revenda e fundou sua primeira empresa de fabricação de engrenagens, a Bonfiglioli Costruzione Ingranaggi, com sede na Via Calvart, nº 34, em Bolonha. Sua primeira oficina era pouco mais do que uma garagem, onde, durante algum tempo, permaneceu guardada uma velha carroça rural, armazenada provisoriamente a pedido do proprietário do imóvel, que pretendia voltar a utilizá-la.



Via Calvart, Bolonha 1956

Bonfiglioli Brasil, hoje



Em 27 de agosto de 1956, naquelas instalações antigas, apertadas e escuras, foi fundada a Costruzioni Meccaniche Bonfiglioli, com o objetivo de fabricar engrenagens e caixas de engrenagens.

Clementino não dispunha de ferramentas sofisticadas para orientar as decisões que tomava para sua empresa, mas possuía a intuição de alguém destinado a grandes realizações, aliada a uma profunda paixão. Foi apoiando-se na combinação dessas duas qualidades que tomou as decisões que colocaram sua pequena oficina no caminho que a transformaria na Bonfiglioli que conhecemos hoje. Essas decisões - que agora seriam chamadas de estratégicas - abriram caminho para o crescimento e a evolução da empresa. Escolhas que hoje parecem comuns eram, naquela época, verdadeiramente pioneiras. Clementino Bonfiglioli era, sem dúvida, um empreendedor talentoso, mas o verdadeiro segredo de seu sucesso residia, acima de tudo, em sua capacidade de ouvir e em permanecer, no fundo, um homem da fábrica.

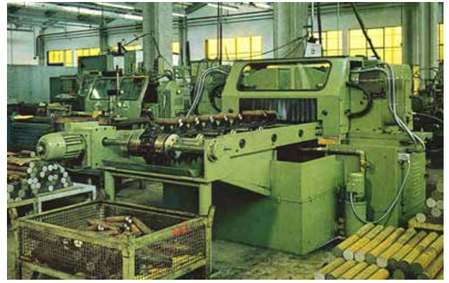
Foi por isso que decidiu deixar as instalações da Via Calvart e transferir a produção para Lippo di Calderara di Reno. Essa não foi uma decisão tomada ao acaso: após a morte da mãe e a partida do pai para a África, Clementino havia sido criado por seus tios maternos naquela mesma localidade. Em 1962, adquiriu de seu tio Azzo Baroni o terreno onde construiria a nova fábrica: pouco mais de um hectare de terra a poucos quilômetros de Bolonha, que ele transformaria completamente. Em setembro de 1964, foi inaugurada a planta que permaneceria como sede da Bonfiglioli por mais de meio século. No mesmo lugar onde ele havia crescido, sua criação também floresceria.

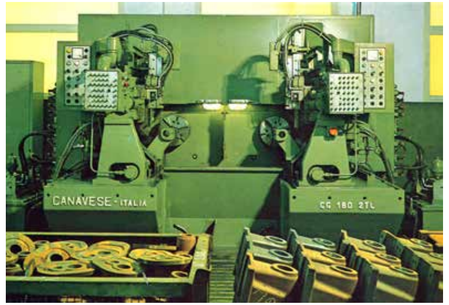


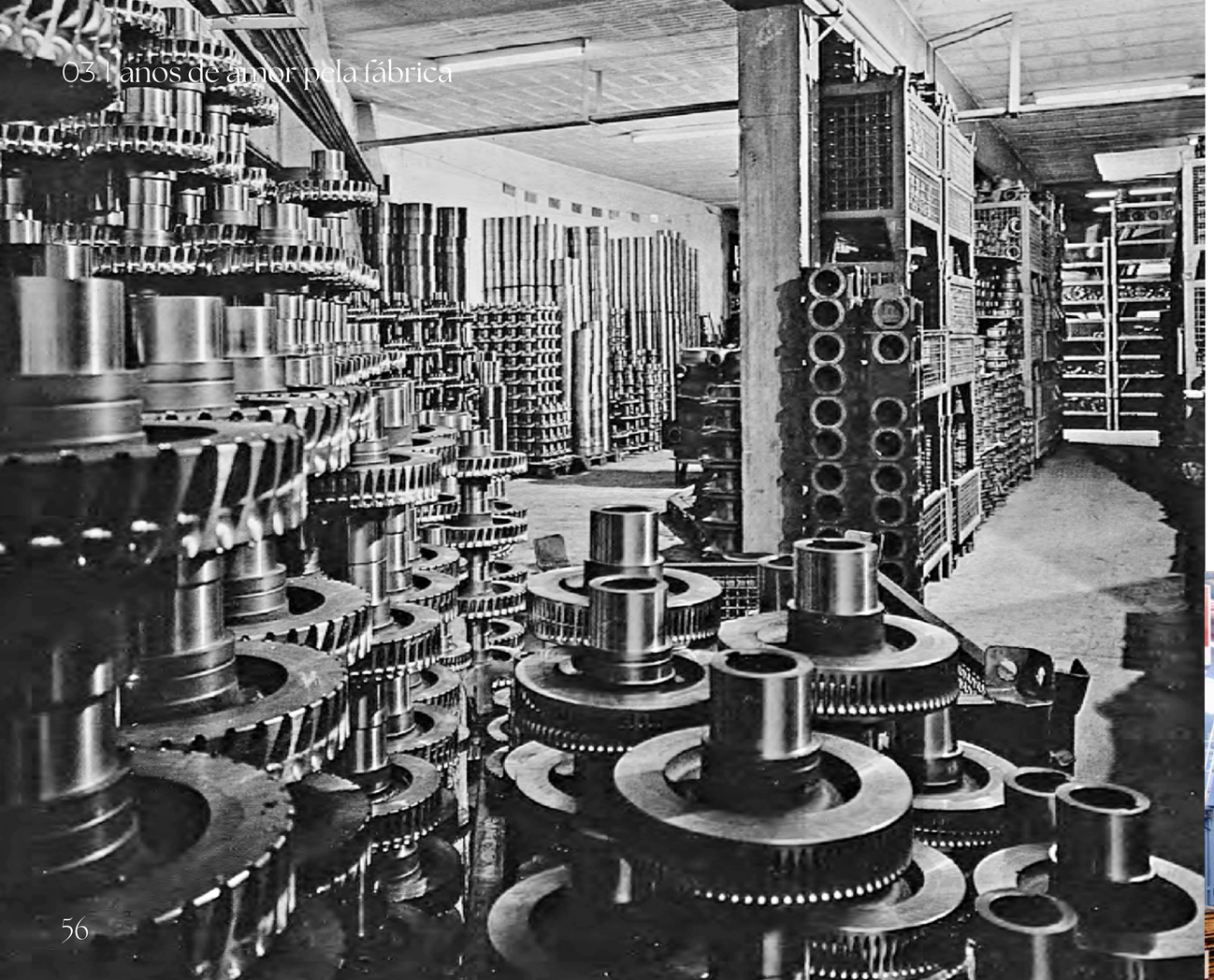
Nos primeiros anos de produção, as atividades de usinagem e montagem coexistiam na mesma planta, mas, à medida que novos produtos eram desenvolvidos e os mercados se expandiam, tornou-se necessário aumentar a capacidade produtiva. As instalações foram adaptadas às novas exigências mediante a introdução de máquinas modernas e mais eficientes, capazes de atender à crescente demanda por caixas de engrenagens, com atenção cada vez maior às tecnologias que começavam a surgir no setor industrial. A terra que um dia havia sido cultivada por seus tios, e onde ele próprio brincara quando criança, transformava-se no coração pulsante de um negócio de futuro promissor.

As bases sólidas da Bonfiglioli estavam sendo lançadas, e seu fundador fazia questão de aproveitar cada oportunidade. No final da década de 1960, a Espanha

Interior da planta de Lippo di Calderara, décadas de 1970 e 1980







representava um mercado extremamente promissor. Contudo, o regime franquista, que mantinha o país ibérico sob rígido controle, proibiu a importação de caixas de engrenagens provenientes de nações estrangeiras. Em vez de desistir do mercado espanhol, Clementino Bonfiglioli decidiu fabricar as caixas de engrenagens localmente e, em 1968, nasceu a Tecnotrans Sabre, no distrito industrial de Barcelona. Quatro anos mais tarde, em 1972, essa empresa tornou-se a primeira unidade produtiva da Bonfiglioli fora da Itália, abrindo caminho para outras fábricas que seriam inauguradas nas décadas seguintes em diferentes partes do mundo.

Na década de 1970, Clementino também se dedicou a fortalecer a presença da empresa no mercado e a melhorar a qualidade de seus produtos. Em meados da década, ele já considerava abrir uma nova planta de produção no Vêneto, uma região que então despontava como distrito industrial e que, graças ao abandono gradual do trabalho agrícola, oferecia uma ampla disponibilidade de mão de obra.

Mas, às vezes, a vida é moldada pelo acaso.

Ao longo daquela que viria a se tornar a estrada das férias para milhões de pessoas — a faixa de asfalto que liga Bolonha ao litoral da Romanha — foi dado mais um passo fundamental na história da Bonfiglioli. A Italsai, uma empresa de capital misto sediada em Forlì, produzia caixas de engrenagens planetárias de alta qualidade para o crescente mercado de máquinas de terraplenagem. No





À esquerda:
Armazém de Lippo di Calderara: grandes estoques de matérias-primas — barras de aço e peças forjadas — juntamente com produtos semiacabados, garantindo uma produção contínua e rápida (década de 1970).

À direita:
Trasmital, Forlì (década de 1970).

entanto, a excelência de seus produtos era prejudicada por resultados financeiros insatisfatórios, consequência de uma gestão pouco visionária.

Clementino Bonfiglioli não demorou a reconhecer o enorme potencial da empresa. Em março de 1977, assinou o acordo para adquirir a fábrica e, para complementar a gama de caixas de engrenagens já disponível até então, também encomendou o desenvolvimento de caixas de engrenagens para aplicações hidrostáticas. Mais uma vez, sua visão de futuro mostrou-se acertada: nos anos seguintes, a demanda por esses novos produtos só aumentaria. Um novo nome também foi escolhido para a empresa: Trasmital.

A planta de Forlì passou por um processo de modernização, com investimentos significativos em novos equipamentos e recursos, devolvendo em poucos anos o prestígio a uma empresa que caminhava para a falência. A instalação de uma nova unidade de tratamento térmico foi, sem dúvida, um dos investimentos mais importantes, pois permitiu que a empresa alcançasse autossuficiência em seus processos produtivos. A fabricação de caixas de engrenagens para máquinas de terraplenagem destinava-se a um tipo de cliente que exigia especificações extremamente rigorosas, não apenas em relação aos produtos, mas também à gestão dos processos operacionais. Não por acaso, a Trasmital foi a primeira empresa do Grupo Bonfiglioli a obter a certificação ISO 9001, em março de 1993, um passo fundamental para aumentar sua participação de mercado. Essa contínua evolução tecnológica, combinada



a produtos de elevada qualidade e confiabilidade, transformou a Trasmital, ao longo dos anos, em uma das principais referências no complexo setor das caixas de engrenagens planetárias.

Nesse momento, o crescimento da Bonfiglioli já estava consolidado, mas exigia decisões capazes de lançar as bases necessárias para que a empresa pudesse adaptar-se às transformações industriais que estavam transformando a economia global para sempre.

Uma dessas iniciativas envolveu a LB, empresa fabricante de variadores de velocidade, cuja sede original foi transferida da Via Masetti, na localidade de Lippo, para a Via Bazzane, em Calderara di Reno. Essa transição permitiu que Clementino adquirisse as ações dos sócios e integrasse a empresa em seu grupo industrial em expansão. Era mais uma peça de um projeto que ganhava contornos cada vez mais definidos, cuidadosamente moldado pelo próprio Clementino Bonfiglioli, que acompanhava de perto as operações e compartilhava suas ideias e planos com seus colegas.

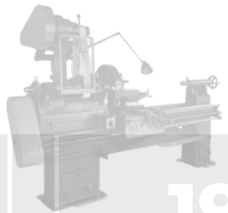
A partir do final da década de 1980, todas as instalações de usinagem foram transferidas para a unidade de Calderara. Algumas delas logo foram substituídas por equipamentos de última geração, baseados em princípios de automação que começavam a assumir papel de destaque na indústria italiana.

A expansão das plantas não dava sinais de desaceleração. A unidade de Lippo di Calderara di Reno passou a dedicar-se exclusivamente à montagem; a demanda do mercado por caixas de engrenagens sem-fim crescia continuamente e aumentar a produção era essencial para acompanhar os concorrentes. Para alcançar esse objetivo, mais uma vez a Bonfiglioli escolheu um caminho inovador e, em 1989, instalou na unidade de Lippo um sistema automatizado SARMAS para a montagem de caixas de engrenagens sem-fim. Estações automatizadas, robôs que movimentavam e montavam componentes, dezenas de monitores fornecendo dados de produção em tempo real: durante muitos anos, a unidade produziu milhões de caixas de engrenagens que eram enviadas para todo o mundo, inaugurando de fato a era da automação nos departamentos de produção.

A expansão da indústria bolonhesa, contudo, não se limitava à Itália: estar presente nos mercados internacionais tornava-se cada vez mais importante, não apenas do ponto de vista comercial, mas também produtivo.

No final da década de 1990, a Índia demonstrava enorme potencial de crescimento e atraía a atenção dos grupos industriais europeus. O projeto Índia também foi o primeiro na história da empresa a contar com uma contribuição estratégica de Sonia, a filha mais velha de Clementino. Sonia pertencia à nova geração de empreendedores que começava a apoiar os fundadores das empresas e a conduzir seus negócios para além das fronteiras nacionais, com o olhar voltado para o mundo. Com a visão de futuro que sempre o distinguiu, Clementino Bonfiglioli já havia iniciado o processo de transição geracional dentro da empresa no início da década de 1990.

De Bolonha para o mundo



1956

Costruzioni Meccaniche Bonfiglioli
BOLOGNA



1964

Bonfiglioli Riduttori S.p.A.
LIPPO DI CALDERARA DI RENO (BO)



1971

LB
BOLOGNA



1972

Tecnotrans Sabre
BARCELONA,
ESPANHA



1974/1976

Lucmar
SAN LAZZARO
DI SAVENA (BO)

Bonfiglioli Export/ Components
CALDERARA DI RENO (BO)

1977

Trasmital.
FORLÌ



1980/1993

LS
LIPPO DI CALDERARA DI RENO (BO)

Monfer
VIGNOLA (MO)

Vimo
CALDERARA DI RENO (BO)

Bonfiglioli Riduttori
BARGELLINO – CALDERARA DI RENO (BO)

Silectron Sistemi
IMOLA (BO)

Icme
CALDERARA DI RENO (BO)

1999/2001

Vectron GMBH
KREFELD, ALEMANHA



Bonfiglioli Transmissions Pvt. Ltd.
CHENNAI, ÍNDIA



Bonfiglioli USA Inc.
LAFAYETTE, INDIANA,



2003/2007

Bonfiglioli Slovakia S.R.O.
POVAŽSKÁ BYSTRICA,
ESLOVÁQUIA

Bonfiglioli Riduttori HD
SALA BOLOGNESE (BO)

Bonfiglioli Drives Co. Ltd.
XANGAI, CHINA

Tecnoingranaggi
SAN GIOVANNI IN
PERSICETO (BO)

2008/2011

Bonfiglioli Transmissions Pvt. Ltd.
MANNUR, ÍNDIA



Bonfiglioli Riduttori S.p.A. (BMR)
ROVERETO (TN)





Bonfiglioli Redutores Do Brasil Ltda
SÃO PAULO, BRASIL

Bonfiglioli Vietnam Ltd
PROVÍNCIA DE BINH
DUONG,
VIETNÃ

2012/2015



Bonfiglioli Transmissions Pvt. Ltd.
PUNE, ÍNDIA



O&K Antriebstechnik Gmbh
HATTINGEN, ALEMANHA

2016/2020



Bonfiglioli Riduttori S.p.A. (EVO)
CALDERARA DI RENO (BO)

Sampingranaggi
BENTIVOGLIO (BO)

2021/2023

Selcom Group S.p.A.
CASTEL MAGGIORE (BO)
CADRIANO (BO)



Selcom Electronic Shanghai Co Ltd
XANGAI, CHINA







A planta de Chennai, Índia

Sonia e Luciano, seus filhos, ingressaram nos departamentos de produção logo após concluírem seus estudos, para que pudessem começar a conhecer a empresa: sem privilégios, sem favorecimentos.

Para administrar a companhia, era preciso primeiro conhecê-la verdadeiramente, e não havia maneira melhor de fazê-lo do que interagindo com ela, trabalhando diretamente na produção. O raciocínio de Clementino era simples: a fábrica havia sido sua própria escola e faria o mesmo por seus filhos. Depois de alguns anos, ambos começaram a construir suas trajetórias dentro da empresa, atuando em diferentes níveis da organização.

Quando chegou o momento de desenvolver o projeto indiano, Clementino decidiu confiar em Sonia, que defendia uma visão de internacionalização certamente pouco convencional, mas que acabaria se tornando um dos pilares da empresa.

Para a planta indiana, foi escolhido um terreno localizado a cerca de trinta quilômetros de Chennai, cidade que, poucos anos antes, havia recuperado seu antigo nome, abandonando o nome colonial de Madras.

O objetivo era construir uma empresa capaz de atender tanto às necessidades do mercado indiano quanto às dos países vizinhos. A equipe de gestores responsável pelo planejamento e pela construção da planta desenvolveu um projeto que marcaria um momento importante na história da Bonfiglioli.

O local onde surgiria a Bonfiglioli India não passava, inicialmente, de um terreno aberto e lamacento. Após muitos meses de trabalho, foram construídos escritórios e departamentos de produção, onde foram instaladas bancadas de montagem e máquinas-ferramentas.

Trabalhar em um país de mil contradições também significava lidar com costumes e hábitos muito diferentes dos de Itália. Entre as muitas histórias contadas por quem viveu essa experiência, uma ilustra particularmente bem o contexto cultural e social local: durante a construção da planta, foi necessário varrer os pisos, e os trabalhadores indianos encarregados dessa tarefa utilizavam vassouras com cabos de pouco mais de cinquenta centímetros, o que os obrigava a trabalhar ajoelhados. Os gestores italianos decidiram comprar e distribuir vassouras com cabos longos, mas os trabalhadores indianos imediatamente cortaram os cabos para cinquenta centímetros e voltaram a varrer da maneira a que estavam acostumados: de joelhos. Os gestores italianos tentaram fazê-los mudar de ideia, mas acabaram desistindo quando perceberam que os trabalhadores indianos não se deixariam convencer.

Em fevereiro de 1999, um guru realizou a Pooja, cerimônia hindu destinada a garantir os melhores auspícios para o início da construção da nova fábrica. Em setembro daquele mesmo ano, uma fotografia registrou Clementino Bonfiglioli ao lado da primeira caixa de engrenagens produzida integralmente na Índia. Era o início de um vínculo com um país que, ao longo do tempo, só se tornaria mais forte: uma verdadeira história de amor. O que começou como um simples projeto de

o primeiro redutor inteiramente produzido na Índia, com Raja Williams, Sr. Ganesh, Clementino Bonfiglioli, Sr. Daniel e Sr. Yadav





desenvolvimento industrial transformou-se em uma união simbiótica entre dois mundos, envolvendo não apenas aspectos empresariais, mas também sociais. O projeto Cheerfutureland Bonfiglioli, que será apresentado em outro capítulo desta monografia, é um excelente exemplo disso.

A passagem do século XX para o XXI foi emblemática e, para a Bonfiglioli, marcou mais um passo rumo à mudança.

No início dos anos 2000, Sonia direcionou a empresa para o emergente mercado da mecatrônica, possibilitando uma nova expansão do universo Bonfiglioli. A aquisição da Vectron, em 2001, permitiu à empresa ingressar no mercado de inversores, que, naqueles anos, se mostrava fundamental para o mundo da automação industrial. Muitos anos depois, a criação da Bonfiglioli Mechatronic Research, em Rovereto, e a aquisição da Selcom transformariam a Bonfiglioli em uma das protagonistas na integração entre mecânica e eletrônica. A aquisição da Icme, em 1993, e a inauguração, em 2008, de uma planta no Vietnã dedicada à produção de motores elétricos consolidaram a presença da Bonfiglioli nos mercados globais.

Também em 2008 foi fundada a Bonfiglioli Brasil, que ainda hoje permanece como a unidade produtiva mais distante da sede da empresa. Em um distrito industrial situado a poucos quilômetros de São Paulo, são montadas as caixas de engrenagens da série 700TW.





Bonfiglioli Vectron, em Krefeld, Alemanha

Ainda em 2008, durante a convenção internacional realizada em Florença, Sonia foi nomeada CEO do Grupo. Para ela, estava prestes a começar uma jornada difícil: a crise econômica em curso deixava marcas profundas nos balanços da empresa, e uma mudança de paradigma empresarial era necessária para resistir ao impacto e retomar o crescimento. Sonia tinha certeza de que conseguiria graças ao apoio do pai, mas o destino tinha outros planos: em uma quente tarde de verão de 2010, Clementino passou mal e, alguns dias depois, em 6 de julho, faleceu. Agora, Sonia precisava provar que era digna de ocupar o lugar do pai, um gigante do empreendedorismo que havia construído um império do nada. Nesse contexto econômico desafiador, cabia a ela dar continuidade ao sonho que havia se tornado realidade.



Bonfiglioli Mechatronic Research, em Rovereto

Sonia se viu diante de um dilema: vender a empresa ou seguir os passos do pai. Precisava escolher o melhor caminho para o futuro da empresa, deixando-se guiar pelo amor por uma fábrica que, ao longo dos anos, também a tinha inspirado.

Ela deu início a um caminho que mudaria profundamente a empresa de seu pai, começando por uma decisão histórica: reformular todos os processos para atender às exigências dos mercados. Era um desafio que exigia comprometimento, perseverança e dedicação total.

A planta de Lippo já não podia ser ampliada — sobretudo devido à proximidade com o aeroporto de Bolonha — e, por isso, Sonia decidiu construir uma nova unidade que permitisse a implementação de novos projetos de desenvolvimento.

Em 2016, nasceu o projeto EVO.







A área adjacente à planta da Via Bazzane foi identificada como um bom local para o seu desenvolvimento. A LB operava nesse local desde 1979, produzindo inicialmente variadores mecânicos, posteriormente substituídos pela fabricação de caixas e engrenagens, atividade que continua até hoje. O projeto ganhou forma entre simulações e planejamento, e a pedra fundamental foi lançada em abril de 2018. A partir daí, foram necessários quase dois anos para concluir a construção da nova unidade da Bonfiglioli: uma planta moderna, sustentável e funcional, erguida ao lado da unidade histórica.

Nada foi deixado ao acaso: dos espaços exteriores ao ar livre, onde hoje centenas de coelhos circulam livremente, aos departamentos de produção, projetados para oferecer maior conforto aos funcionários.

Em abril de 2019, a EVO foi inaugurada. A rua onde a planta está localizada recebeu o nome de Via Clementino Bonfiglioli: mais uma demonstração da forte ligação entre a empresa e seu território.

A Bonfiglioli agora tem um novo lar: belo, moderno e preparado para enfrentar os desafios do futuro. É um destino? Não, é um novo começo, pois a empresa segue olhando para a frente, sem deixar de lançar um olhar orgulhoso para o passado.











As mulheres e homens que construíram a empresa

A HISTÓRIA DE UMA EMPRESA NA MEMÓRIA DAS SUAS PESSOAS

"O trabalho começou a aumentar, então primeiro me deram uma bicicleta com uma cesta para levar essas engrenagens... Depois, os produtos já nem cabiam mais numa caixa, então me deram um triciclo..."

Arnaldo Nicoletti



O triciclo Giordani original, antes de ser adaptado também como veículo para adultos.

Um dos presentes mais desejados pelas crianças no final da década de 1950 e início da década de 1960 era um brinquedo fabricado por uma empresa de Bolonha: o triciclo Giordani. Era feito de chapa metálica estampada, pintado em vermelho vivo, com rodas brancas e selim preto. Bastava vê-lo na manhã de Natal para as crianças sentirem uma emoção indescritível.

Arnaldo Nicoletti sentiu essa mesma emoção ao ver o seu.

Havia apenas algumas diferenças: Arnaldo já não era uma criança, tinha quase dezoito anos, e seu triciclo não era vermelho, mas preto, equipado com uma caixa de carga cor de mogno instalada na parte dianteira. Ele não o utilizava para passear pelos Jardins Margherita de Bolonha, mas para entregar as engrenagens produzidas pela Bonfiglioli.

Arnaldo não tinha muita inclinação para os estudos, então o pai lhe arranjou um emprego como estafeta numa oficina mecânica.

Seu encontro com Clementino aconteceu durante uma entrega de coroas dentadas para a BRV, a primeira empresa fundada por ele juntamente com dois sócios em 1951. Clementino Bonfiglioli perguntou a Nicoletti se ele gostaria de fazer entregas para eles e Arnaldo, atraído pela perspectiva de um emprego mais estável, aceitou. A partir desse momento, utilizando uma bicicleta velha e bastante desgastada, começou a transportar componentes. A bicicleta tinha capacidade de carga limitada - podia transportar apenas uma única caixa posicionada atrás do selim - e, por isso, Arnaldo era obrigado a fazer várias viagens por dia entre a Via Calvart, em Bolonha, e os diversos clientes da empresa.

Numa manhã de primavera, chegou à oficina e encontrou Clementino Bonfiglioli que, em vez de estar ao lado de uma das máquinas de corte de engrenagens, como de costume, o aguardava do lado de fora, junto ao novo veículo de entregas. "Olha só, Arnaldo, veja que beleza consegui para você! Agora vai poder competir com o *Airone* ", disse ele, referindo-se ao apelido pelo qual o grande ciclista italiano Fausto Coppi era conhecido.

Fazer entregas com o novo triciclo tornava tudo mais estável e permitia transportar pelo menos cinco caixas por viagem na carroceria.

Havia apenas um inconveniente: com a carroceria carregada, a distância de frenagem aumentava consideravelmente. Foi por isso que, numa tarde de maio, aconteceu um acidente: durante uma entrega a um cliente, com a carroceria carregada de engrenagens, Arnaldo precisou frear bruscamente quando um caminhão surgiu de repente de uma rua lateral. Puxou com força os freios e tentou cravar os pés no chão, mas não conseguiu evitar a colisão. A carroceria ficou presa em uma das rodas do veículo pesado, abrindo-se e espalhando seu conteúdo no meio do cruzamento.

Arnaldo ainda se lembra, como se fosse ontem, da voz de um senhor idoso sentado em uma das mesas de um bar próximo. Em dialeto bolonhês, ele disse: "Cinno, hai fatto un bel busso!" *(Garoto, você levou uma bela pancada!).*

Com o passar do tempo, Arnaldo também desenvolveu interesse pela mecânica e se apaixonou pelo mundo da usinagem. Sempre que não tinha entregas para fazer, ou ao final do expediente, perguntava se podia aprender a operar as máquinas de corte de engrenagens. Com o tempo, se tornou cada vez mais autônomo e passou a calcular sozinho os diâmetros das engrenagens.

Depois de quarenta anos trabalhando na Bonfiglioli, Arnaldo tem muitas outras histórias para compartilhar, e uma delas revela bem o vínculo que "*il Capo*" criou com seus funcionários: "Um sábado de manhã, o Sr. Bonfiglioli se aproximou de mim e perguntou o que estava acontecendo, porque havia percebido que eu não estava trabalhando como de costume. Respondi que estava preocupado por causa de problemas pessoais e contei que minha namorada estava grávida e que eu não tinha coragem de contar aos meus pais. Ele me disse para não me preocupar, que iria pessoalmente comigo à casa dos meus pais para conversar com eles. Algumas horas depois, estávamos sentados com meu pai e minha mãe anunciando a boa notícia. É um momento que jamais esquecerei e que expressa perfeitamente o vínculo que existia entre nós."

Contar a história de uma empresa por meio das lembranças das pessoas cujo trabalho contribuiu para seu crescimento é um grande privilégio; é um presente. São tantas histórias, tantas memórias, como as de Franco Bonfatti, torneiro mecânico da Bonfiglioli desde 1962. Naquela época, os processos de produção avançados ainda não existiam: os componentes não eram fabricados a partir de produtos semiacabados, mas frequentemente começavam como simples barras de metal. Ao produzir um componente acabado, grandes pilhas de limalhas de ferro se acumulavam, representando visualmente a quantidade de trabalho realizada. Franco trabalhou na Bonfiglioli durante quarenta anos e testemunhou a transformação da empresa, que passou de um pequeno grupo de cerca de vinte pessoas trabalhando na Via Calvart



Arnaldo Nicoletti e filhos

para a transferência para Lippo di Calderara, em 1964. Mas uma constante, um princípio, jamais mudou: o cuidado que Clementino demonstrava com seus funcionários.

No final da década de 1970, Bonfatti enfrentou um problema de saúde que afetou um de seus olhos. Bolonha sempre foi um centro de excelência médica, mas, mesmo para os médicos da cidade, o problema parecia impossível de resolver. Franco recorda que certa manhã Clementino Bonfiglioli o chamou ao escritório e pediu que se sentasse: "Escute, Franco, temos que resolver esse problema no seu olho. Você não pode continuar assim, então encontrei uma solução. Falei com pessoas da Tecnotrans, nossa filial espanhola, pedi algumas informações e eles me disseram que existe um hospital em Barcelona especializado no tratamento de problemas oculares. Então é o seguinte: você vai para a Espanha fazer o tratamento, porque eu quero que você fique bem".

Na semana seguinte, às custas da Bonfiglioli, Franco viajou para a Espanha para realizar os exames e a cirurgia necessários para solucionar seu problema de visão. Quando se aposentou, no final da década de 1990, a Bonfiglioli já havia se transformado em uma moderna empresa industrial, muito diferente da pequena oficina da Via Calvart. Hoje, aos 82 anos, Franco Bonfatti tem netos a quem conta histórias sobre seu trabalho na Bonfiglioli e sobre aquela viagem à Espanha que lhe permitiu olhá-los com o olhar afetuoso de um avô.





Franco Bonfatti no início de sua trajetória na Bonfiglioli.

Na foto de grupo:
Michele Attanasio
Marcello Menegatti
Paolo Pederzini
Franco Bonfatti
Mario Marchi
Arnaldo Nicoletti
Vittorino Moretti
Arrigo Laffi
Marco Ruggeri

Numa sociedade moderna em que a desigualdade de gênero ainda é excessivamente presente, a história de uma mulher pode servir como exemplo de paixão, perseverança e determinação.

Vannetta Gardini é uma mulher de baixa estatura e, quando fala sobre máquinas-ferramenta e sobre a Bonfiglioli, suas pequenas mãos se movem rapidamente, desenhando formas no ar. Nas décadas de 1960 e 1970, no auge de uma transformação social que mudaria a Itália para sempre, Vannetta era a única mulher matriculada no instituto técnico de Forlì em especialização de mecânica. Ela era apaixonada por essa área desde a infância e, quando chegou o momento de escolher seu futuro, não hesitou: a mecânica era o que queria fazer da vida. Apenas alguns meses depois de se formar, a Italsai, de Forlì, perguntou se ela estaria disposta a assumir a programação de máquinas-ferramenta. Mas ela era mulher, e os administradores nomeados pelo Estado que dirigiam a empresa tinham dúvidas sobre sua contratação. Por isso, decidiram enviá-la para a Lamborghini durante alguns meses, para verificar se ela realmente era capaz de desempenhar um trabalho tradicionalmente realizado por homens.



Vannetta Gardini, a única mulher de sua turma.

Na página ao lado, Vannetta atualmente, na EVO, durante a entrevista.

Essa jovem de baixa estatura e enorme determinação não apenas superou o período de experiência, como, após a aquisição da Italsai pela Bonfiglioli em 1977, tornou-se uma de suas figuras mais importantes. Foi o início de uma fase de desenvolvimento tecnológico que levou Vannetta à Suíça e a toda a Itália, participando em cursos avançados de programação de máquinas-ferramenta de última geração. Ao longo dos anos, a experiência adquirida permitiu-lhe também ingressar na área de análise de custos industriais.

A empresa anteriormente conhecida como Italsai, agora Trasmital, conquistava uma parcela significativa do mercado, e os clientes solicitavam cada vez mais engrenagens planetárias personalizadas para aplicações especiais. Por isso, a empresa precisava ser capaz de avaliar corretamente e evidenciar o valor dessas soluções personalizadas, e ninguém era mais indicada para essa função do que Vannetta.

Essa mulher, movida por sua paixão pela mecânica, dedicou toda a sua carreira à formação de centenas de jovens que ingressavam no mercado de trabalho, tornando-se uma referência para seu desenvolvimento profissional.



A mesma paixão move um homem de constituição robusta e mãos grandes, herdadas de um tio boxeador. Roberto Cavicchi tinha pouco mais de quarenta anos quando ingressou na Bonfiglioli, em 1993. Sua missão era difícil: substituir o lendário responsável pela montagem, Arrigo Laffi.

Laffi iniciou sua trajetória na Bonfiglioli na Via Calvart; foi um dos homens que embarcaram na aventura ao lado do fundador e ajudaram a transformar uma pequena oficina em uma empresa industrial na nova planta de Lippo di Calderara. No início da década de 1990, ele atingiu a idade da aposentadoria, por isso tornou-se necessário encontrar um sucessor capaz de trazer novo impulso às operações de montagem.

Naquele período, Roberto Cavicchi trabalhava em uma empresa fabricante de motores a diesel e possuía ampla experiência em mecânica e qualidade, adquirida em empresas do setor automotivo.

O primeiro contato ocorreu por meio de um telefonema direto de Clementino Bonfiglioli. Cavicchi não estava procurando um novo emprego, mas as palavras do presidente despertaram sua curiosidade. Poucos dias depois, houve uma primeira reunião, da qual participaram, além de Clementino, sua esposa Luisa, sua filha Sonia e o histórico diretor de Recursos Humanos, Gianni Marchetti. Ao redor da grande mesa redonda da sala de reuniões localizada no primeiro andar da unidade de Lippo, foram lançadas as bases de uma aventura que duraria muitos anos. Cavicchi trouxe sua experiência em qualidade de processos e, com sua chegada, teve início um período de importante avanço tecnológico. Na planta de Lippo havia sido instalado um sistema automatizado que, com suas dez estações e oito robôs de movimentação, era capaz de montar milhares de redutores sem-fim por dia. Naqueles anos também nasceu uma nova família de caixas de engrenagens sem-fim modulares, denominada W, e a linha foi ampliada com a introdução das famílias de caixas de engrenagens HDP e HDO.

Como responsável pela montagem, Cavicchi desempenhou papel fundamental no desenvolvimento de sistemas e equipamentos de montagem que, mesmo após quase trinta anos, continuam sendo utilizados até hoje. Com sua experiência em mecânica, conseguiu, juntamente com uma equipe sólida de colegas, conduzir a Bonfiglioli a uma nova era de desenvolvimento tecnológico moderno, sem jamais negligenciar o fator humano.

Em meados da década de 1990, nos dias que antecediam as festas de fim de ano, era costume trocar votos de boas festas nos escritórios, mas isso não acontecia nas fábricas. Cavicchi decidiu envolver Clementino Bonfiglioli e perguntou se seria possível realizar um brinde nos departamentos de produção. "Cuide de tudo você mesmo ", foi a resposta, "nos veremos para a troca de votos de boas festas." Assim, numa tarde do final de dezembro, Clementino pediu a Cavicchi que o acompanhasse até uma pequena sala no subsolo da Bonfiglioli: "Traga essa







Roberto Cavicchi, mestre de cerimônias no brinde de Natal, com Clementino ou com Sonia.

caixa para cima, hoje vamos fazer um brinde." Dentro da caixa havia um salame de dois metros de comprimento, que foi fatiado no meio do departamento de montagem, para surpresa geral.

Hoje, a troca de votos de boas festas de Natal nos departamentos de produção tornou-se uma tradição que Sonia continua mantendo com carinho.

O desenvolvimento e o crescimento de uma empresa também dependem de uma gestão financeira sólida. Giuliano Dall'Omo, que supervisionou a administração da empresa durante trinta e sete anos, oferece um testemunho valioso sobre esse aspecto. Dall'Omo ingressou na Bonfiglioli em julho de 1974 como gerente administrativo da Lucmar; a empresa, que então contava com apenas trinta e cinco funcionários, era responsável pela pintura e pelo processamento de muitos dos componentes utilizados na montagem das caixas de engrenagens. Era uma grande responsabilidade para um jovem de apenas vinte e um anos, no início da carreira, mas Clementino Bonfiglioli confiava profundamente nos jovens e sempre procurava abrir caminhos para o crescimento profissional daqueles em quem reconhecia verdadeiro potencial.

Dall'Omo foi um dos que receberam essa oportunidade e soube aproveitá-la. Em 1993, após dezenove anos na Lucmar, Giuliano Dall'Omo chegou a Lippo di Calderara, onde colocou sua experiência a serviço da empresa como gerente administrativo, contando com o apoio de Luisa Bonfiglioli. Nessa função, pôde compreender de perto o significado que o respeito por funcionários e fornecedores tinha para Clementino Bonfiglioli: "Nossos fornecedores realizaram trabalhos para nós e, por isso, precisam ser pagos em dia, porque eles também têm famílias e funcionários que dependem de seus salários." Uma regra não escrita, mas profundamente gravada na mente daqueles que administravam as finanças da empresa.

Ao longo dos anos, o vínculo entre Dall'Omo e a família Bonfiglioli não se limitou ao trabalho: a relação transformou-se em uma profunda confiança pessoal.



À esquerda:
Giuliano Dall 'Omo

À direita:
Gabriele Ventura em traje executivo, durante uma das competições de pesca da Bonfiglioli.

Dall'Omo descreve: "Após o falecimento do Sr. Bonfiglioli, havia várias medidas que precisavam ser tomadas para garantir a continuidade dos negócios. A Sra. Luisa me chamou, juntamente com Gabriele Ventura, para abrir o cofre pessoal. Dentro dele, ao lado de documentos da empresa, havia também alguns objetos pessoais, entre eles um par de abotoaduras. Sem hesitar, a dona Luisa as pegou e me entregou. Hoje, depois de tantos anos, guardo-as como lembrança de um gesto de profundo afeto."

Gabriele Ventura, por sua vez, foi contratado pela Bonfiglioli em 26 de novembro de 1973, logo após concluir seus estudos no instituto técnico Aldini-Valeriani. Ele começou no departamento de usinagem mecânica, mas logo ficou claro para a empresa que aquele jovem tinha um desejo real de aprender. Por isso, algumas tardes por semana, foi transferido para o departamento técnico, elaborando ciclos de fabricação e, algum tempo depois, assumiu a responsabilidade pelos serviços técnicos da oficina. Com o passar dos anos, suas competências e responsabilidades cresceram; primeiro assumiu a gestão de uma série de plantas, antes de se tornar diretor de produção.

Gabriele passou a supervisionar a implantação de novas instalações de produção, gerenciando tudo o que dizia respeito à construção, infraestrutura, licenças e atividades de manutenção: todas as etapas necessárias para permitir que os técnicos instalassem as linhas de produção.









Recordações das competições de pesca organizadas por Clementino

Durante vários anos, ocupou o cargo de CEO da BRT, empresa dirigida por Luciano Bonfiglioli. Ainda hoje, é considerado o funcionário com maior tempo de casa no universo Bonfiglioli.

Há outra história que simboliza a evolução da Bonfiglioli.

Mario Marchi tem noventa anos e passou quarenta deles na empresa. Foi contratado aos vinte e poucos anos, após estudar no instituto técnico Aldini-Valeriani, o mesmo onde Clementino Bonfiglioli havia se formado.

Mas por que Mario Marchi deve ser considerado um dos funcionários que fizeram a história da empresa?

A resposta está em um dos produtos mais emblemáticos da Bonfiglioli: a caixa de engrenagens VF.

Através das palavras de Marchi, refazemos e revivemos aquele período repleto de expectativas: “Eu era torneiro mecânico e, quando entrei na Bonfiglioli em 1960, comecei a trabalhar no torno paralelo utilizado para produzir os sem-fins da caixa de engrenagens VF49.”

Esta caixa de engrenagens permaneceria durante muitos anos como o principal produto da empresa e, ao longo de mais de setenta anos, milhões de unidades foram fabricadas e utilizadas em uma extraordinária variedade de aplicações.

Mario, trabalhando em sua máquina-ferramenta, transformava cilindros metálicos em um dos principais componentes de uma caixa de engrenagens. Em uma época em que ainda não existia eletrônica nem automação, tudo dependia apenas da habilidade e experiência prática. Era uma época a anos-luz de distância de hoje, não apenas em termos de processos mecânicos, mas também em todos os outros aspectos da vida profissional: “Naquela época, não tínhamos refeitório para o almoço. Quando chegava a hora de almoçar, utilizávamos um recipiente cheio de água quente, onde colocávamos nossas marmitas para aquecer a refeição. Era um mundo completamente diferente do de hoje.”

Outro mundo, outra época – moldados pelo sacrifício e pela determinação – que abriram caminho para aquilo que existe hoje.

Cerca de trinta mil mulheres e homens compartilharam uma parte de suas vidas com a Bonfiglioli. Alguns cresceram ao lado da empresa, outros seguiram caminhos diferentes. Há quem tenha permanecido apenas alguns meses e quem tenha dedicado uma vida inteira.



Mario Marchi

Cada um, à sua maneira, deu uma contribuição importante.

Há pessoas que trabalham na Bonfiglioli há quase quarenta anos e outras que assistem com orgulho aos seus filhos iniciarem uma nova jornada na mesma empresa. Algumas encontraram o amor e construíram uma família. Algumas saíram batendo a porta, enquanto outras sempre a considerarão sua casa.

Mulheres e homens que guardam imagens e memórias da empresa e que ajudaram a lançar os alicerces daquilo que a Bonfiglioli é hoje.

As histórias de Arnaldo, Franco, Vannetta, Roberto, Giuliano, Gabriele, Mario e muitos outros são algumas das mais significativas, não apenas por retratarem o trabalho propriamente dito, mas também por revelarem os vínculos entre as pessoas que têm caracterizado, de forma consistente, a cultura da Bonfiglioli ao longo dos anos.

Todas elas, sem exceção, diariamente, em vinte países que reúnem diferentes religiões e as mais diversas culturas, continuam fazendo história.



Clementino no estande
(Trípoli 1975)



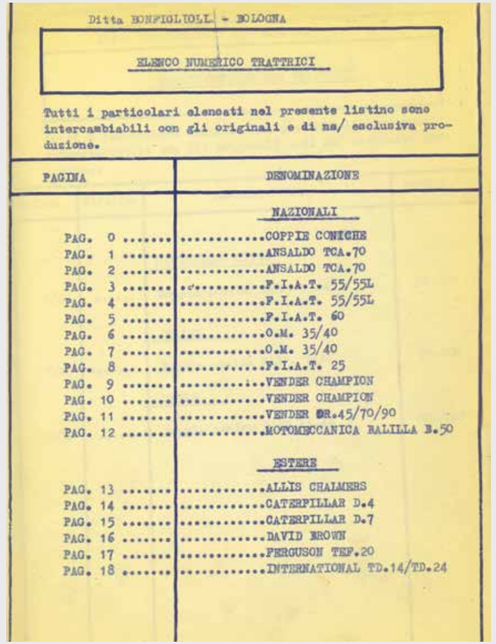
A evolução da comunicação

DA PRIMEIRA FEIRA DE COMÉRCIO INTERNACIONAL EM TRÍPOLI EM 1975 AOS ESTANDES ULTRA-TECNOLÓGICOS DE HOJE

"Todas as peças listadas neste catálogo são intercambiáveis com as originais e fabricadas exclusivamente pela empresa."

Lista de preços nº 1, 1956.





Ditta BONFIGLIOLI - BOLOGNA

ELENCO NUMERICO TRATTRICI

Tutti i particolari elencati nel presente listino sono intercambiabili con gli originali e di ns/ esclusiva produzione.

PAGINA	DENOMINAZIONE
	NAZIONALI
PAG. 0	COPPIE CONICHE
PAG. 1	ANSALDO TCA.70
PAG. 2	ANSALDO TCA.70
PAG. 3	F.I.A.T. 55/55L
PAG. 4	F.I.A.T. 55/55L
PAG. 5	F.I.A.T. 60
PAG. 6	O.M. 35/40
PAG. 7	O.M. 35/40
PAG. 8	F.I.A.T. 25
PAG. 9	VENDER CHAMPION
PAG. 10	VENDER CHAMPION
PAG. 11	VENDER GR.45/70/90
PAG. 12	MOTOMECCANICA BALILLA B.50
	ESTERE
PAG. 13	ALLIS CHALMERS
PAG. 14	CATERPILLAR D.4
PAG. 15	CATERPILLAR D.7
PAG. 16	DAVID BROWN
PAG. 17	FERGUSON TEF.20
PAG. 18	INTERNATIONAL TD.14/TD.24

A evolução de uma empresa não se mede apenas pela quantidade de novos produtos que ela cria e lança no mercado, mas também por sua capacidade de comunicar, promover sua marca e adaptar-se às novas exigências do mundo em que atua. Desenvolver esses elementos de forma desequilibrada pode limitar o crescimento, enquanto possuir excelentes produtos sem conseguir atrair novos compradores torna todos os esforços inúteis.

Ao longo de seus setenta anos de história, a Bonfiglioli atravessou épocas muito distintas, desempenhando papel de destaque na transição dos catálogos impressos para a era digital: uma era em que as redes sociais, quando utilizadas de forma eficaz, podem reduzir a distância entre empresa e cliente.

Na década de 1960, o conceito de promoção simplesmente não existia, especialmente no que diz respeito ao lançamento de produtos da indústria mecânica. Apenas algumas empresas já consolidadas participavam em feiras do setor e a maioria das oficinas de usinagem não passava de pequenas empresas artesanais. Para conquistar novos clientes, dependiam das habilidades de seus proprietários, que batiam à porta de empresas maiores oferecendo seus serviços como fornecedores.

Clementino Bonfiglioli tinha uma visão clara do caminho que desejava que a sua empresa seguisse e uma das principais razões do conflito que o levou a se separar de seus primeiros sócios foi justamente sua vontade de expandir os negócios, o que colidiu com a mentalidade mais conservadora daqueles que haviam iniciado a jornada ao seu lado.

Para impulsionar a empresa, Clementino acreditava que era necessário algo mais do que as estratégias tradicionais: era preciso oferecer aos potenciais clientes uma ferramenta adequada e imediata que lhes permitisse escolher os produtos de que necessitavam, os quais, naquela época, consistiam principalmente em peças de reposição para o setor agrícola. Assim, em 1956, o mesmo ano da fundação da empresa, ele criou sua primeira lista de preços. No entanto, era necessário encontrar uma solução que também permitisse aos não especialistas se orientarem entre as engrenagens utilizadas como peças de reposição para tratores. Por isso, com uma visão surpreendentemente avançada para a época, Clementino estruturou a lista de preços por fabricante: a primeira página apresentava engrenagens cônicas, seguidas por uma sequência de marcas, dando prioridade aos fabricantes italianos (Ansaldo, Fiat, OM) e prosseguindo depois com fabricantes estrangeiros (Allis Chalmers, Caterpillar, David Brown).

Neste documento, a visão que desejava transmitir a seus potenciais clientes estava condensada em uma frase de extraordinária clareza: "Todas as peças listadas neste catálogo são intercambiáveis com as originais e fabricadas exclusivamente pela empresa."

Uma mensagem direta e precisa que, em uma única frase, transmitia dois conceitos fundamentais no cerne da identidade da empresa: primeiro, que as peças de reposição possuíam qualidade suficiente para substituir as originais; segundo, que eram produzidas exclusivamente pela Bonfiglioli, sem depender de terceiros para fornecimento

ou definição de preços. Com uma visão empresarial como essa, não surpreende que Clementino Bonfiglioli tenha se tornado uma das figuras mais importantes da indústria italiana.

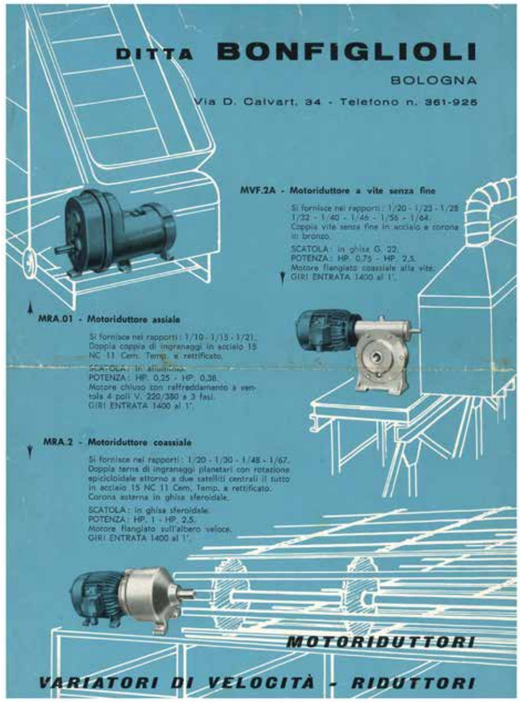
A mesma filosofia foi mantida no catálogo de 1960, que também apresentava uma clara ampliação da oferta de produtos: não apenas engrenagens e peças de reposição, mas também caixas de engrenagens.

Ao longo das quatro páginas do catálogo, nada menos que doze modelos eram ilustrados, cada um acompanhado de suas características técnicas e respetivas relações de redução. A última página era dedicada a um detalhe do processo de produção: afinal, o cliente precisava saber que estava adquirindo um produto fabricado com a melhor tecnologia disponível na época: "Os equipamentos utilizados para nossos redutores consistem em máquinas-ferramenta automáticas de última geração, incluindo nossas máquinas de fresagem de engrenagens Fellows e modeladoras Michigan, projetadas para trabalhos que exigem os mais altos níveis de precisão."

Mais uma vez, a mensagem era clara: nossas caixas de engrenagens são as melhores!

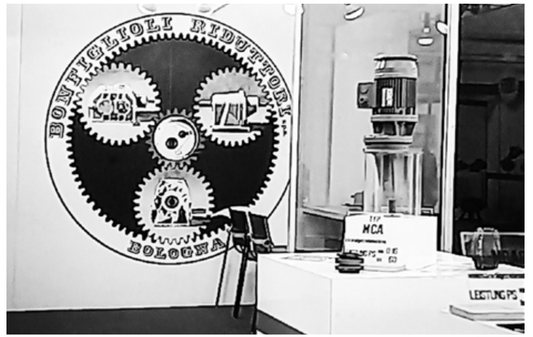
A empresa atravessava então um período de forte expansão e, por isso, a partir da década de 1970, estava pronta para se tornar conhecida por meio da participação em feiras de negócios.

Foi Loris Franceschi, um dos colegas de Clementino Bonfiglioli, quem assumiu a responsabilidade de organizar



O catálogo de 1960





Hanôver 1977



Bauma 2025

Hanôver 1982

e participar das primeiras feiras da empresa. Suas histórias ajudam a compreender o quanto a relação entre indústria e clientes mudou ao longo do tempo e funcionam também como instantâneos de uma época que já passou, mas que permanece viva na nossa memória.

Trípoli, 1975: Loris Franceschi chegou à capital da Líbia juntamente com Clementino Bonfiglioli no dia anterior à abertura de uma das primeiras feiras de que a empresa participaria. O mercado da África Subsaariana apresentava grande potencial e o objetivo da participação nesta feira era encontrar um distribuidor que assumisse a comercialização e a venda das caixas de engrenagens Bonfiglioli naquele continente. Mas, quando Franceschi e Bonfiglioli chegaram ao pavilhão que reunia as empresas italianas, perceberam que seu estande ainda não havia sido montado. Tinham menos de vinte e quatro horas para organizar tudo e preparar os materiais. Clementino, porém, não se deixou abater: com a ajuda de um carrinho de mão, transportou pessoalmente as caixas de engrenagens da área de armazenamento, onde todos os produtos estavam empilhados, levando-as até o espaço reservado e montando o estande da melhor forma possível. Depois de posicionarem os materiais, os dois perceberam que os organizadores da feira nem sequer haviam fornecido uma mesa ou uma cadeira para receber os visitantes. Situações como essa exigiam grande capacidade de adaptação. Assim, Clementino pegou algumas caixas de madeira às pressas e as cobriu com carpete verde para improvisar assentos; para dar vida às paredes vazias, pendurou algumas páginas do catálogo. Em poucas horas, o estande estava pronto.



Trípoli 1975

Clementino Bonfiglioli partiu no dia seguinte, enquanto Franceschi permaneceu na Líbia por mais vinte dias. Não vendeu uma única caixa de engrenagens, mas a experiência mostrou-se valiosa para a organização das feiras futuras.

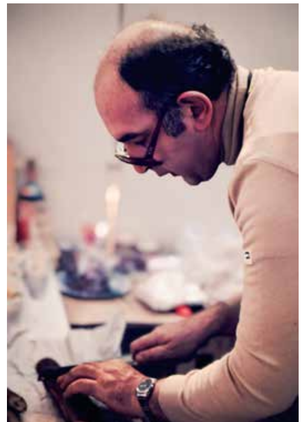
Hanôver, 1982: além de marcar a estreia do primeiro estande modular da Bonfiglioli, essa edição da feira também ficou conhecida pela primeira aparição de uma cafeteira moka. Durante o evento, dezenas de cafés foram preparados para os clientes visitantes, atraindo tanta gente que, a partir do ano seguinte, passaram a disponibilizar duas cafeteiras.

Hanôver, 1985: outra edição memorável da feira, descrita de forma particularmente vívida por Franceschi. Por iniciativa de Pietro Cavazzuti, responsável comercial pelas regiões de Modena e Sassuolo, foi instalada uma cozinha nos fundos do estande, onde o próprio Cavazzuti, auxiliado pelo intérprete e alternando entre as funções de vendedor e cozinheiro, preparava cerca de quarenta refeições por dia para clientes e equipe de vendas. Essa edição também ficou marcada por outro episódio inesquecível: na viagem de volta para a Itália, durante a inspeção de pré-embarque no aeroporto, pediram para Cavazzuti abrir sua grande mala de mão. Além de alguns alimentos, retirou da bagagem uma faca com lâmina de vinte centímetros, utilizada durante a feira para preparar as refeições. Como

Hanôver 1982



Hanôver, 1985 — Cavazzuti na cozinha do estande







se pode imaginar, a tensão aumentou imediatamente; os agentes alemães ficaram em alerta e levaram as mãos aos coldres. Então Cavazzuti, demonstrando extraordinária presença de espírito, também tirou da mala um salame e uma garrafa de Lambrusco, que resolveu compartilhar com os agentes. Todos desfrutaram daquele inesperado e saboroso momento de confraternização.

Contar essa história hoje provoca sorrisos, mas basta imaginar como terminaria uma situação semelhante em qualquer aeroporto do mundo atualmente!

Nos estandes das feiras do início da década de 1970, a abordagem era simples: os produtos eram expostos e cabia aos vendedores estabelecer contato com os visitantes e explicar suas características. Hoje, as feiras são organizadas até o mais ínfimo detalhe: as empresas já não vendem apenas produtos, mas oferecem soluções. Há serviços de gastronomia dedicados aos clientes, por vezes com chefs com estrelas Michelin preparando pratos sofisticados; atualmente, é preciso mais do que uma cafeteira moka para conquistar novos clientes.

Equipe de vendas no estande de Hanôver.



Recursos interativos no estande da SPS Nuremberg 2023.









Apresentações de produtos em feiras na década de 1990

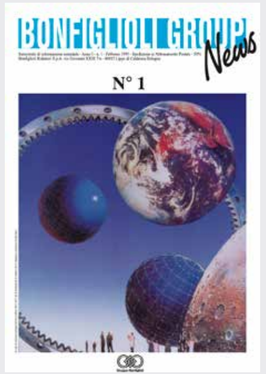
O foco está cada vez mais na experiência oferecida, enquanto os serviços digitais complementam esse novo modelo de relacionamento. Basta pensar em como os dados dos visitantes são coletados em um estande de feira: há cinquenta anos, preenchiam-se formulários manuscritos com informações dos clientes e cartões de visita; hoje, plataformas especializadas gerenciam essas informações conectando os perfis de mídia social das empresas com os visitantes.

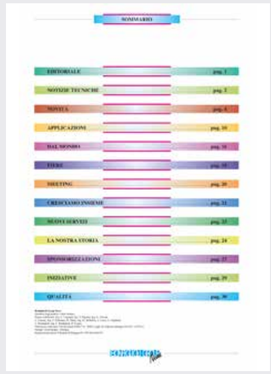
A internet mudou o mundo e aqueles que compreenderam seu potencial desde o início conquistaram uma enorme vantagem. De fato, a internet esteve no centro de um dos pilares do desenvolvimento da Bonfiglioli: na primeira metade da década de 1990, as conexões entre computadores eram, sobretudo, domínio de instituições militares ou científicas, que começavam a testar as suas possibilidades. Na Itália, a primeira página da web foi publicada no início de 1993 pela Universidade de Pisa; em agosto do mesmo ano, o primeiro site italiano entrou no ar por iniciativa do Centro Ricerca Sviluppo e Studi Superiori della Sardegna, dirigido pelo laureado com o Prêmio Nobel Carlo Rubbia. Em 1994, novamente na Sardenha, foi criado o primeiro provedor italiano de internet, com o objetivo de levar a rede a um público mais amplo.

Apenas dois anos depois, quando a revolução digital ainda parecia uma realidade distante para as pessoas comuns, a Bonfiglioli reconheceu seu potencial e registrou prontamente seu próprio domínio (www.bonfiglioli.com).

Este marco histórico marcou para sempre a trajetória de crescimento e conexão da empresa e, em fevereiro de 1996, nasceu a Bonfiglioli News, com o objetivo de criar um canal de comunicação com todos aqueles que faziam parte de sua comunidade, sob as mais diversas formas. Tratava-se de uma revista semestral que abordava uma ampla variedade de temas, desde desenvolvimentos técnicos até materiais promocionais, eventos e novos produtos. O segredo de seu sucesso estava no fato de que os artigos iam além de simplesmente descrever a evolução da empresa: eles compartilhavam uma visão com seus leitores. A Bonfiglioli não se limitou a imprimir algumas cópias para deixá-las sobre mesas de recepção; desenvolveu um verdadeiro projeto editorial, e milhares de exemplares foram enviados pelo correio a funcionários, fornecedores, clientes e associações do setor. Em pouco tempo, a revista tornou-se uma ferramenta indispensável para aprofundar o conhecimento sobre o mundo das caixas de engrenagens: um registro constantemente atualizado, situado entre o dossiê técnico e o jornal corporativo. Em suas páginas, era possível encontrar tanto diagramas de cálculo de engrenagens quanto fotografias

A primeira edição da Bonfiglioli News, em 1995, páginas selecionadas.











das feiras em que a empresa havia participado. Essa forma inovadora de comunicação sustentou a imagem da marca Bonfiglioli por uma década, sendo substituída apenas no início dos anos 2000 pelas novas estratégias de comunicação impulsionadas pelas redes sociais.

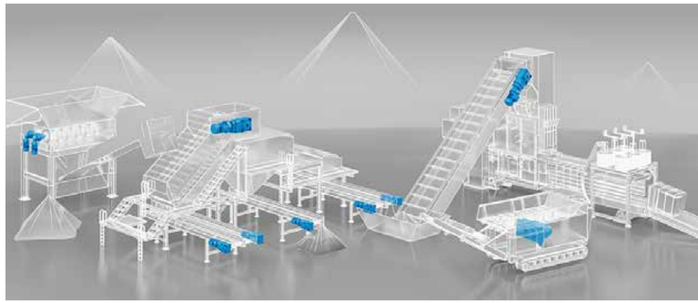
À medida que a empresa passava por sua metamorfose, também foi dada grande atenção à renovação de sua identidade corporativa. Durante a década de 1980, o logotipo histórico – que representava uma série de engrenagens cercadas pelo nome da empresa – já não transmitia uma imagem contemporânea e precisava ser atualizado. A partir de 1980, foi introduzido um novo logotipo que refletia melhor a evolução da Bonfiglioli, expressando uma visão clara para o novo milênio e acompanhado por slogans que evoluíram juntamente com a marca.

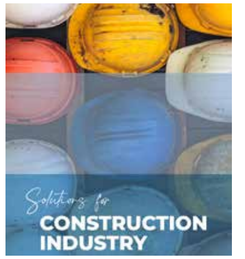
No início do século XXI, a Bonfiglioli começou a lançar as bases da transformação que a conduziria ao sucesso atual, não apenas como fabricante de caixas de engrenagens, mas como fornecedora de soluções industriais completas. Tratava-se de uma mudança sistêmica que envolvia todas as funções do Grupo.

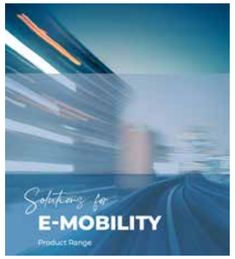
Da campanha publicitária Agile, em 2009, aos métodos de comunicação atuais: a história de uma marca que sempre foi líder.



A evolução do logotipo da empresa até a imagem de marca atual













A nova abordagem de comunicação ficou evidente com o lançamento do inversor Agile, em 2009; a promoção integrada, que incluía catálogo, publicidade, vídeos digitais, site, gadgets promocionais e até uma área dedicada dentro do estande da feira, deu origem a uma campanha que se assemelhava muito mais à de um produto de consumo do que à de um produto industrial.

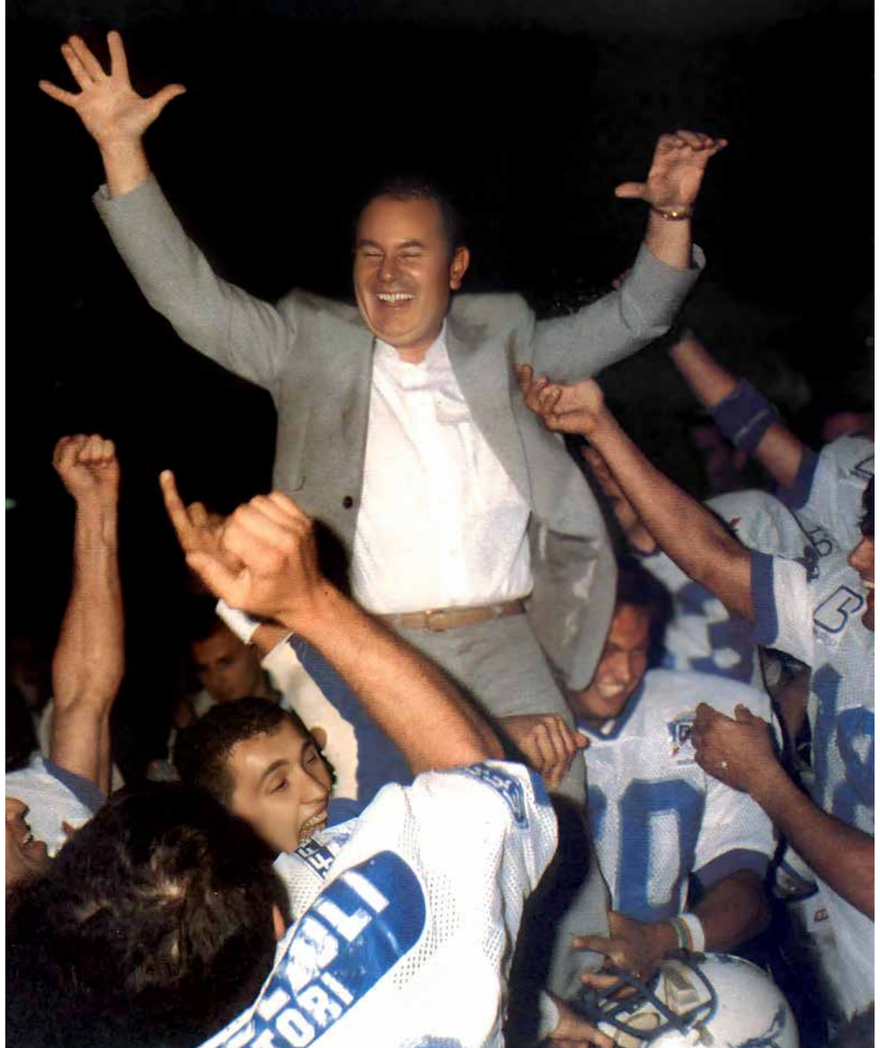
Desde então, as ferramentas digitais tornaram-se cada vez mais eficazes: além de receber milhares de visitas diárias, o site da Bonfiglioli passou a contar com canais nas redes sociais que comunicam a visão da empresa de forma cada vez mais coordenada e integrada. Hoje, o perfil da empresa no LinkedIn também é visitado por muitos profissionais do setor que desejam se manter atualizados sobre sua evolução e uma parcela crescente das novas contratações é realizada por meio dessa plataforma, que permite entrar em contato de forma rápida e simples com um grande número de profissionais qualificados.

Nestes tempos de ritmo acelerado, em que os conteúdos têm uma vida útil cada vez mais curta, é essencial dispor de uma estratégia de comunicação clara, especialmente para uma empresa que atua em escala global. Levar em consideração as diferenças ambientais, sociais e culturais é fundamental para qualquer grupo industrial que pretenda manter a liderança em seu setor.

Nos últimos anos, a Bonfiglioli desenvolveu campanhas de comunicação que ampliaram seu horizonte de atuação, expandindo-se em direção a horizontes amplos e distantes. Quem lidera estas iniciativas enfrenta atualmente grandes desafios estratégicos: por exemplo, organizar uma feira de grande dimensão exige um planeamento claro e ideias definidas, de tal forma que as reuniões iniciais começam, habitualmente, um ano antes do próprio evento. As formas de compartilhar conteúdo também mudaram: as redes sociais reúnem hoje milhões de usuários e tornou-se cada vez mais importante alcançar um número crescente de potenciais clientes.

E assim a Bonfiglioli – que um dia foi apenas uma pequena expositora em uma feira em Trípoli, onde não vendeu uma única caixa de engrenagens – hoje gera centenas de milhões de euros em receita por ano em toda a África, mais de cinquenta anos depois de iniciar sua jornada. Seu escritório de Sandton, na África do Sul, emprega atualmente oitenta pessoas, algumas delas há mais de vinte anos na empresa, transformando a memória do carpete verde daquele primeiro estande africano em uma notável história de sucesso.





Acostumada a vencer nos negócios e no esporte

UMA PAIXÃO PELO TIME ROSSOBLÙ E UM ESPÍRITO DE GUERREIRO

Era uma tarde ensolarada de 7 de junho de 1964. Poucos minutos antes das sete horas, o árbitro Lo Bello apitou o fim da partida entre Bologna e Internazionale de Milão.

O Bologna conquistava o Campeonato Italiano pela sétima vez. Na cidade dos pórticos e do Colle della Guardia, os torcedores inundaram as ruas para celebrar. Entre eles estava Clementino Bonfiglioli, apaixonado torcedor do time rossoblù.

Sua paixão pelo futebol e pelo Bologna FC o acompanhou durante toda a vida. Ele nunca perdia uma partida e ocupava sempre o seu lugar nas arquibancadas do Estádio Dall'Ara.

Ao longo dos anos – alguns deles difíceis tanto do ponto de vista econômico quanto esportivo para o clube — Bonfiglioli resistiu aos convites para se tornar um dos proprietários do Bologna, preferindo deixar a razão prevalecer sobre a paixão. Costumava explicar às pessoas mais próximas que proteger sua empresa era a prioridade: administrar o time de futebol do Bologna exigiria muita energia e muitos recursos financeiros, o que poderia prejudicar seus negócios. Apesar disso, ao longo dos anos, jamais deixou de apoiar o time como patrocinador.

Sua paixão pelas cores vermelha e azul do time era um de seus temas de conversa preferidos, sobretudo nas manhãs de segunda-feira, ocasião em que, como qualquer autêntico torcedor, analisava os resultados de domingo com seus colaboradores mais próximos.





7 de junho de 1964, histórico jogo de desempate pelo título da Serie A: Bologna x Inter, Estádio Olímpico de Roma.



CHINA SANTINI
il liquore della salute

STADIO

QUOTIDIANO SPORTIVO

IN NONA PAGINA
SPAREGGIO ANCHE NEL BASKET ?

Direzione Redazione Amm.: BOLOGNA - Via Gramsci 5

Lunedì 8 Giugno 1964 - A. XX - N. 134 - L. 50

L'Inter dominata all'Olimpico: 2-0!

IL BOLOGNA CAMPIONE!

Uma das muitas lembranças que me ligam ao chefe está relacionada justamente ao futebol.

No início dos anos 2000, eu era responsável pelo planejamento da produção na planta de Lippo e, aos sábados de manhã, costumava passar pela empresa para verificar as atividades com mais tranquilidade. Às vezes, meu filho Simone, que tinha cerca de oito anos naquela época, me acompanhava: Eu trabalhava e ele desenhava. Por volta do meio da manhã, como de costume, eu recebia uma ligação de Clementino, que sempre passava pela empresa aos sábados.





"Oi, Michele, você está com o Simone?"

Após minha resposta afirmativa, ele continuava: - Venha ao meu escritório com ele.

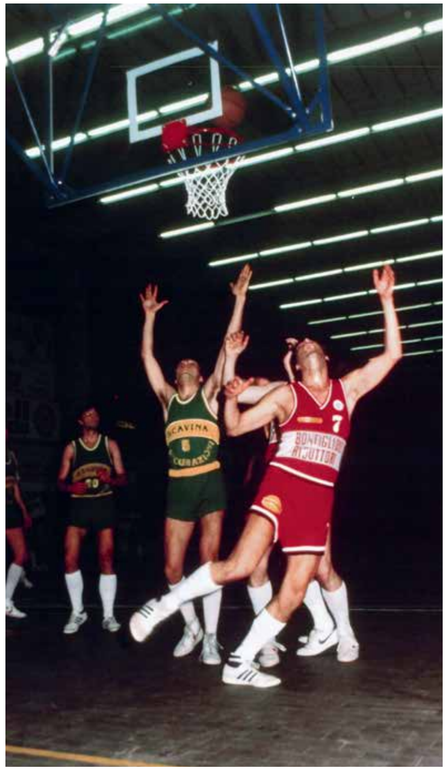
Enquanto caminhava pelos corredores de mãos dadas com meu filho, eu já me preparava para assistir a uma espécie de ritual pagão de iniciação que tinha visto muitas vezes antes. Assim que chegávamos ao escritório no primeiro andar, Bonfiglioli apontava para o prato de vidro sobre sua mesa — sempre cheio de doces — convidando meu filho a pegar alguns. Em seguida, com o olhar travesso de quem está prestes a pregar uma peça, ele chegava perto de Simone e dizia baixinho: "Lembre-se, Simone: você é de Bolonha, então tem que torcer pelo Bologna, não como seu pai, que torce pelo Nápoles."

Ainda hoje, meu filho – agora com mais de vinte anos e torcedor apaixonado do Bologna – se lembra daquelas manhãs de sábado cheias de balas e futebol. Quanto a mim, resta um profundo sentimento de privilégio e gratidão por ter vivido momentos tão inesquecíveis.



Sonia com Sasha Danilovic, Roberto Brunamonti e o presidente Alfredo Cazzola por ocasião da conquista do 13º Scudetto da Virtus Bologna e, mais recentemente, com o jogador da Virtus Segafredo Bologna Andrejs Gražulis, em 2024.

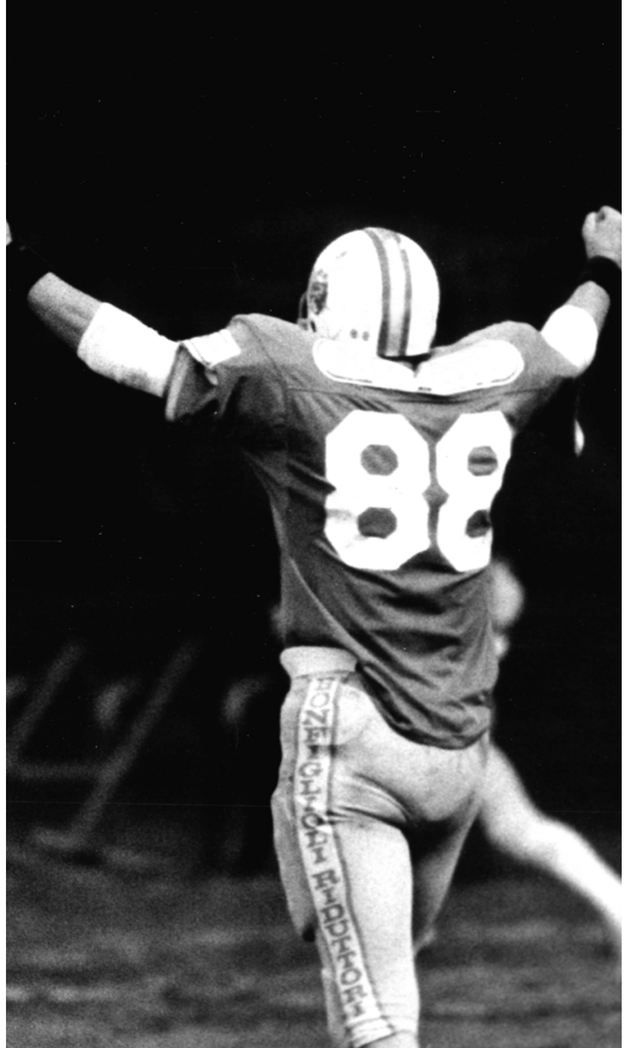






Para a Bonfiglioli e seu fundador, o esporte nunca foi uma ferramenta de promoção, mas uma forma de apoiar o tecido social de Calderara e de toda a região; uma maneira de criar vínculos entre as pessoas também fora do ambiente de trabalho. Durante muitos anos, a Bonfiglioli patrocinou as equipes de ciclismo e basquete da Polisportiva Calderara, oferecendo apoio financeiro essencial ao clube esportivo onde treinavam os filhos de muitos funcionários. Era uma forma de ampliar a visão deles sobre o serviço social e a conexão com a comunidade local; a mesma abordagem, como veremos em um capítulo posterior, foi implementada na Índia.

Em Bolonha – cidade apaixonada por basquete e futebol – outro esporte vindo de longe começou a ganhar popularidade no início dos anos 1980: o futebol americano. Nos canais privados de televisão recém-criados, as partidas da NFL passaram a ser exibidas nas manhãs de domingo, com suas cores vibrantes, capacetes e as proteções para proteger os jogadores dos impactos. Naqueles anos, graças à determinação de alguns entusiastas, nasceram em Bolonha duas equipes: os Doves e os Warriors.

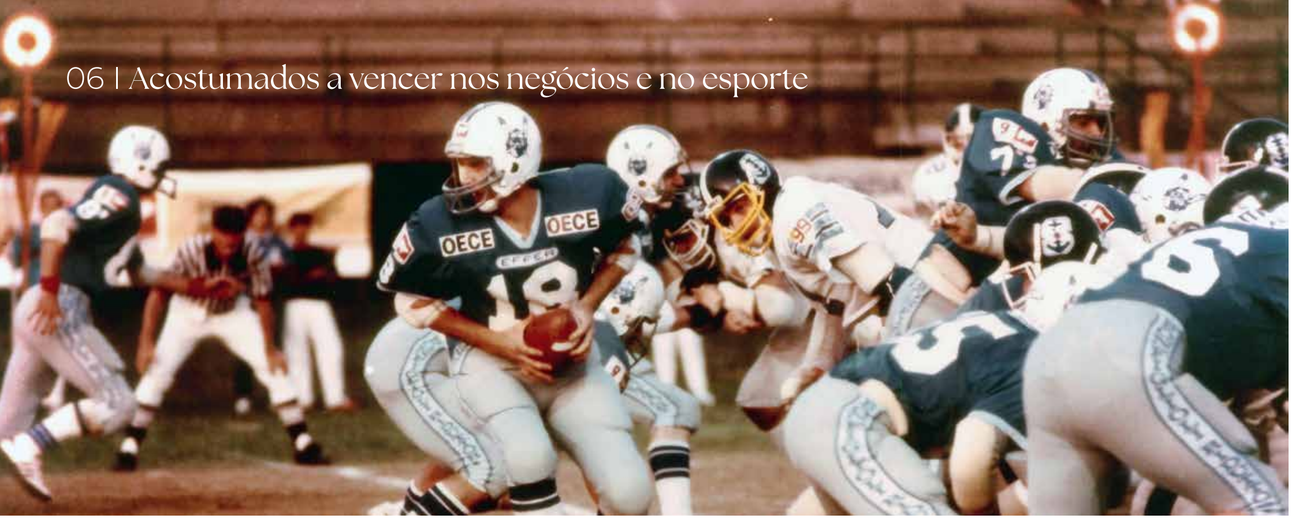


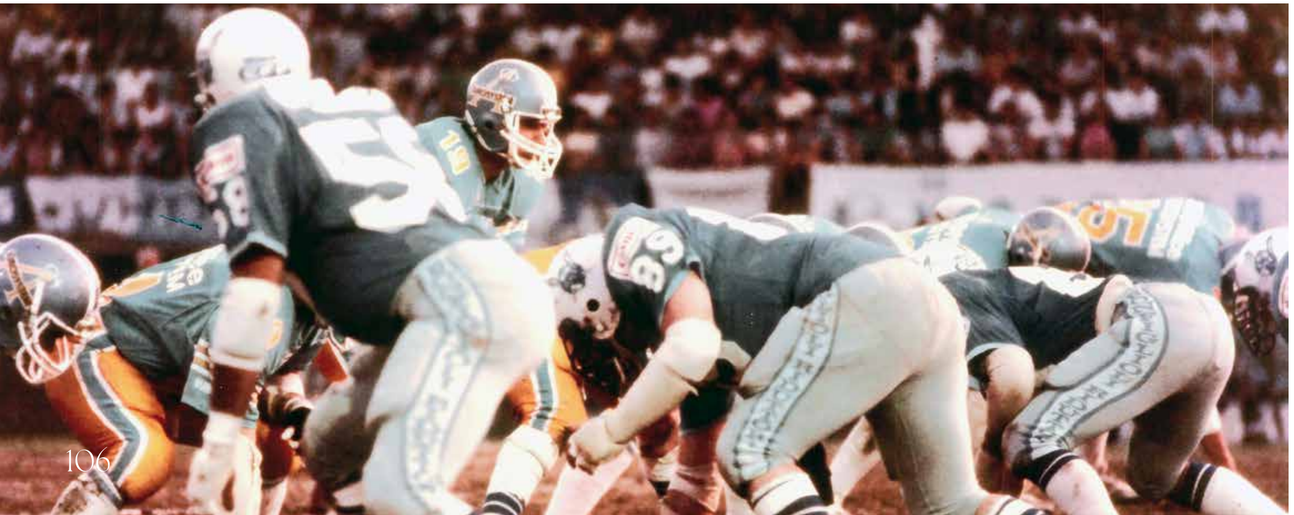
O professor Attilio Lodi, um dos mais eminentes cirurgiões de Bolonha e presidente dos Warriors, desejava transformar sua equipe em uma das melhores da Itália e, por isso, decidiu envolver seu amigo de infância Clementino Bonfiglioli. Fascinado por um esporte tão diferente daqueles aos quais estava acostumado, ele aceitou com entusiasmo participar ativamente da gestão financeira do clube. Era 1985 e a história do futebol americano em Bolonha estava prestes a ser escrita. No conselho de administração, ao lado de Lodi, estavam o próprio Bonfiglioli como vice-presidente, sua filha Sonia como conselheira e vários executivos responsáveis pela gestão estratégica do clube.

Naquele período, foram feitos investimentos significativos, permitindo a contratação de nomes de topo, tanto ao nível da equipa técnica como dos jogadores. No primeiro ano da equipe, eles chegaram aos playoffs, mas esse não era o objetivo de Clementino Bonfiglioli.

Ao final da primeira temporada sob a sua gestão, no verão de 1985, durante a reunião do conselho convocada para definir o orçamento do ano seguinte, o presidente Lodi pediu atualizações sobre os contratos de patrocínio para o próximo campeonato. A discussão foi interrompida pelo Dr. Biagi, responsável pelas finanças, que perguntou quais eram os objetivos da equipe. O conceito era altamente pragmático: o orçamento seria construído com base nesses objetivos.

Bastou uma troca de olhares entre Clementino Bonfiglioli e sua esposa Luisa para confirmar o que todos já sabiam.







“Eu quero vencer”, declarou ele, olhando para os demais membros do conselho. E assim foi.

Em 1986, os Warriors derrotaram os Jets Bolzano na semifinal e garantiram vaga no Italian Superbowl, disputado em Bolonha contra Pesaro. A oportunidade de disputar a final no Estádio Dall’Ara diante da própria torcida talvez fosse uma oportunidade única na vida e a expectativa era enorme. Mas Clementino Bonfiglioli sabia exatamente como motivar seu time.

Na noite anterior à final, toda a equipe e a comissão técnica foram convidadas para a Bonfiglioli Riduttori, em Lippo. Na noite anterior à final, tinha sido organizado um jantar na cantina da empresa, para que todos pudessem estar juntos antes do jogo decisivo no dia seguinte; temos um relato preciso e detalhado do evento, vindo de uma das principais figuras daquela temporada: Paolo

A final de 1986: equipe, memorabilia e fotos de partida



Parlangeli. Na época, ele era o diretor desportivo da equipa e esses momentos estão claramente gravados em sua memória: “Todos os jogadores, treinadores e dirigentes estavam sentados à mesa jantando com Bonfiglioli, que ia contando histórias. Perto do final da noite, Beppe Grandini, responsável pelos vídeos da equipe, exibiu uma montagem com os melhores momentos das partidas que a tinham levado até ali. O vídeo incluía entrevistas e provocações bem-humoradas, quase sempre dirigidas aos seus rivais declarados, os Doves: A outra equipe de Bolonha. Quando o vídeo terminou, entre risadas e gritos, as luzes se apagaram e o silêncio tomou conta do ambiente. Beppe havia preparado uma surpresa que ninguém conhecia. Começou então um vídeo com as melhores jogadas ofensivas e defensivas da temporada ao som de ‘Don’t Stop Me Now’, dos Queen. A mensagem era clara: rapazes, trabalhamos duro para chegar até aqui, amanhã vamos concluir o trabalho da melhor maneira possível e conquistar o campeonato. Quando o vídeo terminou, as notas de ‘We Are the Champions’ dos Queen ecoaram pela sala, mergulhando todos em um silêncio carregado de emoção. Clementino Bonfiglioli aproximou-se do professor Lodi e disse: ‘Amanhã somos nós que vamos vencer’, antes de se aproximar de mim e acrescentar: 'vou deixar as bebidas prontas para comemorarmos'. Fora das instalações da empresa, um grupo de crianças esperava que os jogadores saíssem para pedir autógrafos: naquela época, Lippo era uma pequena localidade e os gritos vindos da rua naquela noite despertaram muitos moradores. Alguns daqueles jovens, em suas motos, acompanharam os carros do time até a saída da cidade, em uma despedida coletiva na véspera da final.

No dia seguinte, o clima de expectativa no Estádio Dall’Ara era enorme, alimentado também pelos jornais e pelos meios de comunicação. Quinze mil espectadores eram esperados; no final, compareceram dezessete mil. A multidão era tanta que, durante a partida, os portões foram abertos para permitir a entrada de mais sete mil espectadores.

O jogo foi um triunfo: os Warriors derrotaram os Angels Pesaro por 16 a 6. Depois de perder duas finais, os Warriors finalmente conquistavam o campeonato, em 5 de julho de 1986. Clementino Bonfiglioli ficou eternizado nas fotografias daquela conquista, sendo carregado nos ombros pelos jogadores ao redor do campo para celebrar a vitória.

As comemorações continuaram no vestiário. Mais uma vez, Parlangeli relembra vividamente aquele momento: “O cheiro de álcool superava em muito o de suor. Foi uma grande festa para nós e para Bolonha.”

A parceria entre a Bonfiglioli e as Warriors durou cinco anos: além da conquista do campeonato, a equipe alcançou outros resultados notáveis, entre eles mais uma final da liga contra o Busto Arsizio e uma participação nas semifinais. Tudo isso demonstra que, com paixão, organização e a equipe certa, nenhum resultado está fora de alcance.

Mas esse período de triunfos esportivos também refletia a forma como Bonfiglioli encarava novos projetos, aplicando o mesmo método em suas empresas. Cuidar de seus funcionários, compreender suas situações familiares, estar ao lado deles nos momentos mais difíceis: foram esses os elementos que forjaram um vínculo inquebrável entre um líder e sua equipe.

Uma empresa não é tão diferente de um time esportivo. A paixão que Clementino Bonfiglioli sentia pelo Bologna, no estádio Dall’Ara, era a mesma que sentia como empresário por seus produtos e por suas empresas.

É fácil imaginá-lo contemplando suas duas grandes paixões: no estádio, celebrando a classificação do Bologna para a Liga dos Campeões, e, com o mesmo orgulho, a alegria que sentia pelas mulheres e pelos homens que ajudaram a construir a Bonfiglioli que conhecemos hoje. Ambos, agora mais do que nunca, são extraordinários, verdadeiramente notáveis e estão prontos para os desafios que virão.





Soluções a serviço das pessoas

A CAIXA DE ENGRENAGENS: UM AGENTE SECRETO DO COTIDIANO

Solutions for EVERYDAY LIFE.

Os thrillers são um gênero cinematográfico muito popular.

Eles contam histórias envolventes que frequentemente apresentam agentes secretos como protagonistas: personagens que realizam missões emocionantes, heróis silenciosos e discretos que poucas pessoas reparam, mas sem os quais a história simplesmente não poderia avançar.

No mundo da mecânica, existe um dispositivo que nos ajuda diariamente sem nunca ser visto, com toda a discrição de um agente secreto: a caixa de engrenagens.

Muitas pessoas nem sabem que esse componente existe, mas, ainda assim, se beneficiam do que ele faz. Todos os dias, realizamos ações que são resultado do progresso tecnológico. É normal usarmos escadas rolantes para chegar a uma estação de metrô, assim como colocar as compras na esteira rolante do caixa do supermercado; e o que dizer da alegria das crianças nas atrações dos parques de diversão? Ou de pegar um elevador para chegarmos aos andares mais altos de um edifício?

Todas essas ações que consideramos normais simplesmente não seriam possíveis em uma realidade alternativa sem as caixas de engrenagens. As caixas de engrenagens são amigas invisíveis que auxiliam os seres humanos em muitas de suas atividades e não apenas na vida cotidiana.



Série de ilustrações criadas na década de 1990 para a Bonfiglioli News





Pisa é uma das cidades mais famosas do mundo graças à esplêndida Piazza dei Miracoli e ao seu monumento icônico: a torre que se ergue ao lado da catedral há mais de oito séculos.

O que torna essa torre única é a sua inclinação: a morfologia do terreno sobre o qual ela foi construída faz com que apresente uma inclinação de 3,97 graus.

Em 1990, foi iniciado um projeto de conservação destinado a reduzir a inclinação da torre, a fim de diminuir o risco de colapso. Para este projeto, que durou mais de dez anos, foi utilizada uma máquina especial para instalar os tirantes de ancoragem que sustentavam o peso da torre. Esta máquina foi equipada com uma série de redutores planetários Bonfiglioli 700C. Quando as obras de melhoria foram concluídas, o monumento – único no mundo – voltou a ser aberto ao público.

Outro lugar único no mundo por suas características geográficas e naturais é o Deserto do Atacama, no Chile. Localizado entre o Oceano Pacífico e a Cordilheira dos Andes, ele vem sendo estudado por cientistas há muitos anos.

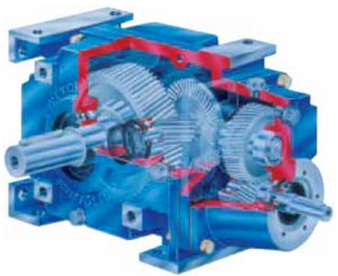
Sob sua superfície encontram-se minerais valiosos, como molibdênio, lítio e cobre: aliás, a maior mina do mundo está localizada exatamente ali. Para extrair esses minerais, são utilizadas máquinas capazes de separar a água subterrânea do material sólido que os contém: um processo realizado dentro de enormes tanques cilíndricos com cem metros de diâmetro. A gravidade faz com que o material mais pesado se deposite no fundo, enquanto a água flui pelas bordas dos tanques. Nessa etapa do processo de extração entra em ação um ancinho espessador, acionado por redutores planetários, que conduz os minerais sólidos até as aberturas localizadas na parte inferior dos cilindros.

Essa solução é extremamente útil porque atinge dois objetivos ao mesmo tempo, reduzindo simultaneamente os custos e minimizando o impacto ambiental.

Das profundezas da Terra passamos à vastidão das galáxias, da escuridão das minas ao negro impenetrável do cosmos.

Todos conhecemos a sensação de fascínio ao olhar para o céu e a beleza das estrelas e dos planetas desperta nossa imaginação. Na Antiguidade, visionários como Galileu Galilei começaram a observar e estudar a esfera celeste utilizando meios rudimentares; instrumentos que evoluíram gradualmente e conduziram a descobertas cada vez mais extraordinárias. Naquela época, quem desafiava as crenças populares e religiosas arriscava a própria vida, mas a história provou que eles estavam certos, em grande parte graças à criação de instrumentos cada vez mais sofisticados, que permitiram uma melhor observação das galáxias. Dos primeiros telescópios chegamos aos modernos observatórios astronômicos,





muitas vezes construídos em grandes altitudes, longe da poluição luminosa das cidades.

La Silla é um observatório localizado no Deserto do Atacama, a mais de dois mil metros acima do nível do mar, a seiscentos quilômetros de Santiago do Chile. Desde a década de 1960, a ESO — Organização Europeia para a Pesquisa Astronômica no Hemisfério Sul — estuda as galáxias nesse local utilizando telescópios de última geração. Para controlar o movimento desses enormes olhos voltados para o universo, foram instaladas caixas de engrenagens Bonfiglioli; características únicas permitem que elas operem mesmo sob condições climáticas desafiadoras. Neste caso, as condições são realmente exigentes, dada a altitude dos Andes, com suas paisagens e panoramas que se parecem com pinturas.

E, por falar em pinturas, muitos artistas já homenagearam a beleza da capital da Normandia: Rouen.

Há séculos, seu centro histórico atrai visitantes de todo o mundo graças à sucessão de palácios e casas em enxaimel que se alinham pelas ruas estreitas, onde magníficas igrejas construídas ao longo dos séculos convivem lado a lado com edifícios civis. De todas elas, a mais famosa é inquestionavelmente a Catedral de Notre-Dame – um magnífico exemplo da arquitetura gótica que permanecerá para sempre associada, na memória dos amantes da arte, à série de pinturas do mestre impressionista Claude Monet, que a retratou em diferentes momentos do dia. Nas dezenas de telas pintadas pelo artista francês, a catedral surge em toda a sua magnificência, oferecendo não apenas uma imagem icônica da cidade, mas também servindo como um marco na história da pintura.

Mas Rouen é muito mais do que história: é também um centro de comércio, já que sua localização às margens do Sena sempre fez dela o principal porto fluvial da França. Com o passar do tempo, um importante polo industrial se desenvolveu em toda a área metropolitana de Rouen: empresas dos setores automotivo, aeronáutico e farmacêutico instalaram suas unidades de produção ao redor da cidade. O crescimento econômico tornou necessária a adaptação e ampliação das infraestruturas para melhorar a mobilidade da população e uma das obras de engenharia mais importantes da cidade é a Ponte Gustave Flaubert.

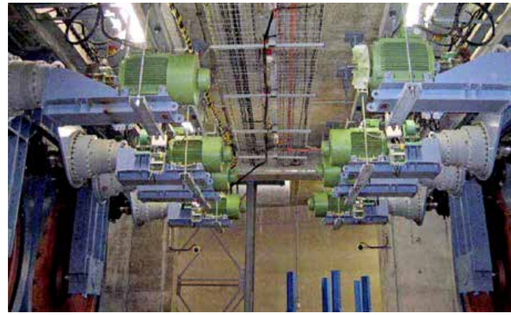


A solução inovadora concebida para a construção da ponte é particularmente notável: ela tinha de permitir que grandes navios comerciais passassem rapidamente, ao mesmo tempo que criava uma nova alternativa para o tráfego urbano e garantia que o impacto visual sobre a paisagem metropolitana fosse reduzido ao mínimo. O resultado foi uma ponte que permite a passagem dos navios por meio da elevação de todo o tabuleiro rodoviário que conecta as duas margens do Sena, alcançando uma altura de cinquenta e cinco metros. Para erguer mais de duas mil toneladas, os redutores planetários Bonfiglioli da Série 316 foram instalados no interior dos pilares maciços, permitindo que a ponte subisse e descesse em apenas minutos.

Outra ponte, situada em um continente distante, é o símbolo de sua cidade: Sydney Harbour Bridge.

Construída na década de 1920, ela se tornou, ao lado da Ópera de Sydney, um dos maiores ícones da cidade australiana, conectando os dois lados da baía e servindo como a principal via de acesso ao centro da cidade. Como











todas as estruturas deste tamanho, a Harbour Bridge também requer manutenção constante para evitar a deterioração estrutural. A empresa responsável pelas operações de inspeção utiliza uma série de plataformas que se deslocam sob a estrada da ponte, permitindo que os trabalhadores realizem os reparos necessários. Esta solução reduziu significativamente o tempo necessário para a execução dos trabalhos, sendo o movimento dessas plataformas de manutenção garantido por uma série de caixas de engrenagens Bonfiglioli capazes de suportar as condições ambientais australianas.

Nesta terra distante e fascinante, onde a natureza criou maravilhas como os penhascos dos Doze Apóstolos e a Grande Barreira de Coral, o amor pelo esporte é profundo: críquete e futebol são amplamente praticados, mas, acima de tudo, é o rúgbi que reina soberano. Em parte graças à intensa rivalidade com a Nova Zelândia, o rúgbi atrai algumas das maiores multidões, e os estádios australianos estão sempre lotados de torcedores apaixonados; para os clubes, o objetivo é oferecer experiências cada vez mais imersivas durante as partidas.

E, mais uma vez, o agente secreto da mecânica entra em ação para apoiar as necessidades das pessoas.

O Estádio Austrália, em Sydney, foi construído para receber os Jogos Olímpicos de 2000 e, com mais de oitenta mil lugares, é um dos maiores estádios do hemisfério sul.



O projeto foi concebido para tornar o estádio adaptável a diferentes modalidades esportivas, permitindo o reposicionamento das arquibancadas conforme a necessidade. Para isso, a construtora utilizou caixas de engrenagens Bonfiglioli: cerca de trinta caixas de engrenagens da Série A, combinadas com redutores planetários, permitem aproximar ou afastar as arquibancadas do campo de jogo. Seções das arquibancadas com peso de até quinhentas toneladas podem ser movimentadas em aproximadamente meia hora, proporcionando aos torcedores uma excelente visão das partidas.

Entre os esportes mais populares do mundo, o automobilismo certamente ocupa um lugar de destaque. A Fórmula 1, em particular, conta com milhões de fãs, graças também a uma marca reconhecida mundialmente: Ferrari.

Mas o que conecta as caixas de engrenagens Bonfiglioli ao famoso fabricante de Maranello? Além de seu campeonato principal, a Ferrari organiza regularmente eventos para seus clientes, alguns dos quais conseguiram adquirir carros de Fórmula 1 ao longo dos anos. Nesses encontros, proprietários afortunados podem experimentar a emoção de pilotar seus próprios carros em autódromos reais, contando com o suporte dos mecânicos e técnicos da Ferrari. Esses automóveis, verdadeiras joias tecnológicas que dominam o universo do automobilismo, são tão sofisticados quanto delicados, especialmente os modelos históricos, que exigem procedimentos específicos de partida. O motor é acionado por um equipamento que utiliza uma caixa de engrenagens Bonfiglioli da Série C, que, graças ao seu design compacto, pode ser facilmente manuseado pelos mecânicos em Maranello.

Os agentes secretos são especialistas em passar despercebidos e ocultar suas ações, e, no mundo da mecânica, nada desempenha melhor esse papel do que



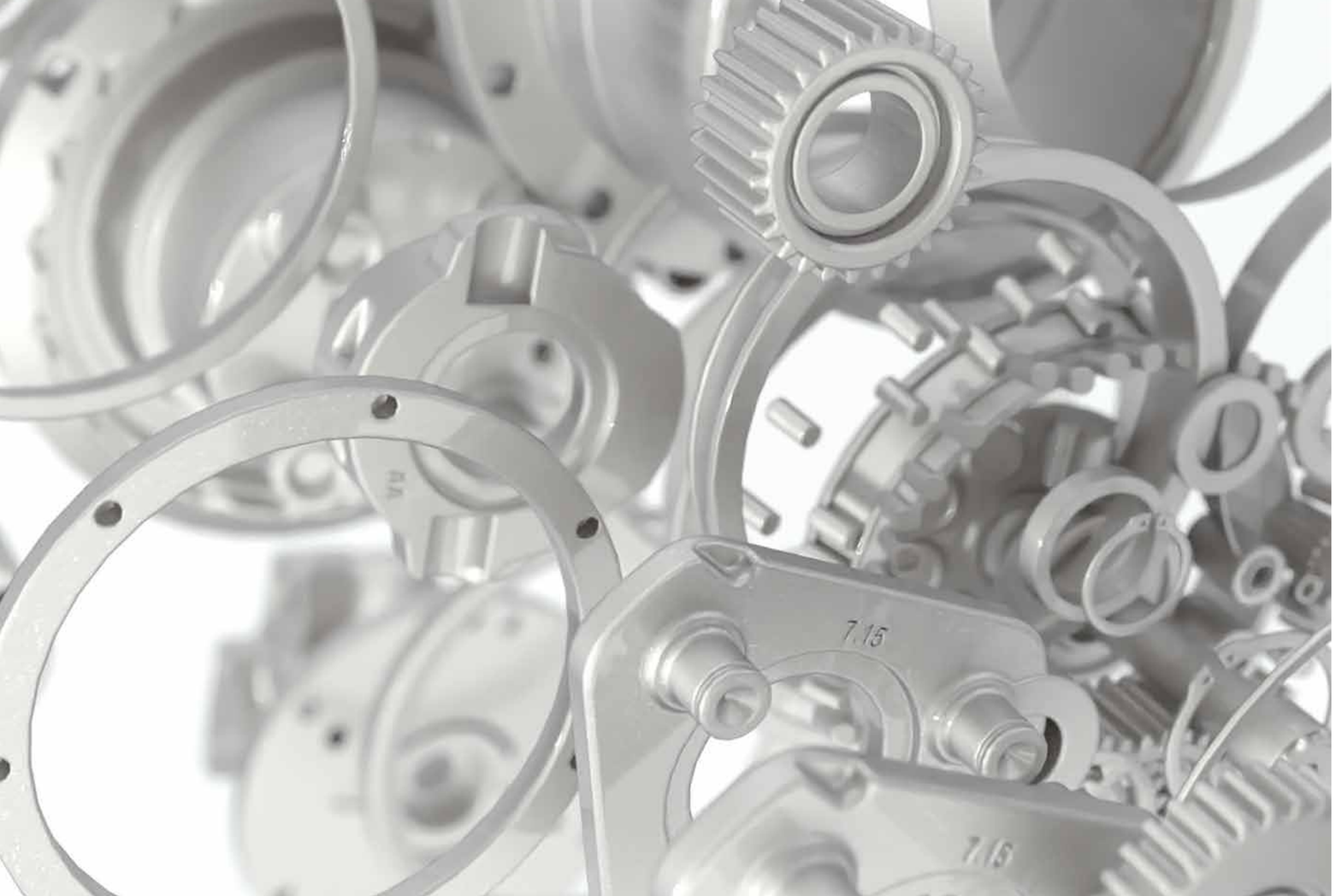




uma caixa de engrenagens. E não são apenas escadas rolantes ou observatórios astronômicos; ; o impacto das caixas de engrenagens em nossas vidas é muito maior do que a maioria das pessoas imagina. "Quando uma dor de cabeça dificulta o nosso dia, tomar um analgésico parece a coisa mais simples do mundo; no entanto, aquele comprimido que nos trará alívio em poucas horas foi embalado por máquinas equipadas com caixas de engrenagens. Quando abrimos a despensa em busca de guloseima que nos anime depois de um dia difícil, deveríamos lembrar que, em algum ponto da linha de produção, uma caixa de engrenagens teve um papel ativo, movimentando uma esteira transportadora ou girando uma plataforma de embalagem. Até mesmo os morangos que saboreamos durante o verão são lavados por máquinas equipadas com caixas de engrenagens antes de chegarem à nossa mesa.

Nas profundezas da terra ou no topo das mais altas montanhas, no fundo dos mares e nos desertos áridos, nas grandes metrópoles e nas pequenas cidades, nas empresas e em nossas casas: os motorredutores fazem parte da nossa vida e desempenham um papel fundamental para torná-la melhor. Muitas vezes, eles permanecem invisíveis: o agente secreto mais famoso do mundo está ao serviço de Sua Majestade; já o motorredutor está a serviço de nossas vidas, todos os dias.





Das caixas de engrenagens aos sistemas: o caminho para um sonho

MANTER O MUNDO EM MOVIMENTO



Este livro assinala um marco importante: setenta anos de história.

Em 1951, o jovem Clementino Bonfiglioli iniciou sua trajetória empreendedora em uma pequena oficina. Hoje, sua filha Sonia realizou o sonho do pai, transformando a Bonfiglioli em uma organização global. O sucesso da empresa se apoia em dois pilares fundamentais: a visão empreendedora e seus produtos, dois elementos que, combinados, fizeram da Bonfiglioli o que ela é hoje.

No final da década de 1950, os redutores de velocidade já estavam disponíveis no mercado, mas eram, em sua maioria, soluções personalizadas, criados especificamente para as máquinas onde eram instalados. A ideia visionária de Clementino Bonfiglioli foi projetar um produto que pudesse ser utilizado em uma ampla variedade de aplicações. Não mais apenas um conjunto de engrenagens que acionavam rolos e esteiras transportadoras, mas um verdadeiro dispositivo mecânico que poderia ser instalado em qualquer tipo de máquina automática, independentemente do setor industrial.

Mas afinal, o que é um motorredutor?

O princípio de funcionamento de um motorredutor baseia-se na necessidade de controlar o movimento de pessoas ou mercadorias em diferentes velocidades, dependendo da aplicação em questão.

1950s: O setor mecânico italiano volta a ganhar impulso

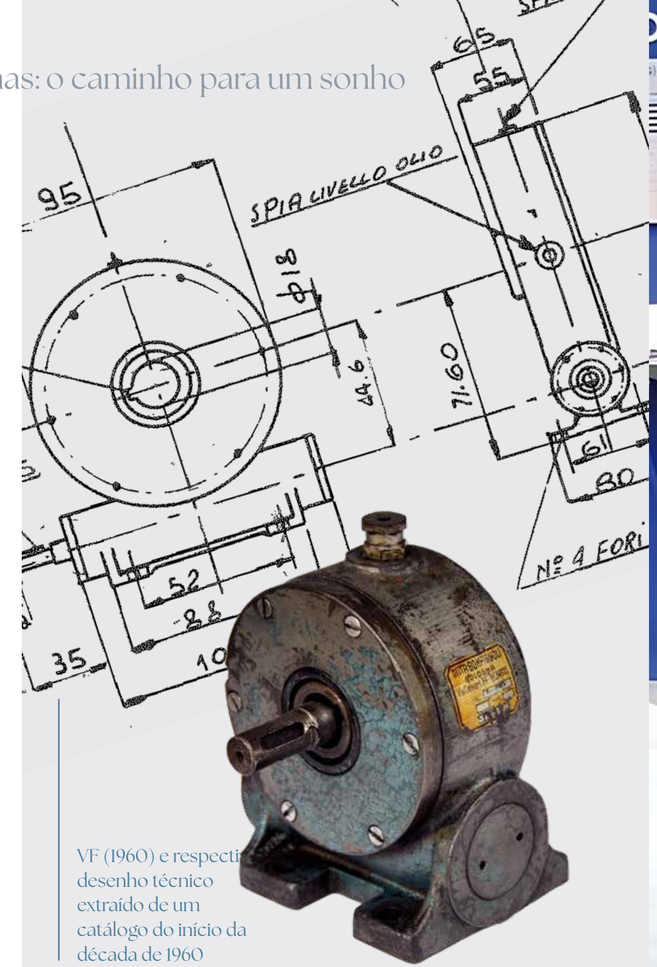


Imagine um lava-rápido automático com suas escovas multicoloridas ou uma escada rolante: ambos os sistemas são movimentados por motorredutores, mas cada um possui características e velocidades distintas. A importância deste último é evidente: basta imaginar o que aconteceria se os motorredutores fossem trocados: veríamos escadas rolantes arremessando pessoas no ar, enquanto os automóveis permaneceriam imóveis durante horas dentro de um lava-rápido automático.

O motorredutor recebe a potência e a velocidade de rotação correspondentes de um motor elétrico por meio de seu eixo de entrada; em seguida, através de um conjunto de engrenagens, essa velocidade é "reduzida" de acordo com a aplicação.

Em meados da década de 1950, Clementino acreditava firmemente no potencial de lançar no mercado um produto que mudaria para sempre o mundo da automação.

Este conceito, aliado à experiência adquirida em design de engrenagens durante seus primeiros anos de trabalho, lançou as bases para o nascimento da primeira caixa de engrenagens Bonfiglioli: em 1960 teve início a produção da VF, a clássica caixa de engrenagens sem-fim, presente no catálogo da empresa até hoje. Ao longo dos anos, a família VF foi ampliada com novos tamanhos para acompanhar as demandas do mercado, evoluindo graças aos avanços tecnológicos que melhoraram seu desempenho. Uma dessas evoluções foi a mudança do material utilizado no alojamento: Nos modelos menores, o ferro fundido



VF (1960) e respecti
desenho técnico
extraído de um
catálogo do início da
década de 1960



foi substituído pelo alumínio. Quanto ao formato desta solução, foram introduzidas as características aletas que permitem uma dissipação térmica mais eficiente. A família VF é um dos produtos mais vendidos da história da Bonfiglioli, com milhões de unidades produzidas para os mais diversos setores industriais.

Nos anos que se seguiram, novas famílias de motorredutores foram desenvolvidas com o objetivo de abranger segmentos de mercado cada vez mais amplos. No entanto, talvez o mais impressionante seja que, nos primeiros catálogos da Bonfiglioli, figurava já um grande número de motorredutores que viriam a moldar o futuro da empresa, muitos dos quais ainda estão em produção e mantêm, ainda hoje, um papel de liderança nos mercados mundiais. Isso demonstra o talento de Clementino Bonfiglioli como designer e sua capacidade de ver o futuro da automação – duas das características que o distinguiram desde o início. Ao longo dos anos, novos produtos foram introduzidos, mas as bases de um catálogo amplo e abrangente, capaz de responder a qualquer exigência e voltado para o futuro, já estavam lançadas.

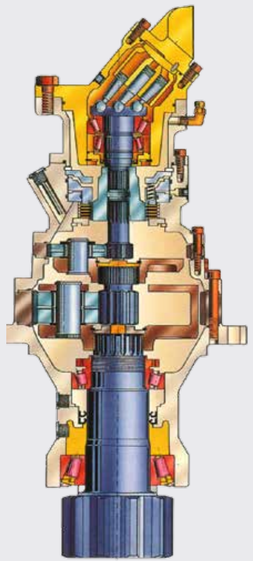
Retrato de Clementino em uma feira, década de 1990

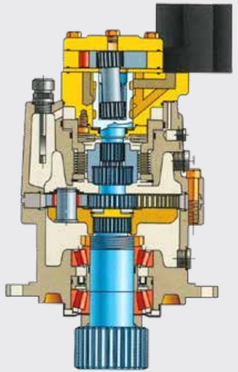


Giovanni Zinzani era um jovem engenheiro quando começou a trabalhar na Trasmital, em outubro de 1978. A sua paixão pelas transmissões vinha já dos tempos de estudante e, quando viu o anúncio para o cargo de diretor do escritório técnico numa revista de hidráulica, enviou a sua candidatura. Após uma primeira entrevista em Forlì, foi convidado para uma segunda conversa diretamente na sede da Bonfiglioli. Em 1° de agosto de 1978, Zinzani encontrou Clementino Bonfiglioli pela primeira vez. Ainda não sabia, mas compartilharia os quarenta e quatro anos seguintes de sua vida profissional com aquele homem.

A Bonfiglioli já produzia redutores planetários desde 1960, mas Zinzani pode ser considerado o pai dos redutores









700T: das origens aos dias atuais.
Na página ao lado:
Giovanni Zinzani

planetários Bonfiglioli para máquinas de terraplenagem. Mas quais foram os elementos que tornaram possível essa nova era? O engenheiro tinha uma ideia clara e um objetivo preciso: criar um redutor planetário compacto, especificamente projetado para diferentes tipos de acionamento, a ser instalado em máquinas de trabalho móveis utilizadas em uma variedade de setores: construção, terraplenagem, movimentação de mercadorias e agricultura.

As características distintivas da tecnologia dos redutores planetários desenvolvida pela Bonfiglioli tornaram possível transmitir potência combinada com o elevado torque necessário para acionar as partes móveis das máquinas, recorrendo a produtos compactos e leves, com vantagens tanto em termos de custo quanto de facilidade de instalação. A capacidade de criar produtos para uma ampla variedade de aplicações e fabricantes diferentes, com apenas pequenas variações entre si e um elevado percentual de peças componentes compartilhados, favorecia economias de escala e contribuía para reduzir ainda mais os custos. Após analisar a proposta, Clementino Bonfiglioli deu sua aprovação. Posteriormente, foi desenvolvido o primeiro projeto de um novo redutor de rotação para torres: o primeiro motorredutor da Série 700T, aplicado em uma escavadeira da empresa francesa Richier, que na época fazia parte da órbita da Ford. Desse projeto foram obtidos feedbacks importantes, que depois serviram para ampliar a linha. O passo seguinte foi o desenvolvimento do primeiro motorredutor concebido para acionar máquinas sobre esteiras, substituindo

as soluções volumosas e dispendiosas baseadas em motorredutores tradicionais.

Como o próprio Zinzani nos contou, o primeiro grande entusiasta desses novos produtos foi o próprio Clementino, que tinha o hábito de viajar para Forlì todas as terças e quintas-feiras. Enquanto caminhavam pelos corredores da fábrica, planejavam juntos novos projetos, entre eles o primeiro redutor planetário com corpo rotativo: uma tecnologia que transformou para sempre o mundo da transmissão de potência em máquinas de trabalho. A Série 700C estava tomando forma, um capítulo importante da história industrial italiana.

O conceito baseava-se em uma nova arquitetura composta por um redutor planetário, com entrada e saída alinhadas, fixadas à máquina por meio de uma flange, e um corpo rotativo. Naquela época, esse tipo de motorredutor era produzido exclusivamente no Japão, e apenas em dimensões reduzidas para miniescavadeiras, enquanto a versão da Bonfiglioli foi projetada para aplicação em escavadeiras de 10 a mais de 30 toneladas. Foi um sucesso extraordinário; de fato, a empresa sediada em Forlì imediatamente se tornou membro de pleno direito do seleto grupo de provedores globais de soluções. Esse sucesso continua até hoje, com uma das mais amplas linhas de produtos do mercado, que se estende muito além das máquinas e alcança setores estratégicos como o da energia eólica, no qual a empresa é atualmente uma líder global. Para essas aplicações, são utilizados sistemas de acionamento da série 700TW e o princípio permanece



700C

o mesmo: potência de alto torque entregue por meio de um design compacto. Essas características simplificaram a instalação dessas soluções em aerogeradores para sistemas de yaw e pitch, permitindo orientar e ajustar as pás de acordo com a direção e a intensidade do vento. Os redutores planetários representam outro dos pilares do universo Bonfiglioli, contribuindo para a evolução e a expansão da gama de produtos. A rota estava traçada. Destino: o futuro.

O futuro e a transformação da empresa também dependeriam de outro produto fundamental, que levaria a Bonfiglioli à produção de sistemas completos: o motor elétrico.

Clementino Bonfiglioli era apaixonado por mecânica. Desde os tempos de formação no Instituto Aldini-Valeriani, ele demonstrava fascínio pela transformação de simples peças de metal em componentes que geravam o movimento de máquinas; mas também era um grande empreendedor, capaz de antecipar mudanças e tendências do mercado. Por isso, a partir do início da década de 1990, começou a investir em motores elétricos. O objetivo era simples: o motorredutor era um componente essencial das máquinas, mas, para cumprir sua função, precisava estar associado a um motor elétrico.

Ivano Furlan



Após três anos como acionista minoritária, em 1993 a Bonfiglioli adquiriu a ICME, fabricante de motores elétricos fundada no início da década de 1980. A produção foi transferida para Calderara, para ficar mais próxima da sede principal do Grupo, e novos profissionais com competências específicas foram contratados.

O engenheiro Ivano Furlan ingressou na Bonfiglioli nesse mesmo ano, com a missão de desenvolver os motores elétricos da empresa.

Suas palavras transmitem a satisfação e o orgulho de ter feito parte de um capítulo da história. Furlan vinha da Ansaldo, que na época era uma empresa da Finmeccanica, e uma das coisas que mais o impressionou em seu novo ambiente de trabalho foi a lealdade que a Bonfiglioli havia conseguido construir entre seus fornecedores: uma realidade muito diferente daquela que ele havia conhecido até pouco tempo antes. Mas, além disso, havia um importante desafio a ser superado: "Pelo que me lembro, foi o período mais gratificante da minha carreira profissional. No início do projeto, nem sequer tínhamos as classificações, mas, em apenas dois anos, conseguimos apresentar uma linha de motorredutores integrados na Feira de Hanover em 1995, junto com uma linha de motores com geometrias unificadas. Foi realmente algo excepcional, uma conquista tornada possível pelos companheiros de jornada com quem compartilhamos esse caminho."

Os motores Bonfiglioli passaram a ocupar posição de destaque no mercado, e a era das soluções automatizadas

de sistemas estava apenas começando. Furlan recorda como Clementino Bonfiglioli estava envolvido em todos os aspectos do produto: "Ele lia todos os relatórios de acompanhamento das reuniões com clientes e agentes de vendas, mas também nos fazia sugestões sobre os manuais de uso e manutenção. Não era incomum que apontasse erros ou sugerisse melhorias anexando um de seus famosos post-its amarelos, nos quais escrevia as alterações que desejava implementar."

Um projeto dessa magnitude exigia ideias, conhecimento técnico e investimentos, e, mais uma vez, as palavras de Ivano Furlan ajudam a compreender melhor a abordagem da empresa em relação aos seus projetos de desenvolvimento: "Eu tinha vindo da Ansaldo, onde o controle de custos era extremamente rigoroso. Quando entrei na Bonfiglioli, minha tarefa era projetar e desenvolver uma família de motores elétricos para ser apresentada na Feira de Hanover, e isso era muito estressante, não apenas pela responsabilidade que eu tinha, mas também pela necessidade de gerenciar custos e investimentos. Eu estava relutante em fazer grandes mudanças, mas na Bonfiglioli encontrei uma realidade diferente: nunca ninguém me disse para não gastar. Estávamos tentando criar um produto excelente e o próprio Clementino Bonfiglioli foi o primeiro a me incentivar a realizar os investimentos necessários." Ivano Furlan trabalhou na empresa por cerca de trinta anos e, na fase final de sua carreira, dirigiu a Bonfiglioli Mechatronic Research, em Rovereto. Apesar de sua impressionante trajetória profissional, durante a entrevista em que conversamos sobre aqueles anos, o momento mais comovente foi sua lembrança afetuosa da época em que morou na casa de hóspedes da Bonfiglioli. Hoje, essa casa de hóspedes já não existe, mas a área antes destinada à hospedagem de gestores foi completamente incorporada à planta EVO. Um sinal da passagem do tempo, do progresso e da história.







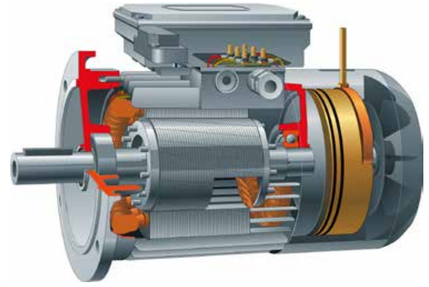
Bonfiglioli Mechatronic Research, Rovereto

Ao longo dos anos, o mundo da automação experimentou um crescimento significativo, graças também à disponibilidade de novas tecnologias. Um dos principais motores dessa transformação foi, sem dúvida, o controle da potência: aqueles que primeiro reconheceram nessa tecnologia uma oportunidade para o futuro passaram a investir nessa direção.

Oportunidade é uma palavra importante na história da Bonfiglioli e de seu fundador. Como tantas vezes ocorreu ao longo dos primeiros setenta anos da empresa, a capacidade de Clementino de captar os sinais vindos do mercado permitiu que sua empresa continuasse crescendo. O mesmo aconteceu com outro marco na história da Bonfiglioli: o inversor.

Como vimos nas páginas anteriores, ao longo dos anos o foco da empresa voltou-se cada vez mais para o mundo dos sistemas. O desenvolvimento de uma linha completa de motores elétricos no início da década de 1990 foi um passo nessa direção. Além disso, com a evolução da eletrônica, novas possibilidades começavam a surgir, possibilidades que poucos anos antes pareceriam impensáveis. Os projetistas começavam a compreender que a capacidade de modular a potência e a velocidade das máquinas automatizadas poderia ser uma forma valiosa de melhorar o desempenho, reduzir o consumo de energia e, ao mesmo tempo, proteger as instalações elétricas industriais.

Clementino Bonfiglioli também havia percebido o potencial da eletrônica aplicada ao universo da mecânica.



Série BN: vista em corte de um motor elétrico



Com o objetivo de ingressar nesse segmento de mercado, em 1991 adquiriu uma empresa sediada em Imola que comercializava acionamentos eletrônicos: Silectron Sistemi.

Ermes Franceschelli era um dos gestores da Silectron. Durante muitos anos, acompanhou Clementino Bonfiglioli em visitas a clientes e trabalhou ao seu lado na busca de soluções inovadoras para novos projetos. Seu testemunho oferece uma visão privilegiada sobre o mundo da automação industrial durante seu período de crescimento mais intenso:

"Trabalhar lado a lado com Clementino Bonfiglioli realmente me inspirou a criar uma nova forma de vender automação. Muitas vezes passávamos dias inteiros visitando clientes e, combinando os acionamentos da Silectron com os motorredutores da Bonfiglioli, conseguíamos oferecer soluções que realmente faziam a diferença. Todos os dias havia algo novo para realizar, novos desafios que nos davam uma verdadeira motivação. Lembro-me de que, às terças-feiras, ao retornar da planta de Forlì, ele passava pela Silectron para compararmos nossas anotações e discutir os passos necessários para aumentar o faturamento.

Ermes Franceschelli ao lado de uma máquina para processamento têxtil



Nós nos sentávamos e analisávamos a carteira de clientes, destacando aqueles que já compravam motorredutores, mas ainda não adquiriam acionamentos, para que pudéssemos entrar em contato e oferecer uma solução de produto mais integrada; foi assim que começamos a fornecer armazéns verticais para uma grande empresa que até então comprava motorredutores e acionamentos separadamente. Depois de apresentarmos nosso projeto, conseguimos fornecer um dos primeiros sistemas completos de automação; soluções que continuam eficazes até hoje. Mas o que estava acontecendo ao longo da rodovia A14 era apenas o começo.

A consolidação definitiva da Bonfiglioli como uma das principais referências no mundo da mecatrônica ocorreu no início do século XXI. Em abril de 2001, a Bonfiglioli emitiu um comunicado anunciando a aquisição da Vectron, empresa alemã fabricante de acionamentos e inversores. Uma empresa italiana adquirindo uma empresa alemã era uma oportunidade que teria sido impensável poucos anos antes. O desafio era do tipo que testaria até mesmo a mais firme determinação: competir no mercado de inversores com os grandes nomes globais que já o dominavam há anos. De Lippo di Calderara, um pequeno vilarejo da província de Bolonha, para o mundo: o desafio da eletrônica havia começado.

Para competir em nível global, a empresa precisava estar plenamente preparada. Entre o final de 2009 e o início de 2010, foi apresentado o AgilE. Ao escolher esse nome (com o E maiúsculo para indicar Electronic), a Bonfiglioli



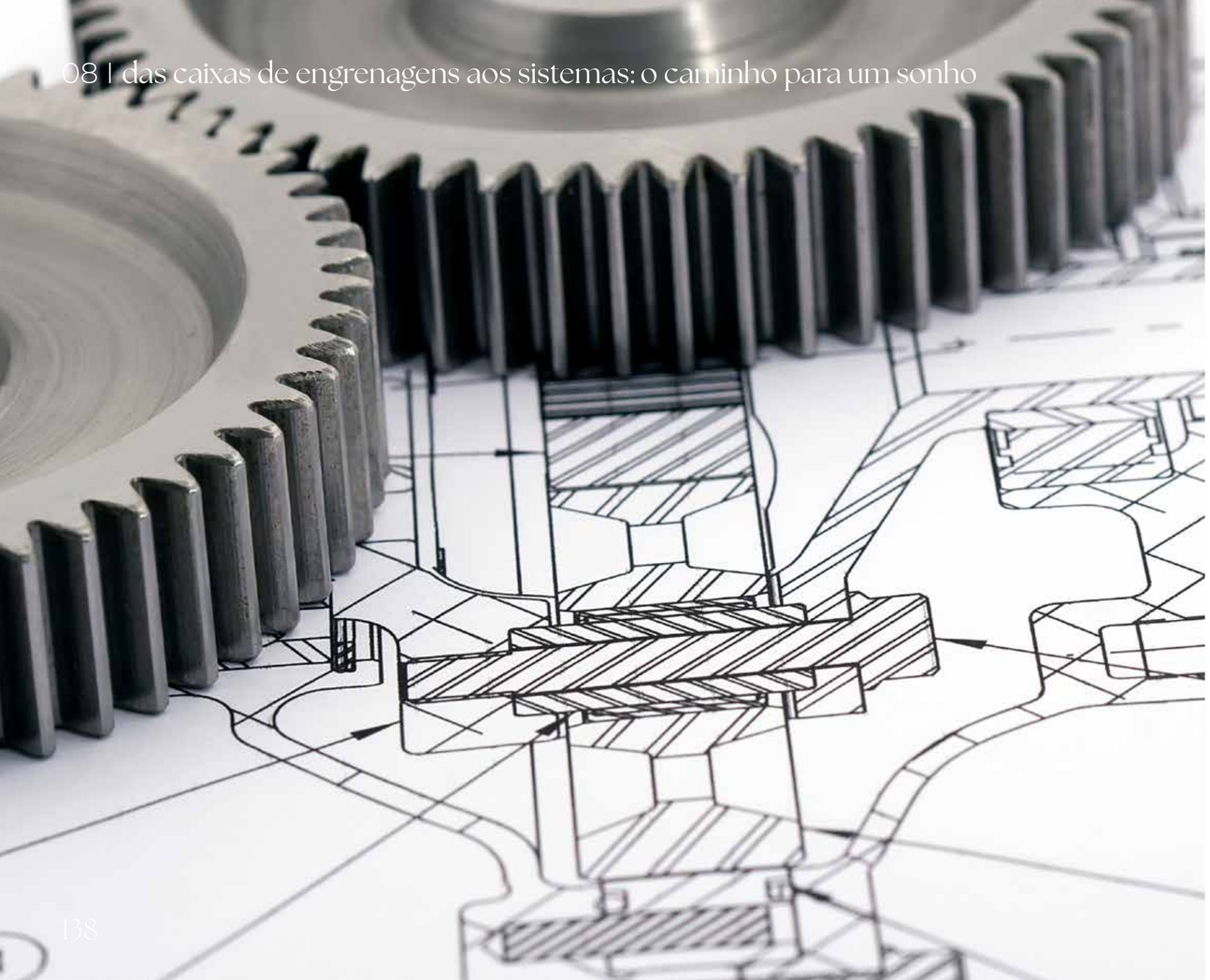
Armazém vertical controlado por unidades de acionamentos Bonfiglioli Vectron

pretendia representar uma nova abordagem mecatrônica por meio de sua oferta de produtos. Todo o projeto foi baseado na criação de um dispositivo de fácil instalação.

Uma solução plug & play para tornar a combinação de motor, motorredutor e inversor verdadeiramente 'sistêmica': fácil de programar, com um sistema de controle para manutenção preventiva e com uma ampla gama de potências capaz de atender a todas as necessidades do mercado, proporcionando também significativa economia de energia. Por fim, mas não menos importante, o AgilE foi o primeiro produto industrial para o qual foi criada uma campanha promocional mais próxima da comunicação de um produto de consumo do que da de um produto industrial, como demonstram os slogans que acompanharam seu lançamento: "Tutto. Qui." dizia a versão italiana, enquanto a tradução em inglês é: "Everything right at your fingertips" ("Tudo ao seu alcance"). Embora não fosse literal, essa tradução reforçava o impacto da mensagem nos mercados de língua inglesa. Nas feiras, foram criadas áreas dedicadas e materiais promocionais específicos para divulgar o AgilE.

A Bonfiglioli havia completado um ciclo: com o inversor, a empresa passou a ser capaz de fornecer um sistema completo para automação. Uma trajetória árdua, marcada pela determinação e pelo sacrifício das mulheres e dos homens que aceitaram o desafio de construir uma nova Bonfiglioli.





Mas conhecer e respeitar a história é a base para planejar o futuro, tanto nas famílias quanto nas empresas. Em uma de suas canções mais conhecidas, o grande cantor e compositor italiano Francesco De Gregori canta *"La storia siamo noi"* ("Nós somos a história"), e essas palavras também podem ser associadas à trajetória da Bonfiglioli: olhar para o futuro sem jamais perder de vista o seu próprio passado. A expressão máxima dessa ideia pode ser encontrada em um projeto de desenvolvimento de motorredutores, um símbolo concreto da evolução da empresa: os motorredutores sem-fim da série W.

O engenheiro Enzo Cognigni foi Diretor Técnico da Bonfiglioli durante dezoito anos. Ingressou na empresa em 1992 com um objetivo claro: renovar a linha de produtos. Através de suas lembranças, ele nos leva para dentro dos escritórios da empresa, permitindo reviver aqueles momentos de transformação. "Lembro que Clementino Bonfiglioli me falou sobre o catálogo azul, um grande livro que reunia todos os produtos fabricados pela empresa. 'Se você se sentir à altura da tarefa, deve destruir

Enzo Cognigni e a sua série W

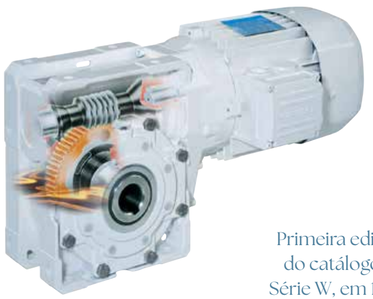


este catálogo e criar um novo, com novos produtos.'"

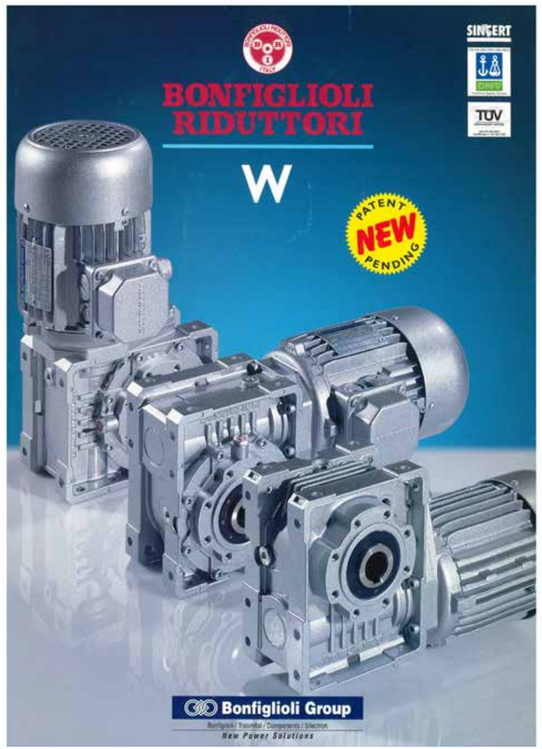
Cognigni se recorda muito bem desse período: "Era evidente que aquele não era um momento fácil para o Sr. Bonfiglioli. Estávamos prestes a alterar aquilo que ele havia criado e a emoção que sentimos quando os desenhos com a assinatura dele foram tirados das pastas foi a sensação de que estávamos mudando a história – nós tínhamos que demonstrar respeito". Entre os novos motorredutores desenvolvidos naquele período, um se destaca como elo entre passado e futuro: a série W.

Mas por que essa série, lançada em 1998, foi tão importante?

Porque o conceito de integração entre o motor e a caixa de engrenagens foi completamente revolucionado. A série W é composta por motorredutores sem-fim, a primeira linha totalmente nova desenvolvida após a série VF. Havia um acordo tácito entre Enzo Cognigni e Clementino



Primeira edição do catálogo da Série W, em 1999



Nossas plataformas de produtos



Motorredutores planetários



Motorredutores industriais



Motores elétricos



Motores hidráulicos



Eletrônica

Bonfiglioli: os novos projetos não deveriam substituir a série VF. Para a série W, os projetistas desenvolveram um motorredutor modular que podia ser personalizado de acordo com a aplicação do cliente.

Uma verdadeira revolução.

Para sua montagem, foram instaladas plantas de montagem de última geração e muitos montadores também passaram por treinamento para trabalhar com os novos motorredutores.

O sucesso foi imediato. Os clientes, e especialmente os distribuidores, perceberam rapidamente as vantagens de adquirir motorredutores padronizados que poderiam ser customizados posteriormente: a solução ideal para reduzir custos de estoque e prazos de entrega.

O objetivo de todos os produtos desenvolvidos pela Bonfiglioli era simples: ser o melhor do mercado. Um verdadeiro sucesso: em determinados setores de distribuição, os pedidos de motorredutores sem-fim passaram simplesmente se tornaram pedidos de "um Bonfiglioli", evidência clara da associação agora estabelecida entre produto e empresa na percepção de usuários e profissionais.

Sistemas completos, capazes de integrar todos os componentes necessários ao funcionamento de uma unidade, desde os elementos mecânicos até as soluções eletrônicas destinadas ao gerenciamento do desempenho energético. Ao longo de mais de setenta anos, essa filosofia permitiu à empresa competir em um campo mais amplo e abrangente, um desafio que a Bonfiglioli sempre enfrentou utilizando suas melhores armas: competência e visão. E não importava se a empresa era chamada a atuar em Calderara ou em algum lugar remoto do planeta: o que realmente importava era que a Bonfiglioli sempre estivesse presente, demonstrando ao máximo suas capacidades.



Há mais de sessenta anos, quem sobrevoa Bolonha é recebido pela Bonfiglioli: da placa amarela que outrora se erguia orgulhosamente no topo da fábrica de Lippo di Calderara ao diamante reluzente do atual Complexo Clementino Bonfiglioli.

Do local ao global e ao glocal

RAÍZES LOCAIS, VISÃO GLOBAL E O MUNDO COMO LAR



A Atitude Global da Bonfiglioli:

presença mundial para suporte local.

Sempre que viajamos, nossas mentes e nossos espíritos se renovam com uma energia positiva e enriquecedora. Os aromas, os lugares e as pessoas contribuem para nos aproximar de novas culturas e novas ideias. Seja viajando a negócios ou a lazer, experimentar hábitos e costumes diferentes dos nossos nos traz a percepção de que existem muitos outros mundos além daquele que conhecemos.

A mente de quem viaja está naturalmente aberta a tudo o que é novo, mas, enquanto quem viaja por prazer simplesmente desfruta da novidade da experiência, quem viaja a trabalho precisa lidar com conceitos muito mais complexos. Ao longo dos anos, a necessidade de estar presente em mercados geográficos cada vez mais amplos levou muitas empresas a transferirem parte de suas atividades de produção para outros países, aproveitando condições econômicas favoráveis; ainda assim, isso por si só não é suficiente para tornar o investimento realmente vantajoso. Com o passar do tempo, tornou-se cada vez mais claro que apenas as empresas que optaram por se integrar aos valores de seus países anfitriões conseguiram contribuir para a melhoria do tecido social, o qual depende de fatores tanto econômicos quanto culturais.

Esse conceito pode ser resumido em uma única palavra: glocal.

Uma combinação das palavras global e local: dois termos situados em extremos opostos e frequentemente utilizados para descrever as características de uma empresa.

O termo “local” refere-se a empresas que atuam em mercados e áreas geográficas limitadas.

Já “Global”, por outro lado, é utilizado para identificar empresas internacionais capazes de alcançar mercados em todo o mundo.

A fusão dessas duas palavras refere-se a empresas globalizadas que, ao mesmo tempo, conseguem adaptar-se perfeitamente à cultura, às normas e aos costumes dos países onde atuam, lançando as bases sobre as quais são construídas histórias de sucesso extraordinárias.

E como a Bonfiglioli construiu os pilares que sustentam sua história?

Para compreender isso, precisamos viajar no tempo e visitar os diversos lugares do mundo onde a Bonfiglioli estabeleceu empresas e filiais. Comecemos pela Tecnotrans Sabre, que opera em Barcelona, Espanha, como empresa comercial desde 1968 e, desde 1972, como a primeira planta de produção de caixas de engrenagens no exterior desde 1972.

Essa empresa não foi apenas fruto de uma iniciativa empresarial: ela nasceu, acima de tudo, das relações humanas.

Francisco Bassas e Clementino Bonfiglioli se conheceram no final da década de 1960 e, juntos, fundaram a Tecnotrans Sabre, uma relação que começou como uma parceria de negócios e se transformou em uma amizade para a vida toda. Na época, os dois jovens

empreendedores buscavam maneiras de expandir seus negócios. A situação era agravada pela impossibilidade de vender caixas de engrenagens diretamente da Itália, em razão das restrições comerciais impostas pelo regime de Franco.

1968 pode realmente ser considerado o ponto de virada que marcou a transformação e o nascimento de uma nova nação: foi o ano em que os protestos contra o regime romperam, pela primeira vez, a barreira da repressão e da censura. Os comitês estudantis começaram a se formar nas universidades e alguns jornais passaram a noticiar manifestações que se espalhavam por um número cada vez maior de cidades. Esses acontecimentos marcaram o início de um processo de mudança para todo o povo espanhol que, em 1978, após anos de tirania, escolheu o caminho da monarquia constitucional. Foi um processo difícil e violento para milhões de espanhóis e a Bonfiglioli também precisou se adaptar a essa transformação histórica: adequar-se a novos modelos de comércio, levar em conta as necessidades em evolução do país e de suas empresas e enfrentar um contexto social em rápida transformação. Havia apenas um caminho a seguir: entrar na Espanha e procurar entendê-la melhor.

Desde então, a relação entre a Bonfiglioli e a Espanha cresceu e se fortaleceu. Tanto a nação ibérica quanto a empresa de Bolonha mudaram profundamente: hoje, as principais séries de caixas de engrenagens são montadas em Espanha. No final da década de 1970, tanto a Espanha quanto a Bonfiglioli iniciaram uma fase de grandes





A filial espanhola atualmente (acima)

e a Tecnotrans em suas origens (página ao lado)

transformações: a empresa italiana embarcou em uma aventura – a primeira de muitas que se seguiriam nos anos seguintes – e o povo espanhol conseguiu se libertar da opressão.

A opressão também foi uma das forças que manteve outra nação na escuridão. Outro continente, outro clima, com seu povo – ou melhor, parte dele – obrigado a lutar por sua liberdade. Um país rico em recursos naturais e repleto de contradições: a África do Sul.

A ponta sul do continente africano – com sua posição geográfica estratégica e seus extraordinários recursos naturais – sempre desempenhou um papel central nos acontecimentos históricos que, ao longo de décadas de conflitos, transformaram sua estrutura social. No início da década de 1990, a Bonfiglioli decidiu expandir suas operações na África do Sul, aproveitando as oportunidades oferecidas pela indústria de mineração e pelo setor de terraplenagem, estreitamente ligado a ela.

Assim como aconteceu na experiência espanhola da empresa, em sua entrada no continente africano a Bonfiglioli foi obrigada a desenvolver a capacidade de se adaptar às condições sociais e políticas da época.

Uma palavra – apenas uma – sintetizava todo o sofrimento e o desespero de um povo durante aqueles anos, dando





um nome à angústia em que a África do Sul tinha se afundado: Apartheid.

A área geográfica correspondente ao extremo sul da África foi inicialmente colonizada pelos holandeses no século XVII e, posteriormente, pelos britânicos. Navios carregados de pessoas – muitas delas retiradas das prisões de países europeus – chegavam à baía da Cidade do Cabo para desembarcar sua carga humana.

Ao longo dos séculos, a convivência entre os habitantes nativos e os colonizadores tornou-se cada vez mais complexa, até explodir em conflitos abertos. Com o passar do tempo, a população local foi excluída da sociedade, submetida a uma segregação racial aberta que, a partir de 1948, transformou-se em uma uma verdadeira purga social. As pessoas negras eram obrigadas a viver em bairros precários, sem direitos e sem qualquer possibilidade de ascensão social. A cor da pele era a única coisa que importava. Era uma situação insustentável, regulada por leis que impunham ônibus separados, espaços de convivência separados e a completa ausência de interação entre pessoas negras e brancas. Dentro desses guetos, os protestos cresciam, embora fossem brutalmente reprimidos. Todos lutavam pela liberdade, muitas vezes à custa da própria liberdade, incluindo um homem que entraria para a história: Nelson Mandela.

No início da década de 1940, Mandela iniciou sua luta para tentar oferecer um futuro ao seu povo e à sua nação. Naquela época, contudo, a repressão era o único caminho conhecido e aplicado. Mandela foi condenado à prisão perpétua após um julgamento sumário por sabotagem e alta traição. O ano era 1964.

O complexo prisional onde foi encarcerado localizava-se na Ilha Robben, a poucos quilômetros da costa, isolado de tudo e de todos. Com dedicação e extraordinária força de vontade, Mandela conseguiu resistir durante muitos anos, acreditando em uma mudança que começou a tomar forma em meados da década de 1980, quando os protestos internacionais se somaram aos internos, pressionando o governo sul-africano a pôr fim à opressão racial.

Em 1985, um grupo de músicos e cantores mundialmente famosos catapultou uma música para o sucesso global, uma faixa que ecoou por emissoras de rádio de todo o mundo, erguendo-se como um hino de protesto mundial. Bruce Springsteen, Bob Dylan, Bono e muitos outros responderam ao chamado de Little Steven, guitarrista de longa data de Bruce Springsteen, para se juntarem à gravação de "Sun City", música cujo próprio título evocava o profundo conflito social vivido pelo país. Sun City era, afinal, um complexo turístico reservado exclusivamente a hóspedes brancos e ricos, que passavam ali suas férias em um ambiente concebido apenas para eles.

As várias iniciativas de protesto trouxeram à tona a terrível situação do país, contribuindo para acelerar a sua transformação, e, em 1990, o primeiro-ministro De Klerk iniciou discussões com representantes do ANC, o partido liderado por Nelson Mandela, que aguardava em sua cela na Ilha Robben a realização de um sonho de toda a vida.

Em 11 de fevereiro de 1990, após vinte e sete longos anos de prisão, Mandela foi libertado e pôde assinar os acordos destinados a eliminar a discriminação racial em seu país. Juntamente com De Klerk, recebeu o Prêmio Nobel da Paz. Em abril de 1994, seu movimento conquistou mais



Nelson Mandela Capture Site, Howick, KwaZulu-Natal, África do Sul: estátua do artista sul-africano Marco Cianfanelli no local exato onde Mandela foi capturado.

de sessenta por cento dos votos, tornando-se a principal força política da África do Sul. Nelson Mandela foi eleito presidente da nação e pôde conceder à maioria negra de seu país uma liberdade até então desconhecida.

Ao longo de todo esse processo histórico, a Bonfiglioli compartilhou e contribuiu, dentro de suas possibilidades, para a jornada de transformação da África do Sul. Em 1991, o escritório de Joanesburgo contava com apenas oito funcionários, mas o comprometimento e a perseverança se mostraram fatores decisivos para que a Bonfiglioli se tornasse uma das empresas líderes da região. Em 2008, a Bonfiglioli South Africa tornou-se a primeira subsidiária do mundo capaz de montar de forma independente as caixas de engrenagens HDO e HDP, as maiores do catálogo da empresa. Hoje, a filial emprega oitenta e uma pessoas, muitas das quais trabalham na empresa há mais de vinte anos: um sinal claro do forte vínculo com a região e com seu tecido social saudável e virtuoso.

E existe um vínculo forte – na verdade, extraordinariamente forte – também entre a Bonfiglioli e a Índia.

Nas páginas anteriores, você leu como a Bonfiglioli India foi criada e como a empresa cresceu no mercado indiano, mas a relação com a Índia foi muito além dos aspectos econômicos e industriais: após quase trinta anos, o vínculo entre a empresa e esse país criou uma bela conexão entre a Itália e a Índia.

A Índia é um país fascinante, cheio de contradições: com um contexto social que às vezes é implacável, até mesmo desumano, e ao mesmo tempo tolerante e compassivo,



Bonfiglioli South Africa Pty Ltd. – Sandton, Joanesburgo.





é uma terra de contrastes marcantes, onde mais de um bilhão de pessoas se cruzam todos os dias.

Para compreender melhor essa história, é importante conhecer um pouco mais da trajetória da nação do Tiranga (uma referência poética à Índia, literalmente "o tricolor").

Com a fundação da Companhia das Índias Orientais, em 1600, teve início um longo período de colonização sob o domínio do Império Britânico, que se estenderia por mais de três séculos. Através de seus governadores e militares, os ingleses assumiram o controle de vastos territórios, remodelando as estruturas sociais e geográficas da Índia. Em meados do século XIX, foi criado em Londres o India Office (Ministério da Índia) e a Rainha Vitória foi coroada Imperatriz da Índia, confirmando de forma inequívoca essa intenção política. A partir do final do século XIX, a Índia foi transformada em colônia e, ao longo das décadas, a cultura e o domínio ingleses tornaram-se cada vez mais presentes na sociedade indiana.

Desde os primeiros anos do século XX, no entanto, o povo indiano começou a buscar uma maneira de recuperar sua identidade social e cultural, que havia perdido ao longo dos séculos anteriores. A dura repressão britânica não foi suficiente para conter a onda de resistência de uma população que sonhava conquistar a independência do Império Britânico. O ponto de virada histórico ocorreu em março de 1930, quando milhares de pessoas lideradas por Mahatma Gandhi participaram do que ficou conhecido como a Marcha do Sal. Este foi um protesto civil não violento contra o monopólio britânico sobre a produção

e comercialização do sal. Às margens de uma praia de Dandi, depois de uma longa marcha, Gandhi um reuniu um punhado de sal, violando abertamente a lei que concedia ao governo britânico o controle exclusivo desse recurso. Esta marcha, liderada por um homem magro vestido apenas com uma túnica branca, produziu um impacto extraordinário. Foi um gesto ousado que obrigou os britânicos a considerar algo que até então parecia impossível: a independência da Índia.

A jornada durou dezessete anos. Em 15 de agosto de 1947, a Índia declarou sua independência, mas, nas décadas seguintes, o povo indiano precisou recuperar sua própria identidade.

Em meados da década de 1990, quando a Bonfiglioli começou a considerar a abertura de uma planta na Índia, várias cidades já haviam recuperado seus nomes hindus, substituindo aqueles atribuídos pelos britânicos.



Bombaim voltou a se chamar Mumbai, Calcutá retomou o nome Calcutá e Madras voltou a ser Chennai. Esse retorno às raízes da Índia foi acompanhado por um processo de desenvolvimento econômico em todos os setores do país: começaram a ser construídos bairros com arranha-céus de centenas de andares e o sistema de castas se tornou ainda mais acentuado, à medida que o influxo de capital estrangeiro ampliava ainda mais a divisão social entre os privilegiados e aqueles que viviam muito abaixo da linha da pobreza. O cenário geopolítico também passou por uma transformação nas relações com os países vizinhos, com uma escalada que avançou para o desenvolvimento de armamentos nucleares.

Foi nesse contexto de profundas transformações que a Bonfiglioli decidiu dar vida a um dos projetos empresariais mais importantes de sua história.

Inicialmente, o projeto foi concebido como uma joint venture, mas posteriormente – impulsionado pela visão de Sonia – a empresa optou por atuar de forma independente, decisão que se revelou o verdadeiro segredo para o sucesso do projeto indiano. Ao longo das últimas três décadas, essa decisão complexa e corajosa continuou se mostrando uma escolha acertada.

Lançamento da pedra angular da planta da Bonfiglioli Transmissions Pvt. Ltd. em Chennai.

Mas a Índia é um país que toca profundamente sua alma e, como tal, a conexão da Bonfiglioli com esta nação se aprofundou ao longo do tempo. Um dos sinais tangíveis deste vínculo é o projeto que permitiu a construção de uma aldeia perto de Chennai, financiada integralmente pela Bonfiglioli, onde foram criadas instalações educacionais e médicas com o objetivo de oferecer melhores perspetivas de futuro. Essa iniciativa faz parte de uma visão mais ampla, que vai além da simples ajuda financeira: representa o compromisso da Bonfiglioli com a educação individual, oferecendo às crianças a oportunidade de construir uma





vida melhor e ampliar suas perspectivas profissionais. É uma filosofia que a Bonfiglioli desenvolveu ao longo de sua trajetória na Índia, o que permitiu à empresa fazer parte da jornada de transformação da nação, mesmo com todas as suas contradições sociais e políticas.

Os Estados Unidos não estão apenas geográfica e economicamente distantes da Índia: os dois países também são profundamente diferentes de muitos outros pontos de vista.

A economia americana é o principal sistema econômico do mundo. Foi nela que nasceram grandes empresas criadas por mentes brilhantes, pessoas que sonharam em mudar o mundo e conseguiram fazê-lo graças à perseverança e pura força de vontade. A indústria automotiva e o Vale do Silício são exemplos da extraordinária capacidade dos Estados Unidos de gerar riqueza, embora o sistema também apresente contradições que, em alguns aspectos, lembram as encontradas na Índia. A desigualdade econômica é um dos seus temas mais controversos e pode ser observada até mesmo dentro de um único estado, onde opulência e o desespero convivem lado a lado em bairros vizinhos.









De cima para baixo:
1999: a planta de Chennai.
2011: a unidade de Mannur
2023: nova unidade em Pune
(primeira unidade inaugurada em 2017)
e celebração dos 25 anos de presença na Índia.



No imaginário popular, Los Angeles é a cidade do cinema, do Oceano Pacífico e das grandes rodovias. No entanto, existe uma região que os milhões de turistas que visitam a Cidade dos Anjos todos os anos costumam evitar: chama-se Skid Row.

Skid Row é uma área de aproximadamente sete quilômetros quadrados localizada no centro de Los Angeles, onde milhares de pessoas vivem nas ruas, amontoadas entre tendas improvisadas e lixo. Esta área fica a apenas dez minutos do estádio dos Dodgers – o lendário time de beisebol – e a dez quilômetros do Observatório Griffith, em frente ao qual a cantora Adele realizou um concerto memorável em 2021.

A convivência entre luxo e miséria talvez represente uma das maiores contradições sociais do mundo ocidental e, ainda assim, ao mesmo tempo, a economia americana é uma das mais importantes do planeta. Entrar no mercado dos EUA é um objetivo estratégico para qualquer empresa que deseja crescer e a Bonfiglioli não foi exceção, buscando conquistar novos clientes em um mercado de enorme potencial. A aventura americana começou no final do século XX, em uma pequena cidade do estado de Indiana: Lafayette.

A primeira unidade industrial da empresa foi inaugurada em 1999 e consistia em uma pequena instalação com apenas alguns funcionários. O objetivo era claro: comercializar caixas de engrenagens para fabricantes de máquinas agrícolas e equipamentos de terraplenagem. Para os Estados Unidos, aquele foi um ano memorável: a seleção americana de futebol feminino venceu a China nos pênaltis na final em Pasadena, gerando uma das fotos esportivas mais icônicas da história – Brandi Chastain comemorando de joelhos após marcar o gol da vitória.

Durante aqueles anos, a Bonfiglioli trabalhou para estruturar suas operações e responder de forma mais eficiente às demandas do mercado, tomando decisões importantes, entre elas a transferência de sua sede para outro estado. Em 2002, foi inaugurada a nova planta em Hebron, no Kentucky: uma solução ideal por oferecer amplo potencial de expansão para os anos seguintes. Os Estados Unidos buscavam recuperar a sensação de paz após os acontecimentos de 11 de setembro, e esses também foram anos importantes para a Bonfiglioli, que procurava compreender melhor as características de um mercado bastante diferente do europeu. A estrutura da empresa precisava ser ampliada para atender às necessidades de gigantes como a John Deere e a Caterpillar, que mais tarde se tornariam clientes.

Em 2007, quando começavam a surgir os primeiros sinais de uma crise econômica global – que culminaria no colapso das hipotecas subprime –, a Bonfiglioli tomou a decisão estratégica de expandir sua organização.

A sede permaneceu em Hebron, mas foi transferida para uma instalação maior, onde também houve aumento no número de funcionários; o objetivo era estar preparada para a recuperação da economia. Essa decisão ousada, tomada em um momento de grande incerteza, foi um dos fatores decisivos para o sucesso da empresa nos mercados americanos de terraplenagem e energia eólica. Hoje, a Bonfiglioli USA emprega cerca de duzentas pessoas, que

Bonfiglioli U.S.A. Inc.



contam com a solidez da empresa e com programas contínuos de treinamento, essenciais para manter os mais elevados padrões de qualidade dos produtos: um requisito fundamental para competir em um mercado que valoriza fortemente os produtos fabricados nos Estados Unidos.

A Bonfiglioli conseguiu superar um grande desafio em um mercado no qual se tornou referência, sem abrir mão de sua própria identidade. O projeto "Local for Local", aliado ao respeito pela cultura e pelos costumes de seus colaboradores, transformou a experiência da empresa nos Estados Unidos em um dos melhores exemplos da abordagem glocal que a Bonfiglioli vem adotando há vários anos.

Participar da vida de uma nação não se resume apenas aos aspectos econômicos ligados aos negócios: trata-se, acima de tudo, de uma questão de responsabilidade social, que deve levar em conta milhares de funcionários. Clementino Bonfiglioli sempre olhou para o futuro e sua filha Sonia compartilha da mesma visão, como demonstra o projeto que trouxe o conceito de 'fechar o círculo' para o processo de produção da Bonfiglioli: em 2008, a empresa inaugurou sua planta de motores elétricos no Vietnã.

Nos mais de trinta anos desde o fim da guerra do Vietnã, o país vinha buscando formas de reviver sua história milenar.

Duas décadas de conflito – especialmente os anos finais, que tiveram os Estados Unidos como protagonista – deixaram marcas indeléveis. A reunificação do Vietnã do Sul com o Norte em uma única nação uniu o povo sob uma só bandeira, mas o caminho em direção à paz foi complexo e trágico. Era necessário reconstruir uma identidade comum, superando as divisões internas e restabelecendo as relações internacionais, mas isso era mais fácil dizer do que fazer: até meados da década de 1990, os efeitos da Guerra Fria – que havia terminado oficialmente apenas alguns anos antes – ainda podiam ser sentidos. Passo a passo, o Vietnã avançou em direção

Local for Local



Os dois projetos editoriais fotográficos que a Bonfiglioli dedicou à Índia e ao Vietnã

Bonfiglioli Vietnam Co. Ltd.

Bonfiglioli Vietnam Co. Ltd.





a relações internacionais mais sólidas, introduzindo em seu sistema jurídico as políticas econômicas conhecidas como “DOI MOI”: um conjunto de regras e leis destinadas a promover o desenvolvimento nacional, que inicialmente se limitavam ao setor agrícola.

Uma contribuição decisiva veio do presidente Clinton, que levantou o embargo comercial em 1994, permitindo que o Vietnã retomasse o contato com potenciais parceiros em todo o mundo.

Na década de 2000, o Vietnã tornou-se um polo estratégico de desenvolvimento para o acesso aos mercados asiáticos.

Em 2008, a Bonfiglioli decidiu construir uma planta para a produção de motores elétricos em um distrito industrial nos arredores da capital, Ho Chi Minh. A combinação entre o know-how italiano e a cultura vietnamita produziu resultados extraordinários: o primeiro polo de produção do Grupo na ASEAN.

Nos anos que se seguiram, além dos motores, passaram a ser produzidas também as caixas de engrenagens das séries A, C, F e 300, de modo a atender melhor às necessidades dessa região do mundo.

A Bonfiglioli mudou significativamente desde sua criação, evoluindo de uma pequena oficina mecânica para um grupo industrial global. Mas um aspecto importante permanece inalterado desde a sua origem: a visão de mundo de Clementino Bonfiglioli. Hoje, essa visão

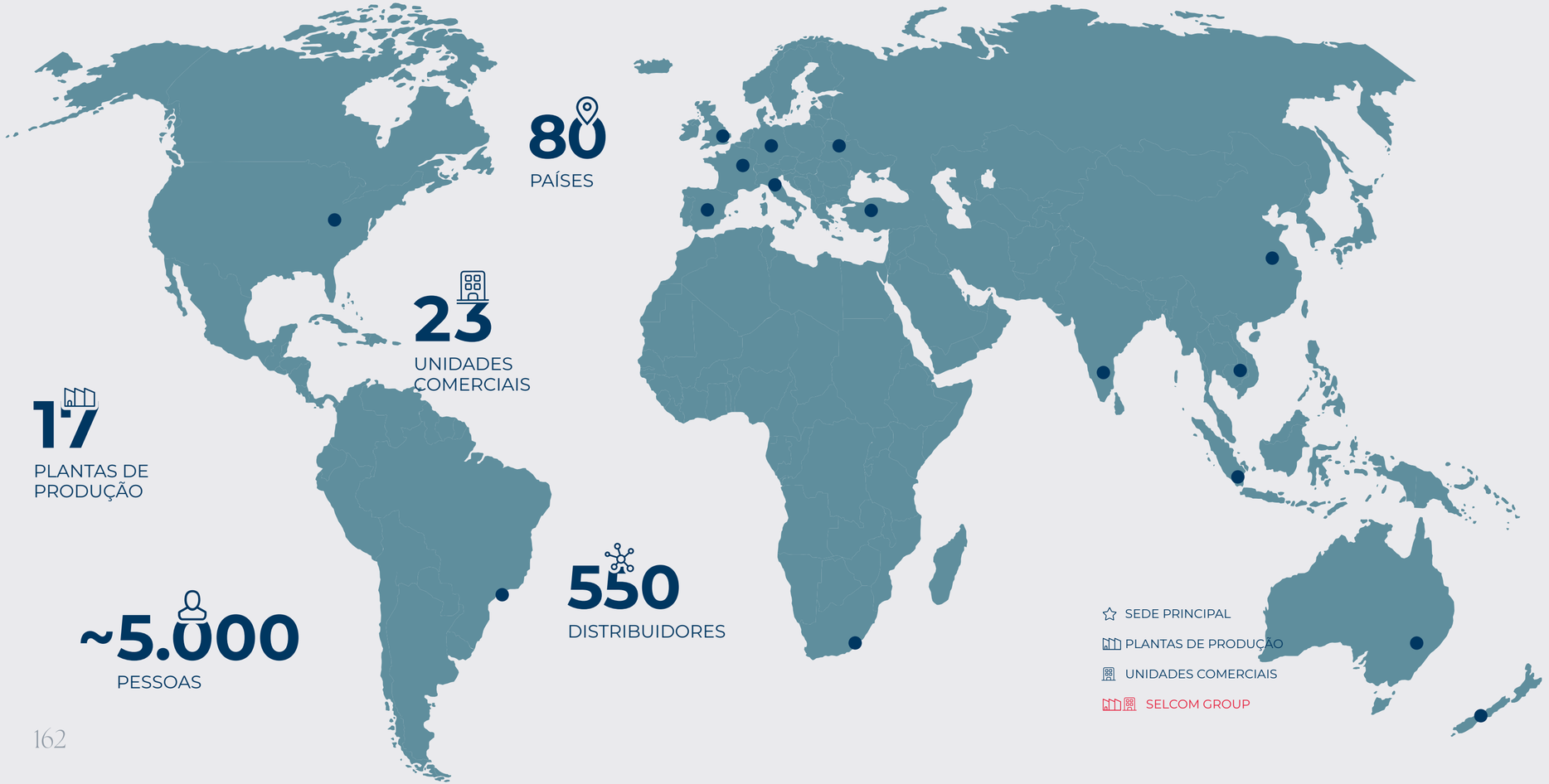


continua sendo levada adiante por sua filha Sonia, com o mesmo espírito.

Nenhum dos projetos industriais desenvolvidos ao longo das últimas sete décadas teve como objetivo apenas a expansão e a conquista de novos mercados; pelo contrário, a atenção às pessoas envolvidas em todos os níveis sempre foi um elemento fundamental para a Bonfiglioli.

Um verdadeiro viajante não visita lugares para conquistá-los, mas para absorver a energia de sua cultura e de seus costumes. É claro que, ao expandir seus negócios, uma empresa busca retorno econômico, mas a verdadeira diferença está entre aquelas que param por aí e aquelas que também absorvem o que cada local tem a oferecer em um sentido mais amplo, ao mesmo tempo que retribuem. Trata-se de uma conexão baseada em uma relação de mão dupla, que promove o crescimento não apenas da empresa, mas também das pessoas. Os funcionários vietnamitas, sul-africanos, indianos ou espanhóis da Bonfiglioli ganham uma abertura de espírito que lhes permite abraçar culturas diferentes das suas e o mesmo acontece com seus colegas italianos, que trabalham diariamente ao lado de profissionais de outras nacionalidades.

Não se trata apenas de uma questão global ou glocal: acima de tudo, é uma fusão de linh hon, aatmaon, almas, anime, souls, que, todos os dias, em todos os cantos do mundo, nutrem a vida humana e a tornam melhor.



80
PAÍSES

23
UNIDADES COMERCIAIS

17
PLANTAS DE PRODUÇÃO

~5.000
PESSOAS

550
DISTRIBUIDORES

☆ SEDE PRINCIPAL
PLANTAS DE PRODUÇÃO
UNIDADES COMERCIAIS
SELCOM GROUP

Austrália

Brasil

China

França

Alemanha

Reino Unido

Índia

Itália

Nova Zelândia

Singapura

Eslováquia

Espanha

África do Sul

Turquia

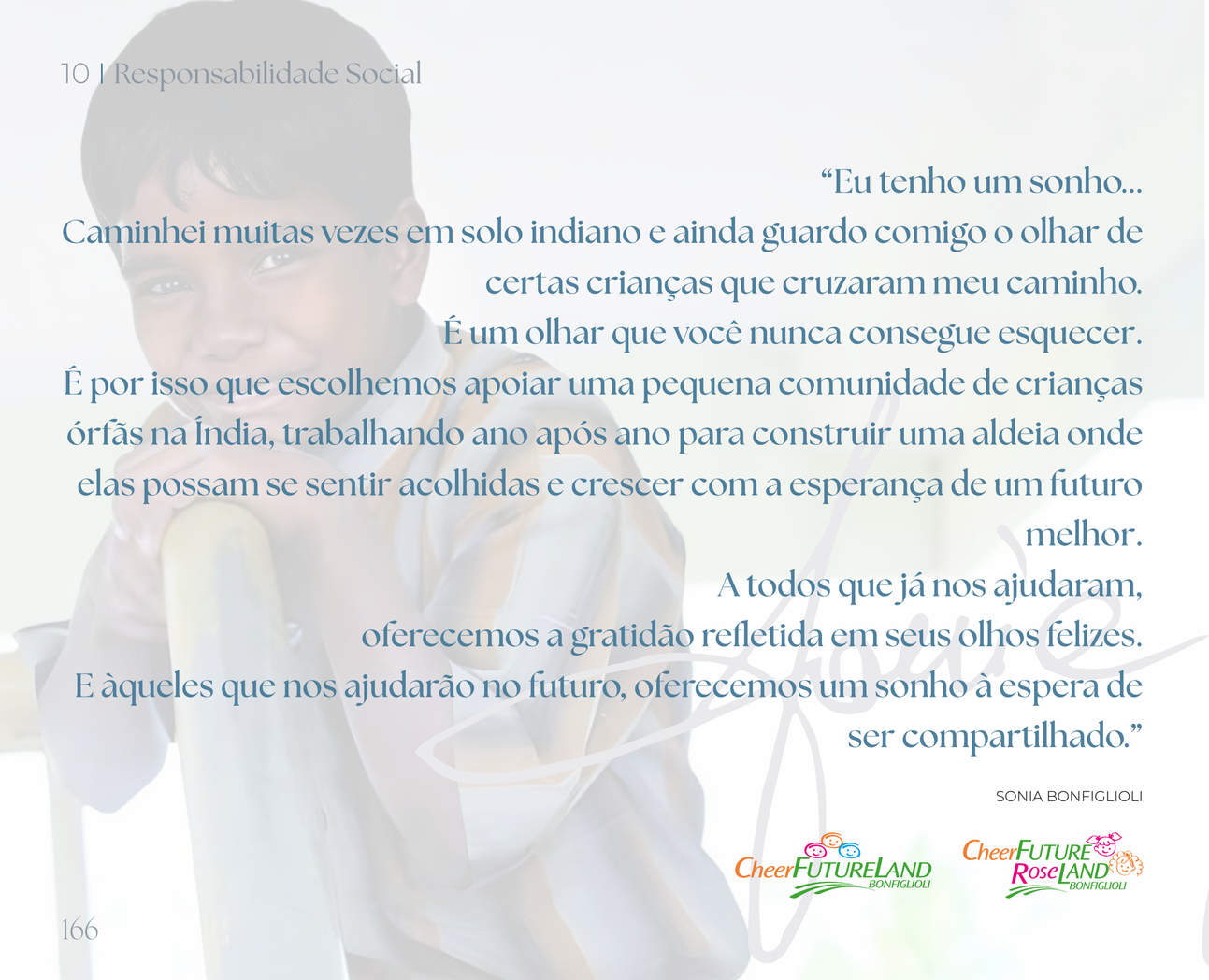
EUA

Vietnã



Responsabilidade social

LIDERAR SIGNIFICA ASSUMIR RESPONSABILIDADE PELO AMBIENTE EM QUE SE ATUA.



"Eu tenho um sonho...
Caminhei muitas vezes em solo indiano e ainda guardo comigo o olhar de certas crianças que cruzaram meu caminho.
É um olhar que você nunca consegue esquecer.
É por isso que escolhemos apoiar uma pequena comunidade de crianças órfãs na Índia, trabalhando ano após ano para construir uma aldeia onde elas possam se sentir acolhidas e crescer com a esperança de um futuro melhor.
A todos que já nos ajudaram,
oferecemos a gratidão refletida em seus olhos felizes.
E àqueles que nos ajudarão no futuro, oferecemos um sonho à espera de ser compartilhado."

SONIA BONFIGLIOLI

CheerFUTURELAND BONFIGLIOLI

CheerFUTURE RoseLAND BONFIGLIOLI

A partir da década de 1990, o mundo corporativo – especialmente as grandes empresas – passou a perceber algo novo: os negócios por si só, embora continuassem uma prioridade, já não eram suficientes. Isso marcou o início de uma nova abordagem nas relações com os funcionários: além dos aumentos salariais e da melhoria das condições de trabalho, foram introduzidas medidas de apoio às famílias, incluindo benefícios como planos de saúde, contribuições para a educação dos filhos e programas de incentivo capazes de proporcionar melhorias significativas na qualidade de vida das pessoas. Também foram introduzidas novas práticas com o objetivo de reduzir situações de estresse. Talvez a mais conhecida delas seja a Casual Friday, um costume já adotado pela Hewlett-Packard nas décadas de 1950 e 1960, mas que se consolidou definitivamente no início do século XXI. Às sextas-feiras, os funcionários passaram a poder vir trabalhar com roupas mais informais do que o tradicional terno e gravata, criando um ambiente menos convencional e mais confortável para o último dia da semana.

Na Itália, o sistema industrial sempre foi composto, em grande parte, por empresas familiares, que tendem a promover a lealdade dos funcionários com sistemas de incentivo alternativos (e nem sempre estruturados). Diversas iniciativas foram adotadas para promover o bem-estar dos funcionários, como a redução da jornada de trabalho às sextas-feiras durante o verão.

Clementino Bonfiglioli possuía uma extraordinária capacidade de conceber e concretizar ideias, não apenas para seus clientes, mas também para seus colegas. A vida o obrigou a amadurecer muito cedo, cercado pelo carinho do tio e da tia, mas sem o apoio fundamental dos pais. Essa infância, marcada por dificuldades e sonhos ainda por realizar, teve um impacto poderoso no caráter e no desenvolvimento pessoal de Clementino. Durante toda a vida, dedicou-se à sua criação, buscando continuamente desenvolver produtos cada vez melhores, mas também dedicou grande parte de sua energia a proteger e melhorar o bem-estar de seus funcionários. Além disso, com o passar do tempo, ele reconheceu a necessidade de olhar para além de suas próprias empresas e de prestar atenção ao que acontecia no tecido social ao redor de suas fábricas.

Cada lugar, cidade e país onde a Bonfiglioli atua apresenta necessidades e desafios diferentes e, com base nessa realidade, foram desenvolvidos projetos voltados para ampliar o acesso das novas gerações a programas de educação e saúde.

Seria simplista associar diretamente a infância de Clementino Bonfiglioli ao desejo de oferecer a crianças e jovens a oportunidade de uma vida melhor, mas é inegável que o passado de Bonfiglioli exerceu uma influência significativa, como confirmam as muitas pessoas que o conheceram e compartilharam momentos importantes ao seu lado.

Um episódio particularmente significativo ocorreu na Índia, país onde a empresa deu origem ao mais importante projeto social de sua história.

A Bonfiglioli chegou à Índia no final da década de 1990 e, entre os muitos acontecimentos daqueles primeiros anos, houve um que marcou profundamente Clementino Bonfiglioli: um momento que se transformaria na semente de emoções e iniciativas que floresceriam nos anos seguintes.

Em uma de suas primeiras viagens ao país, em 1998, ele estava acompanhado de alguns colegas.

Após duas semanas intensas de trabalho e reuniões com potenciais parceiros, o grupo se preparava para retornar à Itália. Na noite anterior à partida, perceberam que precisariam deixar no hotel algumas caixas de biscoitos e doces comprados nos dias anteriores.

Clementino Bonfiglioli sugeriu distribuí-los às crianças que pediam esmolas do lado de fora do hotel. Poucos minutos depois, desceram ao saguão e, logo na saída da entrada principal, começaram a distribuir os doces, sem jamais imaginar que esse gesto simples levaria a uma situação perigosa. Em questão de instantes, o grupo foi cercado por uma multidão de crianças famintas e desesperadas, cada uma tentando obter qualquer migalha de comida que pudessem. Foi necessária a intervenção da polícia para evitar o pior. Um dos policiais pediu a Clementino Bonfiglioli e aos demais que não repetissem aquele





tipo de atitude, para não colocarem em risco a própria segurança.

Não surpreende que, poucos anos depois, a Bonfiglioli tenha iniciado um projeto destinado ao apoio de crianças desfavorecidas na Índia.

Em 1999, o psicólogo infantil Anto Selvyn Roy começou a acolher crianças com deficiência que, por causa de sua condição, não podiam trabalhar: motivo que, infelizmente, muitas vezes bastava para que fossem abandonadas na rua à sua sorte. O professor Selvyn fundou em Chennai a comunidade Prema Vasam ("Casa do Amor"). Desde o início, o local tornou-se uma referência para a cidade e até mesmo a polícia local, diante de situações delicadas, levava as crianças encontradas nas ruas para as instalações da comunidade para que pudessem receber cuidados adequados.

Quando Clementino Bonfiglioli decidiu lançar um projeto de apoio às crianças indianas, identificou na comunidade Prema Vasam e em seu fundador os parceiros ideais para essa iniciativa. Foi assim que nasceu o programa de apoio às crianças CheerFutureLand e, em 4 de fevereiro de 2010, foi inaugurado o Home For Children, inicialmente com capacidade para acolher trinta crianças entre sete e doze anos de idade em instalações adequadas às suas necessidades. Além do alojamento, o centro inclui uma escola com um centro de formação, consultório médico e diversos espaços recreativos, onde as crianças podem desfrutar de momentos de serenidade. Tratava-se de um compromisso claro da Bonfiglioli, e Sonia ainda hoje desempenha um papel central no projeto, garantindo sua manutenção e seu desenvolvimento. Atualmente, quase cem crianças vivem no local, estudam e recebem formação profissional para construir um futuro melhor.

E, às vezes, o destino escreve histórias que nenhum escritor seria capaz de imaginar. Saravanabava estava entre as primeiras crianças acolhidas pelo CheerFutureLand. Até



Saravanabava

então, sua vida havia sido marcada por sofrimento e dificuldades, mas, dentro daquele lugar especial, iniciou um caminho de transformação que recentemente o levou a ser contratado pela planta da Bonfiglioli em Chennai. A criança está se tornando um homem: recentemente concluiu sua formação em mecânica e sonha em ingressar em um curso superior de Engenharia Mecânica. Uma imensa alegria para todos aqueles que dedicaram anos de trabalho a oferecer um futuro melhor às crianças indianas.

Estar presente em um país também significa compartilhar seus aspectos sociais e culturais e se envolver com eles a partir da convicção de que "dar tem o mesmo valor que receber". Essa frase, que pode ser encontrada no documento que apresenta o projeto CheerFutureLand, transmite claramente a filosofia que orienta as decisões da Bonfiglioli na área social, tanto na Índia quanto em outras partes do mundo. Ao longo dos anos, projetos semelhantes dedicados aos jovens também foram desenvolvidos em outros países.

Desde 2023, a Bonfiglioli apoia o projeto Mulheres de Visão na África do Sul, uma associação que oferece educação gratuita para famílias em situação de vulnerabilidade. No Vietnã, existe uma parceria com o sistema educacional de Ho Chi Minh para garantir acesso à educação a crianças provenientes de contextos de extrema carência.

O Relatório de Sustentabilidade publicado anualmente pela Bonfiglioli destaca os esforços que a empresa realizou – e continua realizando diariamente – para ir além de uma mentalidade industrial focada única e exclusivamente no lucro. Embora o lucro seja e continue sendo um pilar fundamental de qualquer negócio, ele precisa ser integrado, sustentado e conectado a outros elementos que levem em consideração o mundo ao nosso redor.

Há vários anos, a Bonfiglioli também assumiu o compromisso de construir novas instalações de produção com um foco profundo na sustentabilidade ambiental. A planta de Pune, na Índia, inaugurada há alguns anos, é 80% autossuficiente graças a um avançado sistema de energia solar. A cerca de oito mil quilômetros de













distância, em Calderara, a nova sede da empresa, em operação desde 2024, é um NZEB (Nearly Zero Energy Building), construída para aproveitar recursos de água da chuva, energia geotérmica e solar, a fim de minimizar o impacto ambiental. Esse esforço será monitorado por meio dos dados e informações incluídos no plano de descarbonização atualmente em desenvolvimento.

Bowl for Kids' Sake, Circus Starr, Trabajos Solidarios e Kockaci são apenas alguns dos projetos em que a Bonfiglioli contribui e participa em todo o mundo.

Além disso, uma empresa liderada por uma mulher naturalmente dedica atenção especial à redução da desigualdade de gênero. Graças a esse compromisso, a presença feminina na empresa aumentou 53%, enquanto o número de funcionários do sexo masculino permaneceu praticamente inalterado em comparação com 2022: mais uma demonstração do empenho da empresa em promover mudanças sociais e culturais concretas. Mas essa filosofia vai além dos limites da própria empresa: o apoio ao projeto Ragazze Digitali ER tem contribuído para incentivar jovens estudantes do sexo feminino a explorar o mundo da programação e da inteligência artificial.

A Bonfiglioli de hoje é muito diferente da pequena oficina fundada em 1956; a forma como produzimos, viajamos e nos comunicamos mudou radicalmente. Em setenta anos, a vida das pessoas passou por uma metamorfose incessante: em meados da década de 1950, o jovem





Clementino dificilmente poderia imaginar o processo de evolução tecnológica pelo qual o mundo passaria, mas sua capacidade de olhar além do presente lhe permitiu antecipar necessidades antes mesmo que elas surgissem. Hoje, Sonia dá continuidade à sua obra.

Ela cresceu entre engrenagens e máquinas-ferramenta, desenvolvendo-se como mulher e empresária segundo o exemplo deixado por seu pai. Atualmente, a Bonfiglioli dispõe de novas tecnologias e ferramentas avançadas que estão a anos-luz daquelas que Clementino Bonfiglioli tinha à sua disposição na Via Calvart. Apenas uma coisa permaneceu inalterada, um fio contínuo que liga o passado ao presente: a capacidade de ouvir as necessidades das pessoas e responder, buscando ajudá-las sempre que possível. Nunca será apenas sobre negócios, porque sem as pessoas, sem prestar atenção ao mundo ao nosso redor e sem considerar como nossas ações afetam os outros, jamais poderemos levar uma vida verdadeiramente plena.





Inovação, a força motriz do crescimento e da evolução

O FUTURO NO PRODUTO E ALÉM: SEGURANÇA, MEIO AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE



Paris, abril de 1874.

Louis Leroy foi um dos mais importantes críticos de arte de seu tempo e frequentava regularmente galerias e o Salon, a exposição anual organizada pela Académie des Beaux-Arts de Paris, que moldou e influenciou não apenas a arte francesa, mas também o mundo da arte em geral por mais de um século. Expor no Salon garantia aos artistas reconhecimento crítico e sucesso financeiro; sem essa visibilidade, muitos deles teriam encontrado enormes dificuldades para vender suas obras.

Em abril de 1874, Leroy ouviu falar de uma exposição organizada por jovens pintores rejeitados pelo júri do Salon. Ela seria realizada no estúdio do fotógrafo Nadar, que havia disponibilizado algumas salas por alguns dias.

Intrigado, Leroy decidiu visitar a mostra para conhecer o trabalho daqueles jovens artistas. Enquanto percorria a exposição, deteve-se por vários minutos diante de uma pintura em particular, observando-a durante vários minutos antes de deixar a galeria sem demonstrar qualquer emoção.

Alguns dias depois, a revista Le Charivari publicou um artigo de Leroy no qual o crítico apresentava sua avaliação. Sobre a pintura diante da qual havia parado por tanto tempo, seu julgamento foi claro e suas palavras não deixavam espaço para dúvidas: "O que esta tela representa? Impressão – eu tinha certeza disso. Eu estava justamente dizendo a mim mesmo que, se fiquei impressionado, era porque havia alguma impressão nela... e que liberdade, que facilidade de execução! Um papel de parede em estado embrionário é mais acabado do que essa paisagem marinha. Não venham me falar desses amadores."

A pintura a que Leroy se referia era *Impressão, Nascer do Sol*, de Claude Monet.

A partir desse momento, os pintores que expuseram naquela mostra passaram a ser chamados de "Impressionistas": originalmente um termo de zombaria, que acabou por designar um dos movimentos mais importantes e célebres da história da pintura.

A história já disse muito sobre a capacidade de Leroy para julgar uma pintura, mas sempre foi o caso que grandes invenções e inovações, em seus primeiros momentos, enfrentam oposição e, às vezes, até mesmo o ridículo. A pintura impressionista é um desses exemplos, mas há muitos outros que poderíamos lembrar: em 1946, Darryl Zanuck, falando sobre os primeiros televisores lançados no mercado, disse: "As pessoas logo vão se cansar de ficar olhando para uma caixa de compensado todas as noites." Ou ainda Ken Olsen, fundador da Digital, que declarou em 1977: "Não há nenhuma razão para que alguém queira ter um computador em casa."

Os homens e mulheres da Geração X viveram a transição do mundo analógico para o digital. Milhões de pessoas que

Claude Monet, *Impressão, Nascer do Sol*, 1872

antes liam jornais impressos hoje possuem smartphones de alta tecnologia, que lhes dão acesso, em tempo real, a notícias provenientes de todas as partes do mundo. Em nosso dia a dia, somos beneficiados por inovações que, muitas vezes, passam por etapas de desenvolvimento e testes no mundo industrial antes de se tornarem amplamente disponíveis: soluções aplicadas inicialmente aos carros de Fórmula 1 e que hoje encontramos em nossos próprios veículos são um exemplo disso.

Nos últimos anos, tem crescido no sistema industrial a consciência de que a inovação não pode mais se limitar ao campo da produção: ela deve ser utilizada para ajudar as pessoas e o meio ambiente. Esse despertar, esse senso de responsabilidade social, é ao mesmo tempo necessário e benéfico.

Todos esses novos desafios compartilham uma característica comum, um elemento fundamental que os conecta e é crucial para seu sucesso: a capacidade de desenvolver e aproveitar inovações tecnológicas, adotando uma abordagem diferente daquela observada há apenas alguns anos. Por exemplo, em muitos ambientes de produção durante a década de 1990, a tecnologia dos robôs antropomórficos era utilizada para substituir os seres humanos em todas as fases do processo; hoje, vemos uma perspectiva mais moderna, na qual soluções técnicas inovadoras trabalham em conjunto com as pessoas, especialmente nas operações mais pesadas e perigosas para a sua saúde.



A Bonfiglioli sempre considerou a inovação um fator essencial de crescimento e evolução, mas a chegada de Sonia à liderança da empresa foi o elemento que verdadeiramente transformou a visão corporativa sobre sustentabilidade. Tendo herdado do pai a paixão pela mecânica, algo que se manifestou desde a sua infância, Sonia redefiniu a abordagem da empresa em relação à inovação, integrando-a em todos os processos de negócio. Isso marcou o início de um novo capítulo, no qual a produção deixou de ser a única referência orientadora, passando a ocupar uma posição de igualdade com outros temas fundamentais para o sucesso da empresa. Segurança, meio ambiente e sustentabilidade: graças à visão moderna de Sonia, esses se tornaram os pilares do futuro da Bonfiglioli. Para perseguir esses novos objetivos da forma mais eficiente possível, ela optou por envolver organizações externas no desenvolvimento de projetos de inovação: foram estabelecidas parcerias com universidades, centros de pesquisa e órgãos da administração pública, com o objetivo de integrar seus conhecimentos e alcançar melhores resultados, gerando um impacto positivo não apenas para a Bonfiglioli, mas para uma comunidade muito mais ampla.

Um marco na história da empresa se mostrou fundamental nessa trajetória: em março de 2000, em um artigo publicado na Bonfiglioli News, Sonia Bonfiglioli apresentou um projeto que faria história: Mosaico.

O Mosaico era um verdadeiro sistema integrado de serviço ao cliente, incorporando as ferramentas do Genius, sistema desenvolvido alguns anos antes que permitia a clientes e projetistas acessar o banco de dados de desenhos técnicos do catálogo Bonfiglioli. Com o Mosaico, foi introduzido algo que se tornaria prática comum nos anos seguintes, mas que, na época, era simplesmente revolucionário:

MOSAICO

Logotipo Mosaico, 2000





Mosaico hoje.

afinal, apenas cinco anos haviam se passado desde a primeira venda online de um livro pela Amazon, e a Bonfiglioli já lançava sua própria plataforma de comércio eletrônico, permitindo que os clientes realizassem compras diretamente no catálogo online. Este foi um salto decisivo para o futuro e a empresa se entrou no novo milênio com o objetivo de se aproximar cada vez mais de seus clientes - não apenas como fornecedores, mas como parceiros com os quais concluir projetos e encontrar soluções. Isso representou uma nova abordagem na relação comercial, dando crescente importância ao desejo da empresa de apoiar o cliente desde as etapas iniciais de desenvolvimento dos projetos.

Esse foi um dos pilares do sucesso da Bonfiglioli ao longo dos anos seguintes. Empresas de software de renome participaram do projeto para desenvolver o serviço, enquanto a companhia telefônica nacional ficou responsável pelas comunicações via web.

A partir desse momento, projetistas, clientes e estudantes passaram a utilizar os serviços oferecidos pelo Mosaico, aproveitando suas vantagens para aprimorar e acelerar atividades de design, seleção e compra.

O foco inabalável da Bonfiglioli em seus clientes é acompanhado pelo compromisso com a segurança e a qualidade de vida de seus funcionários, oferecendo



Um operador na planta EVO com um exoesqueleto

milhares de horas de cursos de treinamento e realizando modificações estruturais em máquinas e equipamentos para melhorar a ergonomia e reduzir o risco de possíveis lesões. As iniciativas contínuas de melhoria das condições de trabalho levantaram uma questão importante: quais são os desafios do futuro? Sem dúvida, processos mais automatizados, mais seguros e mais sustentáveis do ponto de vista ambiental.

Para responder a essa questão, a Bonfiglioli decidiu explorar o potencial da inovação tecnológica – uma abordagem que conduz diretamente a uma nova dimensão – com um dispositivo que, no imaginário coletivo, parece saído de um filme de ficção científica: o exoesqueleto.

Durante as operações diárias nos departamentos de produção, existem equipamentos destinados à elevação dos componentes mais pesados, mas ainda há situações em que a combinação entre peso e frequência dos movimentos pode causar problemas. A Bonfiglioli lançou um projeto que permitirá a seus operadores testar um exoesqueleto de última geração, projetado para reduzir o esforço físico necessário ao retirar componentes para a produção. Para este projeto, a empresa reuniu uma equipe de técnicos e pesquisadores capaz de desenvolver e tornar realidade essa nova fronteira tecnológica: o grupo de desenvolvimento inclui a Universidade de Bolonha, a Universidade de Ciências Aplicadas e Artes do Sul da Suíça (SUPSI) e a ART-ER, empresa regional da Emilia-Romagna



AGV (Veículos Guiados Automatizados) na planta EVO

dedicada ao desenvolvimento local por meio da inovação e da internacionalização. Juntamente com esses parceiros institucionais, empresas internacionais especializadas em robótica também foram envolvidas no desenvolvimento físico do novo exoesqueleto.

Para alcançar os melhores resultados possíveis, era fundamental obter feedback das pessoas que efetivamente utilizariam os novos dispositivos. Por essa razão, cerca de vinte voluntários – operadores logísticos responsáveis pela movimentação de componentes destinados à montagem de caixas de engrenagens em seu trabalho diário e, portanto, potencialmente expostos a riscos relacionados à postura — participaram do projeto. Os voluntários testaram o novo dispositivo, destacando os ajustes necessários no design, o que alterou significativamente o resultado final. Melhor postura durante as atividades de trabalho, redução do risco de lesões decorrentes de traumas lombares e menor sobrecarga da parte superior do corpo estivam entre os benefícios. Além disso, tornar as operações de picking menos desgastantes ao longo do dia de trabalho permite que os operadores aproveitem plenamente o tempo fora da empresa.

Aqui, o objetivo é duplo e tem implicações de longo alcance: melhorar as condições de trabalho significa ter membros da equipe mais eficientes, capazes de dedicar tempo de qualidade aos seus familiares, aos seus filhos e

às suas paixões quando deixam o ambiente de trabalho.

O mesmo conceito pode ser aplicado à visão da Bonfiglioli sobre o futuro do meio ambiente. Durante décadas, as indústrias em todo o mundo direcionaram seus esforços econômicos e organizacionais para a obtenção de maiores lucros, prestando pouca atenção ao que acontecia fora de suas instalações de produção. Houve inúmeros casos em que atividades industriais tiveram repercussões devastadoras sobre a vida das comunidades vizinhas e além delas. Alguns dos exemplos mais marcantes chegaram ao conhecimento público por meio de filmes ou reportagens investigativas, mas, nos últimos anos – graças a uma maior conscientização dos líderes empresariais – surgiu um novo caminho, cujo objetivo é reduzir o impacto ambiental das atividades industriais. Precisamos olhar mais longe. As escolhas que fazemos hoje moldarão o mundo que nossos filhos herdarão.

Para colocar essa nova visão em prática, a Bonfiglioli lançou diversos projetos especificamente concebidos para reduzir o impacto ambiental de seus produtos. Ao fazê-lo, a empresa envolveu empresas especializadas, startups e universidades, consciente de que ampliar o escopo do conhecimento pode levar a resultados melhores. Com a mesma consciência, a Bonfiglioli decidiu coordenar diretamente esses projetos, assumindo a responsabilidade de manter conectados seus diferentes componentes, alinhar sua evolução e conduzir os diversos grupos de trabalho em direção a objetivos específicos. Desde o início, ficou claro que avançar rumo ao futuro exigiria dois elementos fundamentais: dados precisos e confiáveis e um sistema de monitoramento capaz de processá-los.

Em 2019, uma parceria com uma das empresas líderes na fabricação de semicondutores e soluções tecnológicas avançadas resultou na criação das séries WSensor e Zsensor, uma evolução dos sensores de monitoramento padrão. As principais características desses novos dispositivos iam desde a redução de tamanho até o aumento da sensibilidade na detecção de dados, contribuindo essas novas ferramentas para o objetivo da Bonfiglioli de levar ao mercado produtos e serviços focados em monitoramento de desempenho e manutenção preditiva. Foi um resultado extraordinário, alcançado graças ao compartilhamento de experiências entre as empresas envolvidas nos diversos grupos de projeto. O projeto não se limitou à criação de novos sensores, mas também permitiu identificar o posicionamento ideal deles nas caixas de engrenagens. Meses de testes em salas de ensaio para avaliar e ajustar o desempenho produziram resultados excepcionais, gerando dados de altíssima precisão; uma vez analisados pelos técnicos, esses dados permitem o desenvolvimento de planos de manutenção programada – essenciais para evitar paradas inesperadas e interrupções da produção.

Hoje, fábricas e plantas estão conectadas digitalmente com suas máquinas e sistemas de produção. O volume de dados coletados pelas novas tecnologias cresceu exponencialmente nos últimos anos, tornando necessário recorrer a sistemas computacionais cada vez mais avançados.

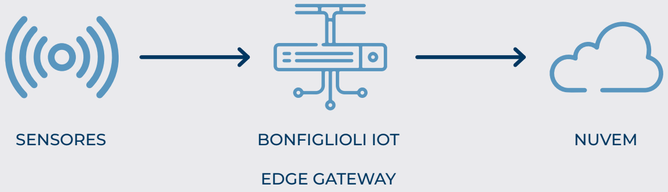
Com o projeto Horizon IoTWins, a Bonfiglioli demonstrou mais uma vez sua capacidade de olhar além do presente e, com a iniciativa digital@bonfiglioli, abriu caminho para a exploração de novas áreas em busca de uma evolução inovadora. O novo sistema é capaz de adquirir dados operacionais de várias fontes, combinando-os e processando-os em estruturas informativas que auxiliam a tomada de decisões dos técnicos de manutenção. Dados

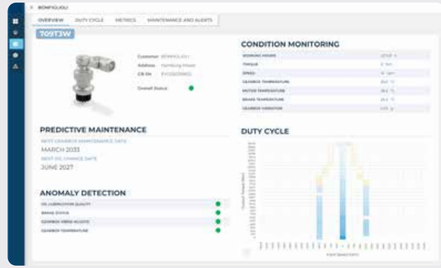






Sensores Omega, Z e TP.





Soluções IoT



de produção, registros de manutenção e até mesmo as condições ambientais dentro da empresa são processados pelo sistema para criar modelos de diagnóstico que orientam as intervenções de manutenção. Além disso, os conjuntos de dados coletados também são utilizados para aperfeiçoar os produtos durante a fase de projeto, e as análises realizadas em campo permitem identificar melhorias a serem aplicadas às caixas de engrenagens, tornando-as ainda mais eficientes. Esse ciclo virtuoso abrange toda a vida útil do produto.

A Bonfiglioli trabalhou com diversas empresas no desenvolvimento de projetos inovadores, e o aspecto que mais se destaca desse compartilhamento de conhecimento é o crescimento profissional e cultural do grupo de trabalho. Os resultados alcançados são utilizados por todas as empresas envolvidas nos projetos que, por sua vez, aprimoram seus próprios produtos, desencadeando um processo de crescimento contínuo.

Olhar além do que está imediatamente ao nosso redor e considerar o panorama mais amplo traz grande satisfação. A Bonfiglioli sempre seguiu essa filosofia e a inovação está entrelaçada à sua história. Hoje, os produtos Bonfiglioli representam o que há de mais avançado em tecnologia mecânica e eletrônica; são sistemas abrangentes capazes de responder aos desafios mais recentes impostos pela indústria e pela automação: manutenção preditiva, aprendizado de máquina e inteligência artificial – a mais nova e recente fonte de inovação em inúmeros campos do conhecimento e da indústria. Com sua rápida evolução, ela traça diariamente um novo futuro para a Bonfiglioli, não apenas em termos de desempenho e qualidade dos produtos, mas também porque a IA possibilita modelos de negócio e formas de interação – entre produto e usuário, fabricante e cliente – que antes eram inimagináveis. O foco na evolução e inovação é um dos segredos do sucesso da Bonfiglioli; um sucesso impulsionado, em grande medida, pelos muitos jovens talentosos que hoje constituem a verdadeira força motriz da empresa. As novas gerações precisam ser inspiradas e orientadas através de exemplos e estímulos capazes de despertar suas mentes férteis.

Era 12 de junho de 2005. Durante a cerimônia de formatura na Universidade de Stanford, Steve Jobs proferiu um discurso histórico para o público de jovens graduados: em pouco mais de dez minutos, ele proferiu o que se tornaria um dos discursos de formatura mais citados de todos os tempos. “Stay hungry, stay foolish”: estas foram suas palavras finais, exortando aqueles jovens a não imporem limites aos próprios sonhos. Cinquenta anos antes, em um lugar muito distante da Califórnia, um jovem tentava realizar os seus próprios sonhos. Ele projetava sozinho suas caixas de engrenagens, contando apenas com suas habilidades. Hoje, setenta anos depois, centenas de engenheiros, técnicos e projetistas trabalham todos os dias, dando continuidade ao caminho que ele traçou em meados do século XX, mantendo o olhar voltado para o futuro.

Não podemos saber quais serão os limites da inovação nos próximos anos, mas podemos ter certeza de uma coisa: há mulheres e homens levando adiante, rumo ao amanhã, a visão de Clementino Bonfiglioli.

Ao longo da história, os inovadores sempre tiveram algo em comum: mostram o caminho. Seu local de nascimento importa pouco – Paris, São Francisco ou um pequeno vilarejo nos arredores de Bolonha –, mas, por meio de suas ações, eles orientaram gerações inteiras e continuam a fazê-lo por intermédio de seus filhos, colegas e daqueles que estudam seu trabalho.

Edoardo Bennato é um dos mais famosos cantautores italianos de todos os tempos e, em uma de suas canções mais conhecidas, “L'isola che non c'è”, lançada em 1980, transmite uma mensagem a todos aqueles que enfrentam desafios e dificuldades todos os dias na busca por suas ambições. A estrofe final diz: “A segunda estrela à direita, esse é o caminho, e depois siga sempre em frente até amanhecer, não tem como errar, porque essa é a ilha que não existe. E vão zombar de você se continuar procurando por ela, mas não desista, porque aqueles que já desistiram e riem pelas suas costas talvez sejam ainda mais loucos do que você.”

Stay hungry, stay foolish. Seres humanos brilhantes como Clementino Bonfiglioli lutaram para alcançar seus objetivos; famintos o bastante para imaginar um sonho e loucos o bastante para transformá-lo em realidade.

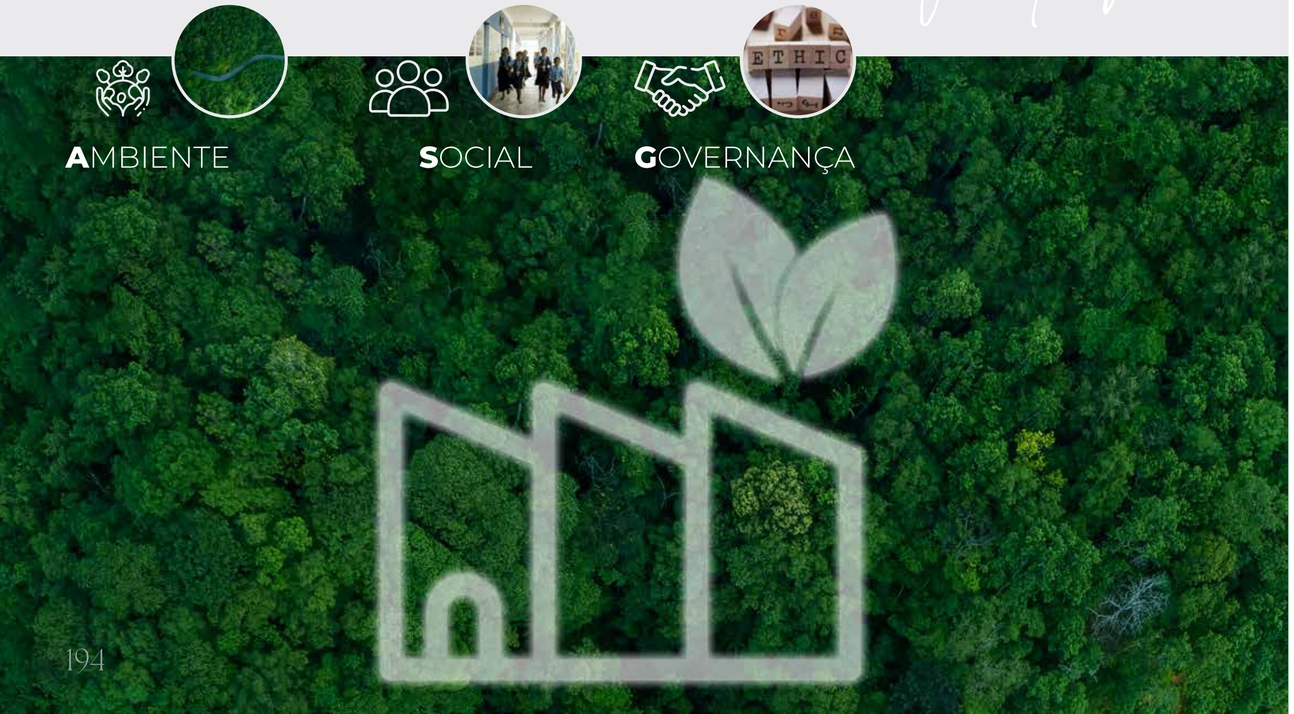




Nossa visão para um futuro sustentável

UM COMPROMISSO CORPORATIVO
QUE VAI ALÉM DOS NEGÓCIOS

A sustentabilidade não diz respeito apenas ao futuro: diz respeito também às escolhas que fazemos hoje.



O conceito de sustentabilidade começou a ganhar forma na segunda metade do século XX. Nesse período, começaram a surgir os primeiros movimentos em defesa da ecologia e do meio ambiente, e uma maior consciência sobre a relação entre o comportamento humano e suas consequências para a natureza começou a se desenvolver, evidenciando a necessidade de transformar os modelos de crescimento econômico levando em conta também seu impacto sobre as pessoas e o mundo. Esse sentimento levou à criação de diversas organizações cujo objetivo era influenciar a sociedade contemporânea.

Uma das mais importantes foi fundada na Suíça, em 1961, e seus fundadores escolheram um nome bastante evocativo: World Wide Fund for Nature, que todos conhecemos pela sigla WWF. A associação nasceu com a missão de proteger o meio ambiente e as espécies ameaçadas por meio da conscientização das instituições, e seu logotipo se tornou mundialmente famoso: um panda, escolhido como símbolo da luta contra a extinção das espécies animais. Cinco anos depois, graças aos esforços de Fulco Pratesi, foi criado o WWF Itália. No entanto, a partir de meados da década de 1980, os objetivos defendidos por uma parte da sociedade civil se tornaram a base para a criação de políticas globais de sustentabilidade e, em 1983, a Assembleia Geral das Nações Unidas encarregou a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento de elaborar um documento que orientasse os países-membros em direção a escolhas mais informadas. Tornou-se essencial modificar os modelos de crescimento econômico, levando em consideração as mudanças climáticas.

Naquele período, a WCED era presidida por Gro Harlem Brundtland, política norueguesa que sempre se dedicou às políticas ambientais. Ao longo de três anos de trabalho, a comissão envolveu ONGs, governos, instituições, associações ambientalistas e universidades. O objetivo era estabelecer uma estrutura abrangente, reunindo opiniões e avaliações de todas as partes interessadas antes de elaborar um documento contendo soluções a serem implementadas nos anos seguintes. O resultado dessas discussões levou à publicação, em 1987, do relatório "Nosso Futuro Comum", mais conhecido como Relatório Brundtland, em homenagem à presidente da comissão.

Entre os muitos pontos abordados pelo Relatório Brundtland, havia dois conceitos que se tornariam fundamentais para a definição da sustentabilidade.

O primeiro dizia respeito ao crescimento sustentável: garantir que as necessidades da geração atual sejam atendidas sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades. Em poucas palavras, expressava diretamente o desejo de mudança impulsionado por uma maior atenção e conscientização.

O segundo conceito defendia o envolvimento de todos os habitantes da Terra na busca de uma nova forma, de um novo caminho, que permitisse às futuras gerações viver em melhores condições: uma espécie de justiça social que, ao mesmo tempo em que reconhecia as diferenças econômicas entre as nações, estabelecia como objetivo a

busca de um compromisso justo entre qualidade de vida e desenvolvimento econômico.

O Relatório Brundtland abriu caminho para estratégias e iniciativas capazes de enfrentar e gerenciar as mudanças climáticas e promover a sustentabilidade ambiental. Esses projetos foram aprofundados ao longo do tempo, alcançando diversos marcos importantes: em 1992, o Rio de Janeiro sediou a conferência Rio+20, que levou à adoção da Agenda 21, documento que delineou as ações a serem tomadas para o desenvolvimento sustentável global. Outro passo fundamental foi o Acordo de Paris, que, em 2015, estabeleceu um tratado vinculante para o combate às mudanças climáticas. Durante o mesmo ano, 193 nações assinaram a Agenda 2030, que definiu um plano de ação global composto por dezessete objetivos, incluindo os princípios de prosperidade e parceria voltados ao bem-estar das pessoas.

São metas admiráveis, mas difíceis de alcançar: como vimos nos últimos anos, os interesses nacionais, políticos e ideológicos muitas vezes reduziram – e, em alguns casos, até eliminaram – o financiamento de projetos de sustentabilidade ambiental.

As diferenças entre os sistemas produtivos dos diversos países, decorrentes de decisões socioeconômicas e políticas adotadas por seus governos, frequentemente impediram, ao longo dos anos, a implementação de soluções compartilhadas. Para impulsionar essa nova visão, tornou-se necessário que agências não-governamentais e organizações globais interviessem, assumindo o papel de avaliar os interesses de todas as nações e orientar a produção global em direção a objetivos comuns.

Também para as indústrias de transformação, a trajetória em direção à sustentabilidade não tem sido fácil, mas, graças a uma nova mentalidade de muitos empreendedores, o esforço para criar um sistema industrial diferente e mais respeitoso com o meio ambiente não perdeu força. Como resultado, a sustentabilidade ambiental tornou-se uma estratégia de desenvolvimento para muitas empresas, até porque também faz sentido do ponto de vista econômico. A sustentabilidade ambiental passou inclusive a ser utilizada em estratégias de marketing destinadas a segmentos de clientes mais sensíveis às questões ambientais – a redução do uso de plástico nas embalagens de alimentos, a crescente popularidade dos sistemas de recarga para produtos de limpeza doméstica e, no setor automotivo, o controle de emissões e o desenvolvimento da mobilidade elétrica são apenas alguns exemplos.

O sentimento de pertencimento é a força motriz dessas mudanças e a Bonfiglioli é um exemplo de como essa simbiose se manifesta.

Durante cinquenta anos, as plantas de Lippo di Calderara abrigaram a sede do Grupo: tanto os departamentos de produção quanto os escritórios executivos foram construídos exatamente no terreno onde o jovem Clementino brincava quando criança. Ao longo das décadas, Calderara e Bonfiglioli cresceram juntas, apoiando-se mutuamente nesse percurso.

Por isso, a planta EVO – assim como o HQ, a nova sede da unidade de negócios I&A, inaugurada em 2020 – está localizada no mesmo município, a poucos minutos de Lippo. Menos emissões, ciclovias e parques: tudo foi concebido para melhorar a qualidade de vida não apenas dentro da empresa, mas também nas áreas ao redor.

Mas como uma empresa se torna sustentável? Quais etapas e projetos precisam ser desenvolvidos?

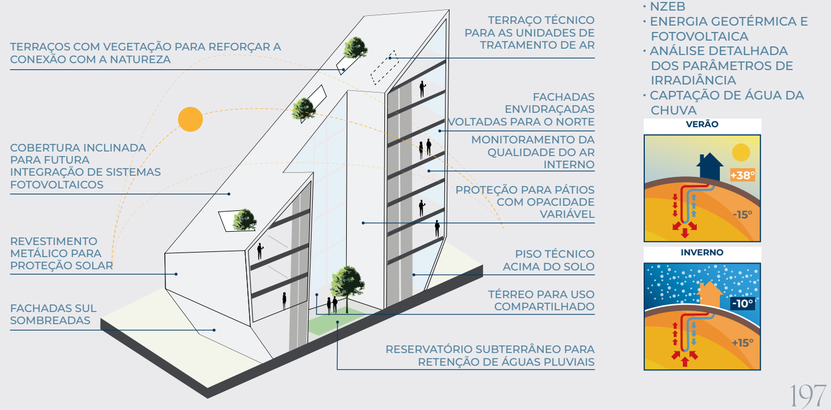
Há vários anos, a Bonfiglioli criou uma equipe interna formada por engenheiros ambientais e especialistas em novos materiais, que trabalham em estreita colaboração com todos os departamentos da empresa. Aproveitando as novas tecnologias, essa equipe desenvolveu uma série de projetos capazes de reduzir o impacto ambiental da empresa na região.

O verdadeiro desafio, no entanto, estava na identificação de princípios que pudessem ser aplicados globalmente em todas as unidades de produção do Grupo. O Relatório de Sustentabilidade é o documento que descreve com precisão tanto os resultados alcançados quanto os objetivos estabelecidos para uma nova forma de fazer negócios, e se baseia em três pilares que orientam as decisões futuras, como faróis iluminando o caminho: Excelência, Inovação, Sustentabilidade.

Eficiência energética em edifícios e instalações



A nova sede: um exemplo concreto de sustentabilidade e inovação



- NZEB
- ENERGIA GEOTÉRMICA E FOTOVOLTAICA
- ANÁLISE DETALHADA DOS PARÂMETROS DE IRRADIÂNCIA
- CAPTAÇÃO DE ÁGUA DA CHUVA



A transformação de global para glocal que ocorreu nos últimos anos é parte integrante desse processo, uma vez que cada ação empreendida levou em consideração as comunidades dos cinco continentes onde a Bonfiglioli está presente. Essa é a força de uma mudança que conduz a uma nova visão: buscar a excelência em seus produtos, respeitando a diversidade e as culturas locais, colocando as pessoas em primeiro plano, além de promover a consciência de que a responsabilidade individual torna possível a responsabilidade coletiva e de que trabalhar em conjunto, compartilhando conhecimento, é a única forma de crescer.

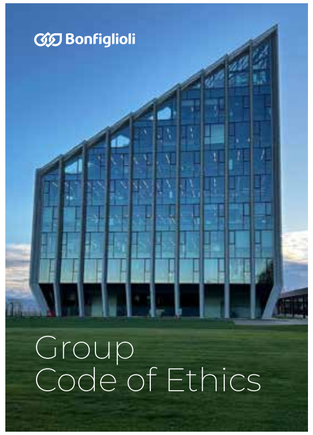
O caminho para a sustentabilidade depende de ações com impacto duradouro, construídas sobre as bases lançadas nos últimos anos. Um dos primeiros objetivos principais da empresa tem sido a redução das emissões de gases de efeito estufa. Em 2024, foi desenvolvida uma estratégia para aumentar a participação da eletricidade proveniente de fontes renováveis, dentro de um plano com horizonte até 2030. O monitoramento do consumo, a otimização do uso de energia elétrica e as intervenções com foco ambiental – como o sistema fotovoltaico de 1335 KW instalado no estacionamento da EVO, já capaz de gerar cerca de 1,5 milhão de kWh por ano, cobrindo mais de 20% do consumo total – foram concebidos para garantir que, até 2030, toda a eletricidade necessária para operar a unidade seja proveniente de fontes renováveis.

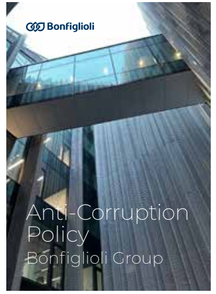
Outro aspecto fundamental do processo produtivo da Bonfiglioli diz respeito à gestão de resíduos. O Grupo estabeleceu 2030 como o ano em que todos os resíduos gerados por suas plantas e filiais deverão ser destinados à reutilização em outros processos produtivos ou à reciclagem: um compromisso tangível e contínuo com a sustentabilidade e a responsabilidade ambiental.

A sustentabilidade de uma empresa está frequentemente associada às suas atividades de produção e ao seu impacto ambiental. No entanto, nos últimos anos, as empresas mais inovadoras ampliaram esse conceito para abranger toda a sua cadeia de valor, incluindo os fornecedores, refletindo a consciência de que a sustentabilidade também depende daqueles que contribuem ativamente para a cadeia de suprimentos. Em linha com essa perspectiva, os parceiros da Bonfiglioli estão diretamente envolvidos nessa transição ecológica e em outras iniciativas.

O Código de Conduta para Fornecedores estabelece diretrizes claras sobre o cumprimento das regulamentações nacionais e internacionais relativas ao uso de substâncias perigosas, com especial atenção aos produtos que possam colocar em risco a saúde e a segurança ao longo de todo o processo de produção. Além disso, os fornecedores são obrigados a aderir a políticas de combate à exploração e à discriminação. Essa abordagem modifica os critérios de seleção de fornecedores, priorizando aqueles dispostos a enfrentar os novos desafios, tanto os relativos às questões ambientais quanto os que dizem respeito ao relacionamento com as pessoas.

Trata-se de uma posição firme, concebida para transformar comportamentos prejudiciais ao meio ambiente e aos recursos humanos. Essa transição envolve as unidades da empresa e fornecedores no mundo inteiro, sem exceções. Esta não é apenas uma frase a ser incluída em alguma apresentação corporativa; é uma nova maneira de fazer negócios, voltada para o futuro e, acima de tudo, justa.







A mesma abordagem foi adotada para o gerenciamento do fim de vida útil das caixas de engrenagens. A Bonfiglioli estabeleceu como meta criar, até 2027, diretrizes formais precisas e estruturadas, que serão seguidas, em 2028, por um projeto-piloto envolvendo uma seleção de itens do catálogo. O objetivo é identificar soluções capazes de otimizar e prolongar a vida útil dos produtos. Nesse sentido, o apoio dos projetos de monitoramento de desempenho desenvolvidos nos últimos anos será crucial para aprimorar a performance e a funcionalidade, com foco na durabilidade e na utilização mais eficiente de materiais e recursos.

Todos esses projetos – essenciais para as futuras gerações – são gerenciados pelas mulheres e pelos homens da Bonfiglioli. Uma frase de Sonia Bonfiglioli resume, em poucas palavras, a ligação direta entre estratégia e operação:

“Acredito que a Bonfiglioli de hoje e, sobretudo, a de amanhã não pode se basear em uma única pessoa.
NÓS somos a força da Bonfiglioli.”

O comportamento em relação aos outros é outro aspecto fundamental; ética não é apenas uma palavra presente em um documento, mas uma filosofia diária que orienta as decisões da empresa por meio de valores essenciais: Desafio, Respeito, Responsabilidade, Vencer em Conjunto. Entre eles, o respeito deixa uma marca indelével nas relações humanas, condenando qualquer forma de tratamento desigual baseada em gênero, crença religiosa ou origem cultural: palavras claras que orientam as relações entre colegas e com as partes interessadas externas. Com o objetivo de manter as pessoas no centro da empresa, foram adotadas medidas formais que envolvem representantes dos funcionários em comitês técnicos bilaterais para implementar projetos destinados a melhorar o ambiente de trabalho.

Os princípios que sempre inspiraram Clementino Bonfiglioli tornaram-se os pilares sobre os quais a nova Bonfiglioli é construída; uma jornada cujo destino está no futuro das novas gerações. Dia após dia, trabalhando com dedicação e paixão, podemos aspirar a alcançar objetivos ambiciosos: alguns deles podem parecer desafiadores, mas são necessários para garantir uma melhor qualidade de vida. Porque, às vezes, o mais importante não é saber se você conseguiu mudar o mundo, mas quantas vezes tentou fazê-lo.

Desafio

Procuramos os limites e, em seguida, os ultrapassamos com ideias inovadoras, produtos de ponta e um desempenho inigualável.

Respeito

Exploramos diferentes culturas, religiões e experiências para transformar a diversidade num recurso e alcançar um crescimento econômico sustentável em harmonia com o ambiente.

Responsabilidade

Colocamos nosso coração em tudo o que fazemos, para melhorarmos e dar o exemplo aos outros, pois a eficiência de uma equipe começa com os indivíduos que a compõem.

Vencer em conjunto

Fomentamos o talento para gerar e partilhar o conhecimento que leva ao êxito.

Nossas soluções para construir um futuro sustentável

RECICLAGEM



TRANSFORMAMOS RESÍDUOS EM RECURSOS

TRATAMENTO DE ÁGUA



TECNOLOGIAS QUE PURIFICAM O FUTURO

BIOGÁS



DO CORAÇÃO DO BIOGÁS NASCE ENERGIA E CIRCULARIDADE

ENERGIA EÓLICA



ENERGIA RENOVÁVEL QUE FAZ A DIFERENÇA

MOBILIDADE ELÉTRICA



LIDERANDO A TRANSIÇÃO PARA O ELÉTRICO

Produtos



MOTORREDUTORES EVOX DE ALTA EFICIÊNCIA



SISTEMA REGENERATIVO DE INVERSOR ATIVO



ACIONAMENTOS ELÉTRICOS DE DIREÇÃO PARA VEÍCULOS DE MOVIMENTAÇÃO EM ARMAZÉNS



ACIONAMENTOS ELÉTRICOS PARA APLICAÇÕES OFF-HIGHWAY



MOTORREDUTOR COMPACTO MONTADO NAS RODAS PARA AMR E AGV













Ser Bonfiglioli

EM FRENTE A TODA A VELOCIDADE!

O som do despertador enche o quarto; com um movimento rápido, Joshva o desliga: é hora de ir para o trabalho. Como de costume, ele leva cerca de trinta minutos para se arrumar. Antes de sair, para diante do pequeno quarto onde seus dois filhos ainda dormem e, no silêncio da manhã, escuta sua respiração. Seu dia começa com esse ritual, que o enche de energia positiva.

Sua esposa o abraça à porta do apartamento antes de vê-lo partir para o caos matinal de Chennai. Joshva atravessa rapidamente as ruas em sua scooter e, como sempre, às dez para as oito entra no vestiário, onde repete os mesmos gestos lentos e familiares – exatamente como Saravanabava está fazendo naquele momento.

À esquerda: um trabalhador na planta de Chennai.

À direita: Joshva S



Ambos trabalham na planta da Bonfiglioli e estão unidos por um fio comum que torna sua relação especial: Saravanabava e Joshva viveram no Home for Children, construído por meio do projeto Bonfiglioli CheerFutureLand, inaugurado em 2010. Uma amizade os liga à Bonfiglioli desde a infância, assim como acontece com muitas outras crianças que, ao longo dos últimos dezesseis anos, encontraram um lar na estrutura idealizada por Clementino Bonfiglioli. Graças a esse apoio, tiveram a oportunidade de estudar e de se preparar para o mundo do trabalho.

Hoje, ambos podem se orgulhar do caminho que percorreram.

Joshva é técnico de manutenção especializado em linguagens de máquinas, enquanto Saravanabava trabalha no departamento de montagem e é responsável pela montagem de caixas de engrenagens. Eles fazem parte integrante dessa comunidade de milhares de pessoas espalhadas por cinco continentes que, todos os dias, contribuem para as atividades que constituem a Bonfiglioli. Eles também são peças fundamentais de "Vite senza fine", juntamente com todos os homens e mulheres da Bonfiglioli – do passado e do presente – que ajudaram a construir a história da empresa.

Havia apenas uma maneira de iniciar o capítulo final deste livro: falando sobre as pessoas.

Setenta anos de história servirão de guia para o futuro. As palavras escritas neste livro foram pensadas para transmitir às futuras gerações a consciência de que, todos

manufatura
substantivo

[do latim medieval *manufactura*, derivado de *manu* facĕre, “*fazer à mão*”].

CONJUNTO DE TAREFAS E OPERAÇÕES, REALIZADAS À MÃO OU POR MEIO DE MÁQUINA, ATRAVÉS DAS QUAIS UMA MATÉRIA-PRIMA É TRANSFORMADA EM UM BEM DE CONSUMO; OU SEJA, EM UM PRODUTO MANUFATURADO [...]

© ISTITUTO DELLA ENCICLOPEDIA ITALIANA FUNDADO POR GIOVANNI TRECCANI







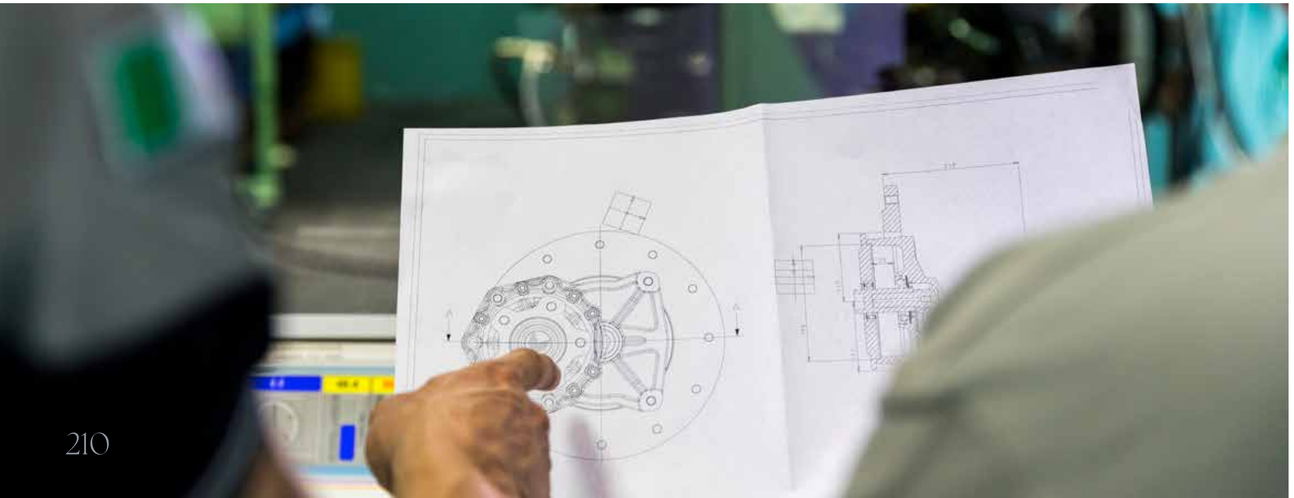
Funcionários da Bonfiglioli trabalhando em plantas em todo o mundo.





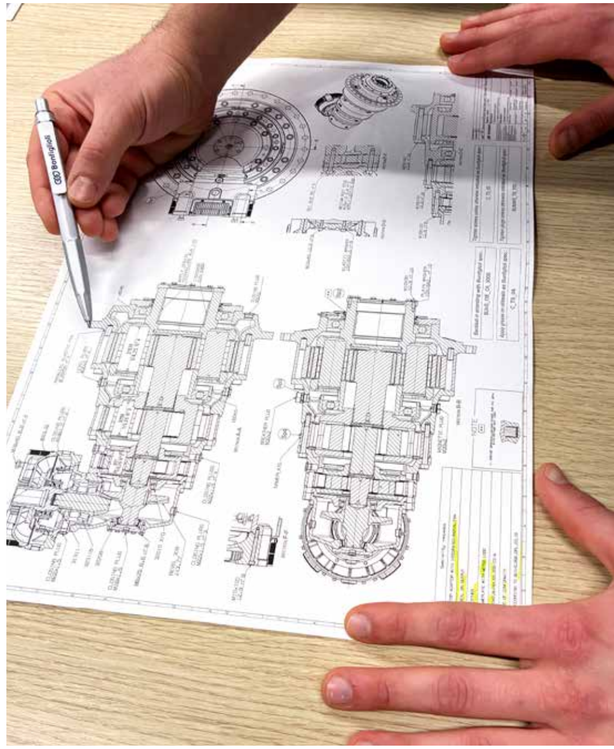
os dias, elas participam de algo extraordinário. O trabalho de cada indivíduo fornecerá a energia necessária para manter acesa a chama que foi acendida, pela primeira vez, em meados do século XX, em uma pequena oficina de Bolonha.

Preservar os valores sobre os quais a Bonfiglioli foi fundada exigiu uma nova forma de comunicação; uma mudança fundamental em relação ao antigo modelo unilateral, no qual a empresa tomava todas as decisões e os funcionários simplesmente as aceitavam. Hoje, todas as opiniões são importantes, independentemente da posição de uma pessoa dentro da hierarquia da organização. O principal objetivo deste sistema mais colaborativo e bidirecional é envolver todos os funcionários; trata-se de uma nova fronteira que permite à empresa tomar decisões com maior consciência e obter uma visão mais ampla no processo. Hoje, todos que fazem parte do mundo Bonfiglioli dispõem de ferramentas que oferecem não apenas informações sobre o desempenho da empresa, mas muito mais: porque os verdadeiros obstáculos ao compartilhamento mais amplo são as dificuldades de interação e a falta de compreensão mútua entre as pessoas.



A Bonfiglioli vem trabalhando nesses aspectos há bastante tempo. A partir de 2014, foi disponibilizada uma ferramenta interna de comunicação chamada BNET – que agora evoluiu para a plataforma Bclose – com o objetivo de conectar todas as áreas da empresa. Por meio dessa plataforma, as mulheres e os homens da Bonfiglioli podem encontrar documentos, relatórios financeiros e tudo o que está relacionado à vida da empresa. Além disso, foram criados canais específicos para que os funcionários compartilhem suas paixões e atividades de lazer, incluindo espaços dedicados a livros, esportes e animais. Trata-se de uma vasta comunidade virtual na qual pessoas separadas por milhares de quilômetros





podem conversar sobre interesses em comum e sobre aquilo que amam, independentemente da função que desempenham na empresa.

Essa nova abordagem também apoia aqueles que trabalham na área de recursos humanos. O mundo do trabalho mudou profundamente: ao longo dos últimos trinta anos, a antiga aspiração de permanecer toda a vida profissional em uma única empresa foi substituída por prioridades que envolvem não apenas fatores econômicos, mas também a qualidade do tempo dedicado à família e as paixões pessoais. O grande desafio para o futuro da Bonfiglioli será transmitir o que significa "Ser Bonfiglioli" e o que isso significará nos próximos anos. Será necessário encontrar um equilíbrio entre as necessidades da empresa e as necessidades das pessoas, sem jamais perder de vista a luz que guia a Bonfiglioli desde 1956. Essa é uma responsabilidade importante para a empresa, que precisará fazer escolhas estratégicas relevantes, mas também representa uma oportunidade extraordinária para todos aqueles que vivem a realidade da Bonfiglioli diariamente e que serão chamados para ajudar a moldar seu futuro. Hoje, a Bonfiglioli é profundamente diferente: é uma multinacional líder no cenário mundial.





As pessoas que trabalharam na empresa ao longo desses primeiros setenta anos procuraram, cada uma à sua maneira, "Ser Bonfiglioli", mantendo-a em seu rumo e se transformando sem perder de vista quem são, fosse por alguns meses, vinte anos ou uma vida inteira.

As inúmeras emoções que vemos nos olhos dos primeiros funcionários – uma lágrima correndo pelas rugas do rosto, uma frase interrompida por um nó na garganta ao relembrar uma experiência marcante – foram os verdadeiros tijolos que construíram os alicerces da Bonfiglioli. A paixão de Clementino ontem e a de Sonia hoje, juntamente com o trabalho de milhares de mulheres e homens em todo o mundo, moldaram a Bonfiglioli que conhecemos atualmente. Chegou a hora de virar a













página mais uma vez, pegar uma caneta e começar a desenhar o futuro. Um esforço coletivo que, por vezes, será marcado por divergências, dúvidas e escolhas difíceis, todas necessárias para construir um futuro em constante evolução.

Nesta nova era que está prestes a começar, haverá novos protagonistas: os netos de Clementino – criados entre pão e caixas de engrenagens – e todos os jovens que cruzarão seu caminho com o da Bonfiglioli.

As novas gerações de colegas não terão fórmulas definidas, mas contarão com uma oportunidade extraordinária: observar o passado. Essa será a ferramenta mais poderosa para moldar o futuro; olhar para as próprias origens, levar adiante os valores fundadores da empresa e utilizá-los como alavanca para o crescimento.

Clementino, Franco, Giancarlo, Marco, Gianni, Arrigo, Arnaldo, Paolo, Mario, Gianfranco. Esses nomes, juntamente com muitos outros, alimentaram as raízes da Bonfiglioli. Com sua paixão e com seu modo de "Ser Bonfiglioli", conceberam e construíram um novo caminho: aquele que percorremos durante estes primeiros setenta anos.

Agora é a sua vez: inspire-se no passado e olhe para o futuro; imagine e construa o novo caminho que levará a Bonfiglioli ainda mais longe!

Você cometerá erros, terá mil dúvidas e incertezas, mas basta olhar ao seu redor em tudo o que faz para encontrar as respostas. Você também terá de “Ser Bonfiglioli”.

E talvez, em algum momento difícil, você ouça a voz de um homem de cabelos brancos e olhos azuis como o mar sussurrando:

“Em frente a toda a velocidade!”



Sonia com seus filhos, Alessandro e Federico

A história continua...

SONIA BONFIGLIOLI E SEUS FILHOS

Copyright © 2026 Bonfiglioli S.p.A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou por meio de qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem autorização por escrito do autor.

Impresso na Itália em papel revestido com baixo impacto ambiental.

Créditos das imagens e bibliografia

Biblioteca Universitária de Bolonha

Biblioteca do Archiginnasio, Bolonha

Museo del Giocattolo in Movimento (Museu do Brinquedo em Movimento), Sala Bolognese (BO)

Alma Mater Studiorum da Universidade de Bolonha

Museo del Patrimonio Industriale (Museu do Patrimônio Industrial), Bolonha

Arquivo Fotográfico, foto de R. Bertuzzi

Instituto de Ensino Superior Aldini Valeriani, Bolonha

Arquivo do Museu do Patrimônio Industrial, Paolo Betti, 2012

Instituto Aldini Valeriani, de A. Villani & Figli, Rainaldi, Girolamo, Vannini, Vincenzo (meados do século XX) Termos de uso – Beni Culturali Standard (BCS)

L'India che cammina dalla tradizione al futuro (Índia, da tradição ao futuro) – Fotografias: Elisa Pellacani - 2004

Área de vídeos

Escaneie para conteúdos extra

E-BOOKS EM OUTROS IDIOMAS PODEM SER CONSULTADOS ONLINE.

Bonfiglioli

Temos um compromisso incessante para com a excelência, a inovação e a sustentabilidade. A nossa equipe cria, distribui e fornece manutenção para soluções de transmissão de energia e acionamento de classe mundial que mantêm o mundo em movimento

SEDE PRINCIPAL
Bonfiglioli S.p.A

Via Cav. Clementino Bonfiglioli, 1
40012 Calderara di Reno - Bolonha (Itália)
Tel. +39 051 6473111